

IGREJA DO CONVENTO DA
LUZ — 1844 — SÃO PAULO

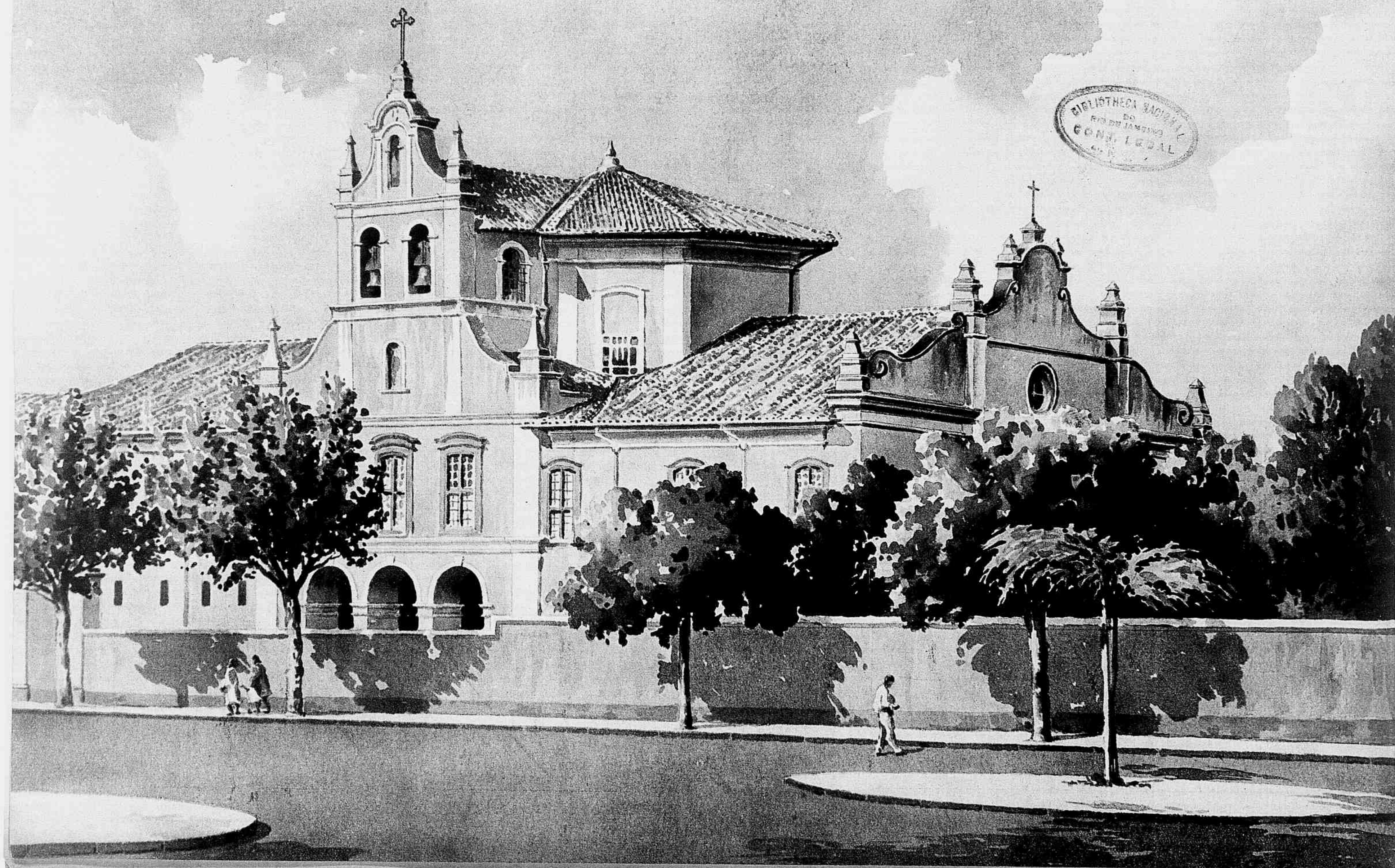
Aquarela de F. RANZINI.

Revista da Semana

9 de Agosto de 1941

1\$500

em todo o Brasil



De São Paulo



Aspetto do Pavilhão do Congresso após as cerimônias religiosas.



Ao alto — O carro do Triunfo, em que d. José Gaspar de Afonseca e Silva conduzia o S.S. Sacramento. Ao centro — A chegada de d. José Gaspar pela manhã, ao Gonzaga. Em baixo — Aspetto tirado durante a missa das 10 horas, celebrada por d. José Gaspar.

O povo de Santos viveu uma semana de intensa religiosidade, durante a qual, com brilho singular, se realizou o Congresso Eucarístico. Sem que se possam destacar as luses todas dessa notável página de espírito religioso, que culminou na magnífica cerimônia do encerramento, merecem relevo a missa das senhoras; a sessão magna, realizada no Gonzaga, no Pavilhão do Congresso, durante a qual falaram o prof. José Carlos de Ataliba Nogueira, da Faculdade de Direito de São Paulo, e o dr. Arquimedes Bava, advogado em Santos; e a missa e comunhão dos homens.

O dia do encerramento foi o mais imponente de todos. Após a missa, o arcebispo de São Paulo, o prefeito da cidade, dr. Antonio Gomide Ribeiro dos Santos, deu uma recepção, no Paço da s. excia. revma. e aos bispos e prelados que tomaram parte no Congresso. Na praça Mauá verificou-se uma numerosa concentração mariana. As 16 horas, realizou-se o cortejo triunfal eucarístico. O Carro do Triunfo — confeccionado pelos alunos do Instituto Escolástica Rosa — e no qual d. José Gaspar conduzia o S. S. Sacramento, saiu da Casa do Senhor, à avenida Conselheiro Nebias, percorrendo osse logradouro, a rua Minas Gerais e a avenida Ana Costa, dirigindo-se para o Pavilhão do Congresso, no Gonzaga. Foi o Carro conduzido por vultos da Igreja, figurando no cortejo as Irmandades, Confrarias, Asilos, Tiros de Guerra, clero secular e regular e inumerável massa popular.

D. José Gaspar deu, do Pavilhão, a bênção do S. S. Sacramento ao povo, encerrando, a seguir, e m brilhantíssima alocução, o Congresso Eucarístico.

Quando fôr a São Paulo

... não deixe V.S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos

Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

★

• Restaurante • Salão de Chá • American Bar. (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA

Succesora de **MAPPIN STORES**
R. RAMOS DE AZEVEDO - S. PAULO



1.º CONGRESSO NACIONAL DE QUÍMICA

Participantes desse certame, 120 químicos visitaram a Fabrica Lever, industria de sabonetes. E nessa interessante visita os tecnicos demoraram nas demais secções componentes da importante industria, inclusive na de fabricaçao de dentifricio por processo livre de contacto manual. A impressão dos visitantes foi, afinal, a melhor possível.

GUERRA QUÍMICA

Cláudio F. F. F.

As páginas imaginosas dos escritores fantasistas, calcadas sobre hipóteses científicas, como as de Wells, por exemplo, vêm dia a dia passando do terreno da abstração para o plano da realidade. Não se sabe se esses escritores foram videntes ou se a humanidade se inspirou nas suas extraordinárias concepções para levar os elementos de destruição ao seu potencial máximo. E fica-se a pensar na estranha possibilidade de ainda chegar a ser a imaginação fértil dos escritores superada pelas realizações práticas do homem. Este, excedendo-se a si próprio, excede a natureza, que não facit saltus, como proclama o aforismo divulgado por Leibnitz.

A Física inteira, em todas as suas searações, se transportou para os quartéis gerais. Os exércitos de terra, do mar e do ar são governados pela gravidade e pela hidrostática, pela ótica e pela acústica, pelo magnetismo e pela eletricidade. A ciência, a mais preciosa das conquistas humanas, auxilia, favorece e encoraja o homem na guerra, a mais torpe das suas manifestações de animalidade. Aquilo que significava justamente um marco de progressão fica servindo de elemento de regressão. A creatura voltou, nas últimas guerras, a morar nas cavernas das trincheiras, como os trogloditas, volta na guerra de hoje ao abrigo subterrâneo, para não ser esmagada sob o lar que os aviões destruirão. Não há muito, só os exércitos e as armadas se entrecrocavam, agora, até as cidades pacíficas servem de digressão, num satânico esporte, aos espíritos destruidores.

Não são apenas os guerreiros, os gladiadores das arenas malditas, que sofrem. Para matá-los à fome, condenam-se, através dos bloqueios, os povos todos, incluídos no rol aqueles que a idade aproxima cada vez mais do túmulo e mal afasta do berço. É o imperativo doloroso do direito de querer vencer.

Os submarinos aperfeiçoam-se na sua missão traiçoeira; os carros de combate crescem desmesuradamente no seu objetivo de irresistibilidade; as minas enxameiam os mares, armadilhas inconscientes à espera da inocência das vítimas; as cintas magnéticas surgem, para chamá-las à impotência; sucedem-se os aparelhos de escuta, que denunciam as incursões aéreas. E até do espaço caem pedaços de exércitos, lcaros experientes que trocaram as asas de cera da fábula pela seda consistente dos para-quedas.

As armadas levaram as construções navais ao máximo. A tonelagem multiplicou-se. Os limites de calibre e de deslocamento, acordados na Conferência de Washington, ficaram no papel... Entretanto, se não foi respeitado o limite máximo, também se buscou um limite mínimo, através das lanchas-torpedeiras e dos barcos-mosquitos. Dest'arte, as marinhas chegaram aos extremos: do mammoth pré-histórico ao microscópico protozoário.

Apareceram armas secretas, umas inteiramente impossíveis, contidas apenas no âmbito da imaginação e anunciadas como os fantasmas que metem

medo aos adultos e o "bicho-papão" que apavora as crianças; outras integralmente existentes, mas sutis, invisíveis, inspiradas no lirismo envolvente de Lovelace ou no tristíssimo pessimismo de Talleyrand, mergulhando no mais profundo das consciências, como os submarinos nos oceanos e as belonaves na estratosfera — as chamadas «quintas-colunas». Nasceu daí essa coisa estranha, metafísica, a mais diabólica das invenções cerebrais, denominada, em razão do seu aspecto inteiramente subjetivo, de «guerra dos nervos».

A guerra atual estava assim...

Todos os gabinetes de Física do mundo haviam sido transportados para os campos de batalha, pela mão dos quartéis-generais, aperfeiçoados de instante a instante nas oficinas, nas fábricas, nos estaleiros. O coração humano, entretanto, ditou restrições: a balística não deveria ficar apenas adstrita ao arremesso e alcance dos projéteis, e sim imiscuir-se também na forma destes. Proscreveram-se, por isso, as balas dum-dum, de poder mortífero igual aos das flexas recortadas dos nossos índios parintintins que encham de pavor os arredores da serra matrogrossense da Pacanova.

Todos os compêndios de psicologia haviam sido relegados, porque a consciência humana passara a ter a inconsistência dos líquidos e os caprichos dos gases, adaptável, informe, acomodaticia como nem Voltaire poderia supor; algo de desconcertante e inconfessável.

O olhar humano, com perversidade que nunca poderão ter os olhos dos tigres e dos chacais, espia da tréva. Lóbrego, sinistro, espia... Espia, medita, premedita, com a pupila a fusilar sinistramente, mais do que o relâmpago e do que a fulguração dos incêndios e das explosões.

Quem foi que imaginou que a maldade humana tem limites? Qual foi o ingênuo que supoz que o Homem seria capaz de parar em determinado limite? Quem foi que acreditou no milagre da consciência, essa flor que nem ao menos aparece, como a do lótus do Egito, de cem em cem anos?

Nós, de hoje, temos, inevitavelmente, de concordar com Salomão, cuja justiça deveria ser a inspiradora dos racionais: é infinito, mesmo, o número dos tolos...

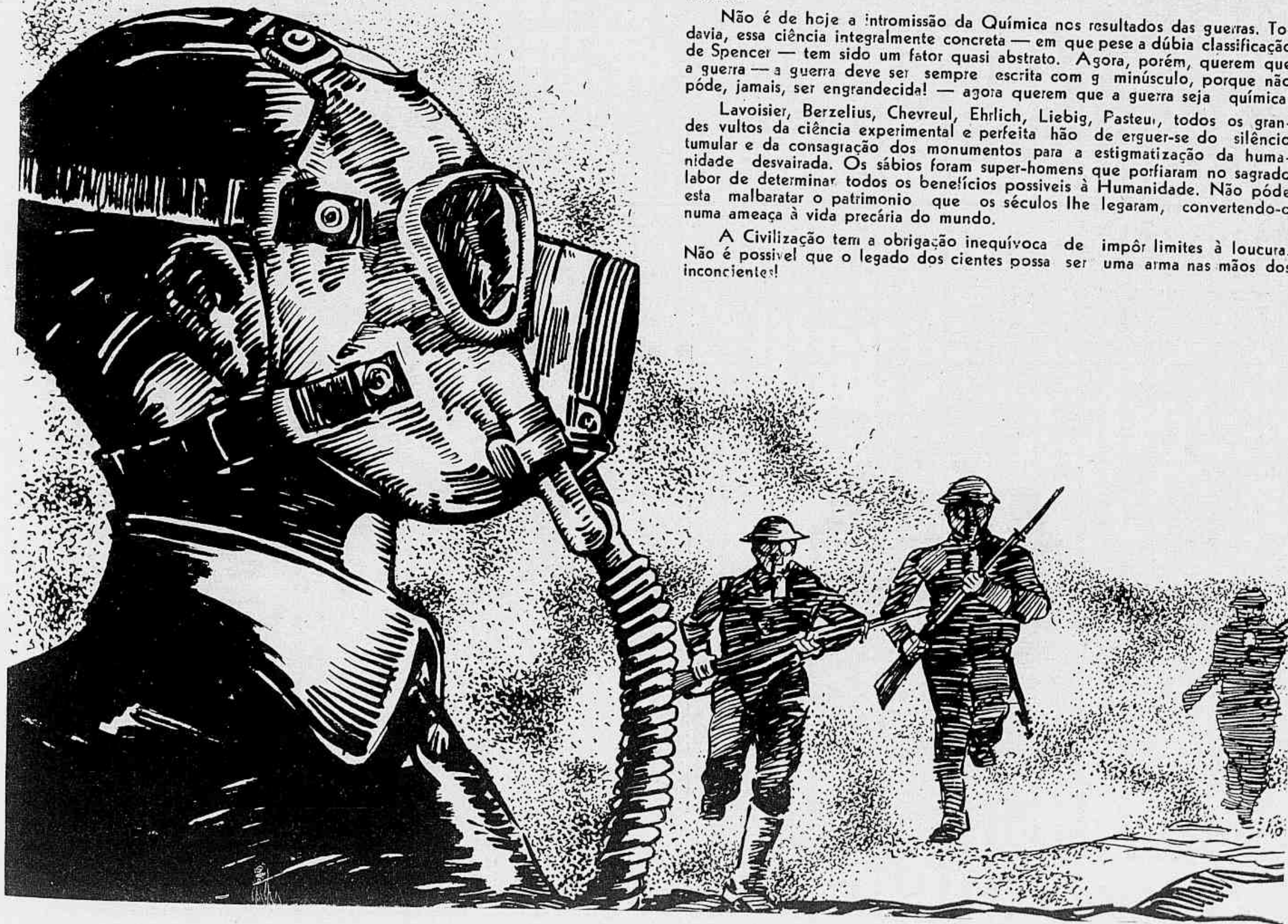
O olhar humano, como a visão insaciável dos turistas, cansou da contemplação dos gabinetes físicos, que não dão novidade alguma: enojou-se do gabinete estreito e sórdido dos cérebros, que não se define, porque é o indefinível, na mais lata expressão por que possa ser entendido... Voltou-se para outro, para o santuário dos laboratórios.

A Química! Sim! Enquanto a Física é a imutabilidade, a Química é a alteração. Transforma — já havia dito Lavoisier, aquele que lhe dilatou os horizontes.

Não é de hoje a intromissão da Química nos resultados das guerras. Todavia, essa ciência integralmente concreta — em que pese a dúbia classificação de Spencer — tem sido um fator quasi abstrato. Agora, porém, querem que a guerra — a guerra deve ser sempre escrita com g minúsculo, porque não pôde, jamais, ser engrandecida! — agora querem que a guerra seja química!

Lavoisier, Berzelius, Chevreul, Ehrlich, Liebig, Pasteur, todos os grandes vultos da ciência experimental e perfeita não de erguer-se do silêncio tumular e da consagração dos monumentos para a estigmatização da humanidade desvairada. Os sábios foram super-homens que porfiaram no sagrado labor de determinar todos os benefícios possíveis à Humanidade. Não pôde esta malbaratar o patrimônio que os séculos lhe legaram, convertendo-o numa ameaça à vida precária do mundo.

A Civilização tem a obrigação inequívoca de impôr limites à loucura. Não é possível que o legado dos sábios possa ser uma arma nas mãos dos inconscientes!



O C A R T A Z

Conto de ALBERT-JEAN

Pergunta-me o senhor a razão por que passei algum tempo naquela casa de repouso e por que abandonei o estrado dos concertos, onde, há sete anos, alcançava triunfo sobre triunfo... O caso deu realmente que falar. Todos os jornais se ocuparam do acontecimento, atribuindo-lhe, à falta de informação segura, as causas mais variadas e extravagantes. Deram-me como loucamente apaixonado e desdenhosamente repellido — quando a verdade é que nunca me acontecera uma coisa nem outra... Referiram-se a desgostos de família, ao jôgo, a orgias... Assim a imprensa aproveitava os boatos que iam correndo e lançava outros por sua conta. Depois, outros sucessos mais ou menos impressionantes ocorreram e a minha história foi esquecida. Paris tem tanta coisa importante e sensacional de que se ocupar... E não se falou mais naquilo.

Pois si realmente lhe interessa saber, caro senhor, a causa de tudo foi o cartaz no qual eu era representado romanticamente, de sobreca-saca azul e peitilho de rendas, num cenário de jardim inglês, entre um repuxo e um chorão. O desenhista esmerara-se deveras em me tornar um belo homem e dar-me o ar, entre melancólico e sedutor, que as mulheres tanto apreciavam. Com efeito, tornei-me um desses homens pelos quais certas criaturinhas de pouco juízo e até de pouco sentimento se julgam, por mais ou menos longo período, mas em geral bem curto, irresistivelmente atraídas. De repente, passa-lhes a ilusão, mas cada uma acrescentou à fama do herói uma lenda que é tomada a sério. E por essas apaixonadas fúteis e efêmeras pagam na sua reputação todas as outras mulheres.

Outro efeito do cartaz era influir na organização do meu repertório. Fui me habituando a cantar e a apresentar-me em público de maneira a ficar parecido com aquele retrato... estilizado. Os próprios compositores, obedecendo àquele aspecto físico e àquela feição artística, passaram a oferecer-me canções cuja letra e cuja música tanto quanto possível lhes correspondiam.

Ora, naquele princípio de estação aceitara eu convite para dar três audições numa cidade do Sul, onde já doutras vezes fôra acolhido com o maior entusiasmo, posso até dizer com verdadeiro delírio. Cheguei lá pelo fim da tarde e o meu primeiro cuidado foi verificar si haviam sido postos os meus cartazes nos lugares previamente indicados... E imagine o senhor a minha surpresa e a minha indignação ao encontrar outra figura que não a minha num dos pontos que me haviam sido reservados por contrato, em pleno centro da cidade!

Em verdade o cartaz em questão não podia ser confundido com o meu. Era uma litografia barata, de colorido extravagante e espaventoso, onde se via um reles cantador do gênero chamado "realista", de boné à banda e ponta de cigarro ao canto da boca. E os títulos das obras do seu repertório completavam eloquentemente o grosseiro personagem: *Musa da sargeta*, *Sangue e lama*, *Polca dos guilhotinados* e outros nomes que até me repugna repetir.

Escandalizado com o desaforo do indivíduo que assim usurpara o meu lugar, mandei imediatamente cobrir o seu cartaz com o meu e voltei para o hotel, onde o meu criado particular se ocupava da minha instalação. Na manhã seguinte, após haver dado uma entrevista a um repórter da terra e posto dedicatória em algumas fotografias, lembrei-me de fiscalizar de novo a minha publicidade. Dirigi-me primeiramente ao ponto

onde o cantarolador realista tentara prejudicar o meu reclamo em favor do seu. E a exclamação que soltei foi ainda mais revoltada que a da véspera. Durante a noite, o próprio *apache* de trólóló ou algum anônimo que não pudera arrancar de todo o meu cartaz rasgara um pedaço ao alto e, por êsse buraco, aparecia o rosto do vagabundo substituindo o meu. Sim, o que se via sob a verdura do chorão, perfeitamente aplicada ao meu pescoço, aos meus ombros, era uma fisionomia de vagabundo ou de criminoso, uns olhos garços, rebrilhantes de perversidade, um sorriso indecente como si acompanhasse uma palavrada. E os transeuntes paravam, espantados no primeiro momento e depois achando aquela mistura imensamente divertida.

Durante o resto do dia o semblante canalha andou diante dos meus olhos que, a bem dizer, não podiam ver outra coisa. Passei horas intermináveis estendido num sofá, com uma dôr de cabeça pavorosa.

Felizmente, à aproximação da hora do concerto o meu sofrimento parecia atenuar-se, como se devesse passar dum momento para outro. Fui ganhando alma nova. Tinha, pelo menos, essa impressão ou essa esperança. No momento de enfrentar o público, sentia-me reanimado. E quando entrei no cenário malva-e-cinza, que reproduzia fielmente o colorido do cartaz, os aplausos das minhas fieis ouvintes acabaram de dissipar o estranho mal-estar. Melhor do que isso: A assistência parecia-me, mais do que nunca, disposta a dar-me atenção e a honrar-me com seus aplausos. E quando anunciei o título da primeira romãça: *Desfolha o meu coração, como se fôra uma rosa*, um murmúrio de admiração e de ternura me envolveu deliciosamente.

O maestro bateu com a extremidade da batuta na borda da estante. A orquestra atacou os compassos da introdução. E então... deu-se o desastre! Em vez da melodia suspirosa e lânguida que devia iniciar, começou a sair-me da boca uma cançoneta ordinária, de arrepiar os nervos da menos sensível das espectadoras e até dos espectadores. E tão imunda como a música era a letra que, apesar dos esforços mais desesperados, me escapava dos lábios, com os termos mais grosseiros, frases do mais sórdido populacho, enfim a *Musa da sargeta* em toda a sua baixa hediondez, ao mesmo tempo que pela nuca me entrava, horrenda, infame, a fisionomia do "outro" que vinha substituir a minha!

A assistência, de pé, vociferava, ameaçava-me, procurando com os olhos coisas para me atirar. O contra-regra gritava "Pano abaixo! Pano abaixo!" A dôr de cabeça que de repente voltara tornou-se insuportável. Parecia que os miolos iam estourar. Senti uma espécie de desmaio. E quando voltei a mim, estava na clínica de repouso.

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A DECANA DAS REVISTAS NACIONAIS

Premiada com medalha de ouro na
Exposição de Turim de 1911 e os
Grandes Prêmios nas Exposições de
Sevilha e Antuérpia em 1930, e na
Feira Internacional de S. Paulo em
1933.

PROPRIEDADE DA
COMPANHIA
EDITORIA
AMERICANA

Diretor: GRATULIANO BRITO
ASSINATURAS

BRASIL E AS 3 AMERICAS:

Um ano 63\$000

6 meses 32\$000

REGISTRADA:

Um ano 80\$000

6 meses 40\$000

ESTRANGEIRO REGISTRADA:

Um ano 170\$000

6 meses 90\$000

AVULSO 1\$500

ATRAZADO 2\$000

R. VISC. DE MARANGUAPE, 15

TELEFONES:

DIREÇÃO 22-2622

GERÊNCIA 22-2550

SECRETARIA 22-4447
REDAÇÃO E PUBLICIDADE 22-9570
FOTOGRAFO 22-1013
PORTARIA 22-5602

ENDEREÇO TELEGRÁFICO:

"REVISTA" — RIO DE JANEIRO

SUCURSAL EM SÃO PAULO:

Edifício Martinelli — 10.º andar —

Sala G — Telefone: 3-3885.

End. Telegráfico: "REVISTA"

Tem agentes em todas as capitais e

principais cidades do Brasil.

REPRESENTANTES:

Nos Estados Unidos da América do

Norte — S. S. Koppe & Cia. — Times

Bldg. New York City.

Em Portugal — Agência Geral de Pu-

blicações — Rua do Arsenal 84

Lisbôa.

Na Africa Oriental Portuguesa —

D. Spanos — Caixa Postal 434.

Lourenço Marques.

No Uruguai — Moratorio & Cia. —

Constituyente 1746, Montevideo.

Todos os originais enviados à

REVISTA DA SEMANA devem

vir datilografados.

Os trabalhos assinados são de

responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52

PÁGINAS

O número de Urbanismo da
REVISTA DA SEMANA

*Informamos a quem interessar
que ainda restam alguns exem-
plares da grande edição extra da
REVISTA DA SEMANA dedica-
da à URBS. Mas só atendemos
aos pedidos que venham acompa-
nhados da respectiva importan-
cia; ou, então, aos que sejam en-
caminhados por nossos agentes.*

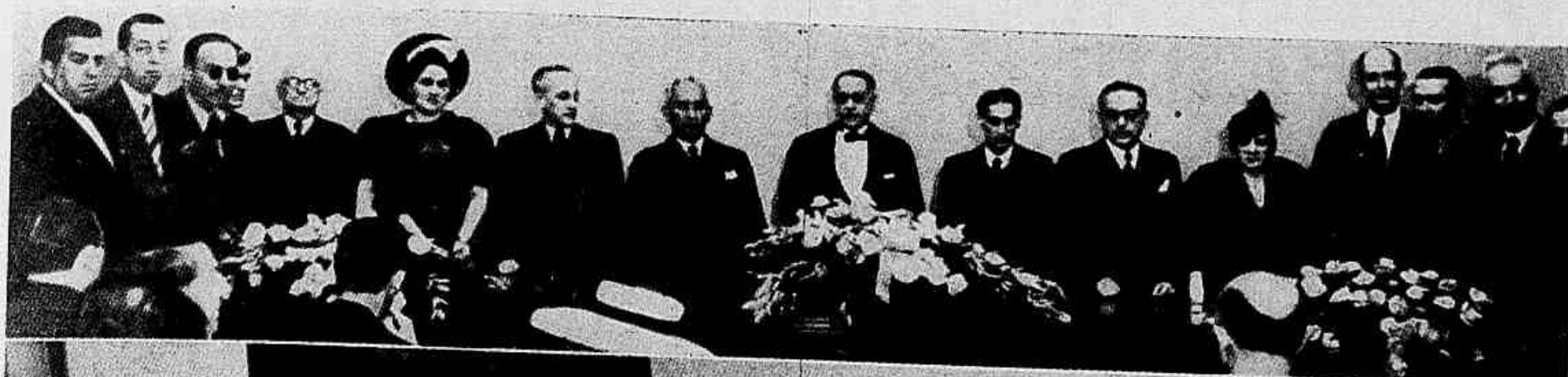
Preço do número: 5\$000

PEDIDOS PARA A

REVISTA DA SEMANA

Rua Maranguape, 15 - Rio

FIGURAS & FACTOS



CONSELHOS NACIONAIS DE ESTATISTICA Em sessão conjunta, realizada na sede do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, encerraram os seus trabalhos a 26 de Julho p. findo as Assembléias Geraes dos Conselhos Nacionais de Estatística e de Geografia, órgãos dirigentes daquelle Instituto. Da sessão de encerramento, que foi presidida pelo embaixador José Carlos de Macedo Soares, são os dois aspectos acima.



COMEMORAÇÃO NO CENTRO MARANHENSE Com a presença do dr. Geraldo Mascarenhas, representante do sr. Presidente da Republica, de representantes dos ministros do Trabalho, da Agricultura e da Viação, do Instituto dos Advogados, de centros estaduais e de várias outras instituições culturais e sociais, de figuras da colonia maranhense e de senhoras e senhorinhas, realizou-se no Auditorio da Associação Brasileira de Imprensa a festa civico-artística com que o Centro Maranhense comemorou a adesão do Maranhão á Independencia do Brasil no dia 28 de Julho. Abrindo a sessão falou o dr. Walfredo Machado, presidente do Centro Maranhense, que disse da finalidade civica da reunião, dando em seguida a palavra ao sr. Josué Montelo, que discorreu sobre a data e sua significação na história da emancipação politica do Brasil. Por ultimo falou o interventor Paulo Ramos, que fez um relato das atividades do seu governo no ano de 1940. Deu-se então inicio á parte artistica da festa, em que tomaram parte figuras do nosso meio artistico-social: senhorinha Madeleine Rosay, primeira bailarina do Teatro Municipal; cantoras senhorinhas Maria Silvia Pinto e Lenita Bruno; pianistas senhorinhas Silvia Guaspari e Marília Delamare e senhora Ilka Martins, declamadoras senhorinhas Maria Sabina de Albuquerque e Luba Vátnick; violinista senhorinha Lilia Guaspari e a bailarina e declamadora Haydée Onrubia.

O SENADO ROMANO

As sessões do antigo Senado romano eram bem diferentes das que realizam os parlamentos de hoje.

Os senadores romanos reuniam-se num edificio simplicissimo, a Curia Hostilia, no Forum, de paredes caiadas. Sentavam-se em bancos de madeira. Os magistrados ocupavam cadeiras especiais. E, embora o recinto ficasse aberto, era vedado o acesso ao público. O primeiro a sentar-se

era o que presidia à sessão. Lia as mensagens dos generais e dos governadores; cedia a palavra aos enviados dos povos estrangeiros, aos magistrados, aos senadores; e comunicava à assembléa o que julgava conveniente. Começava invariably pelos assuntos religiosos.

Expunha a questão acerca da qual desejava consultar o Senado. Principiava por estas palavras: "No interesse do povo romano vos submeto o seguinte..." E concluía: "A tal respeito, que convém fazer?"

Os senadores não votavam. O presidente interrogava-os um por um, pela ordem da dignidade das magistraturas que haviam exercido: censores, cônsules, pretores etc. Interrogava os senadores, dizendo: "Fale Fulano". Em geral só falavam os primeiros interrogados; e os restantes aderiam ás opiniões expressas. Com o tempo, porém, veio a adotar-se um processo mais expeditivo. O magistrado expunha as diversas opiniões formuladas e dizia:

— Os que forem desta opinião coloquem-se á esquerda.

A sala dividia-se em duas secções largamente separadas. Os senadores que não tinham sido magistrados não falavam nunca; limitavam-se a sentar-se dum lado ou outro, para dar a conhecer a sua opinião. E eram chamados *pedani*, quer dizer: os que votam com os pés.



GARRIDICES DA CORÉA

POR LIMA FIGUEIREDO



NAS RUAS DE KEIJO, atual nome de Seul, antiga capital da Coréia, a cor que predomina é o branco. Difícil encontrar-se alguém com uma vestimenta de outra cor. Crianças, adolescentes, homens e mulheres, moços e velhos, todos cruzam diante nossos olhos envergando suas vestes brancas tradicionais. Nem o frio nem o calor obrigam o povo a adotar o cinza, o amarelo, o vermelho ou mesmo o negro. Achei esquisita tal usança e, por isso, indaguei até saber cabalmente o seu porquê. Ao contrário de nós, o oriental considera o branco como a cor própria para o luto, o que não deixa de ter sua dose de razão. Depois de mortos todos se tornam puros e, já dizia o poeta que há duas cousas neste mundo santas — o rir do infante e o descansar do morto. Então vestir-se de branco, muitas vezes em pleno inverno, é exteriorizar um sentimento puro, sagrado, alvo como a alma do ente querido que se partiu para o céu.

Os amarelos levam muito a sério a questão do luto, e conforme o grau de parentesco variam os períodos de nojo. Outrora, quando a Coréia ainda tinha rei, era obrigatório em todo o país conservar-se o povo de luto por trinta anos, toda vez que falecesse seu soberano. E, como antes de findar este prazo já houvesse finado novo monarca, ficou definitivamente o povo em permanente luto, sem se incomodar com as perdas que a casa real fosse sofrendo.

A mulher coreana veste-se de um modo completamente diferente da japonesa e da chinesa. Seu vestido é uma peça única que a cobre do pescoço aos pés que são calçados por um chineliño sem salto, muito macio, em forma de canoa e de biqueira arrebitada. Na cintura amarra uma faixa bem larga, que delimita o comprimento da saia, e a parte de cima, que forma a blusa, é presa do lado direito por artístico laço,

geralmente feito com fitas encarnadas. Ocasionalmente vestem por cima de tudo um casaquinho branco. Carregam os filhos às costas, bem em cima das ancas, ao revés das japonesas, que o fazem de sorte que o petiz fique com a cabecita na altura do pescoço da mãe. Lobriguei algumas senhoras com seus babies embrulhados em enormes cobertores, formando escandaloso volume nos respectivos quadris.

Os homens andam de calças bombachas semelhantes às dos nossos caipiras, presas no terço inferior da perna. Vestem camisa de mangas largas sem punhos e com gola alta tapando a nuca. Um longo casaco, parecido com os nossos guarda-pós, é vestido sobre tudo e preso ao lado por meio de uma fita. Na cabeça trazem uma implicante cartolinha negra, transparente, que a mim pareceu ser urdida com fios de cauda de cavalo. Não repousa a tal cartolinha diretamente no couro



Preparando a conserva de legumes em pimenta vermelha.

cabeludo, e sim sobre um barrete de seda em tudo similar ao usado pelos nossos bispos. Uma fita, também negra, prende ao pescoço do coreano a sua bizarra cobertura, que, quando chove, é defendida por uma capa impermeável em forma de cone. A nós, os indivíduos com suas cartolinhas denominadas *ca*, cobertas somente por um pequeno guarda-chuva, parecem supinamente ridículos.

É comum topar-se à beira dos rios grande numero de lavadeiras batendo com um cacetete a roupa suja que procuram clarear. Entrementes seus maridos ficam em casa, maxime no inverno, sentados no soalho da casa, modorrentamente, sentindo o calor confortante da fumaça que, saindo do fogão, passa por baixo de todos os compartimentos da casa, antes

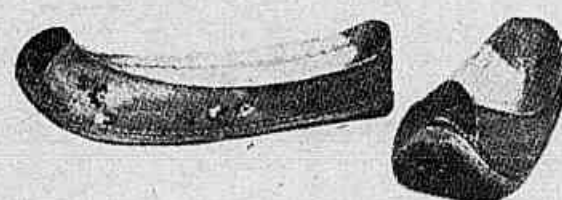
de escapar-se pela chaminé. No Extremo-Oriente, as mulheres coreanas são conhecidas como excelentes trabalhadeiras e os homens como madraços sem competidores. Irmãos, agora, aos japoneses, quiçá meliores para a felicidade do torrão onde nasceram, digno de melhor sorte pela sua belíssima história.

O principal alimento do povo é o arroz, produzido em tal quantidade a ponto de permitir exportação para o Japão. Os coreanos apreciam deveras os legumes em conserva, usando para isso potes, nos quais colocam as verduras em molho vermelho de pimenta. Qualquer estrangeiro, mesmo o mais acostumado com o uso deste condimento, não poderá comer este *vegetables pickled*.

Os mercados coreanos têm todos os característicos orientais. Uma barulhada dos infernos. Mercadorias a granel por todos os cantos. Barracas cobertas de lona. Peregrinos pedindo esmola com verdadeiros cestos na cabeça á guisa de chapéu. Grande numero de vendedores ambulantes, trazendo às costas o *tige*, espécie de cangalha, com dois pés para repousar no chão. No *tige* também são transportados materiais para a construção dos edificios e das estradas.

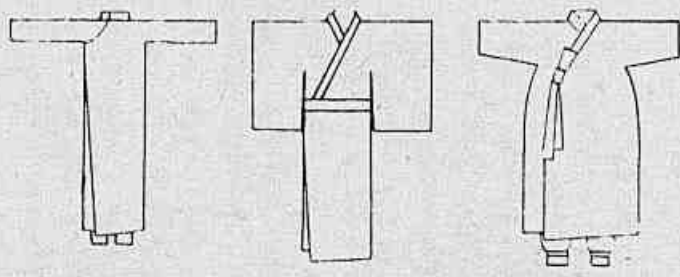
Nas praças e jardins publicos e mesmo no campo é comum encontrar-se moças divertindo-se nos balanços e nas gangorras. Nestas ultimas há com frequência sérios acidentes. Uma das competidoras salta como cabrito na ponta da tábua fazendo com que sua companheira receba um impulso de baixo para cima, obrigando-a a saltar. E o jogo continua, de maneira que cada choque de uma extremidade do pranchão no solo corresponda a um pulo da jovem colocada na outra ponta do mesmo. Duas raparigas se divertem ao mesmo tempo num só balanço, envidando esforços para que a amplitude da oscilação seja cada vez maior. Naquele vai vem pode-se ver as tranças das moças voarem, distinguindo-se as solteiras das casadas pelo *tengi*, que nada mais é do que uma larga fita vermelha entrançada ou amarrada aos cabelos das primeiras.

A vida noturna da Coréia é animada pelas *quisans* — a geisha indigera. Tomam



parte nos jantares. Dansam, tocam, cantam, procurando divertir os convivas de todos os modos. Têm um geito especial de agradar a todos os homens, tornando-se tistes ou alegres consoante o temperamento de cada um dos visitantes. Sentam-se ao lado dos homens durante o jantar e aos poucos vão adquirindo intimidade, já segurando-lhes o joelho ou a mão, já contando-lhes, entre risos ou lágrimas, a história dos seus amores.

Falando das garridices da Coréia não posso esquecer o nome de Sai Syô-Kia dançarina numero um do país. Apesar de bela tem mais graça do que belesa. Executa com firmeza todas as danças sejam elas do oriente ou do ocidente. Aquele que



Da esquerda para a direita, respectivamente: o quimono chinês, japonês e coreano



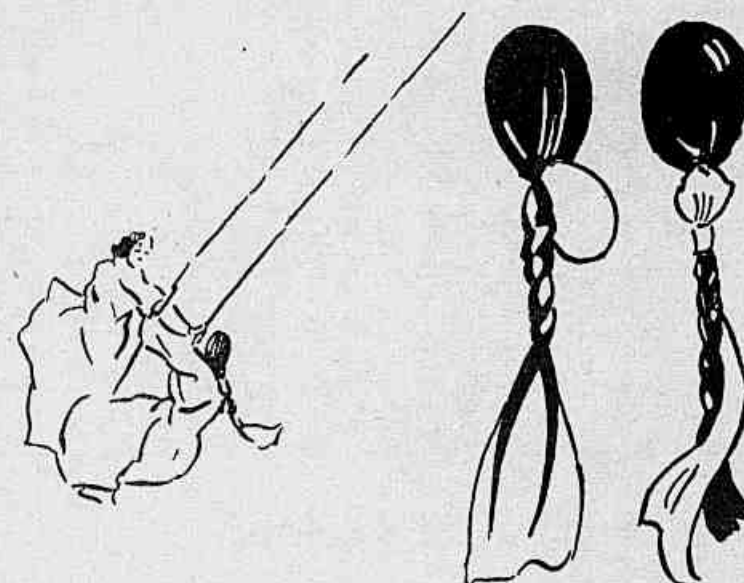
Faceiro com a sua "ca" — a cartolinha



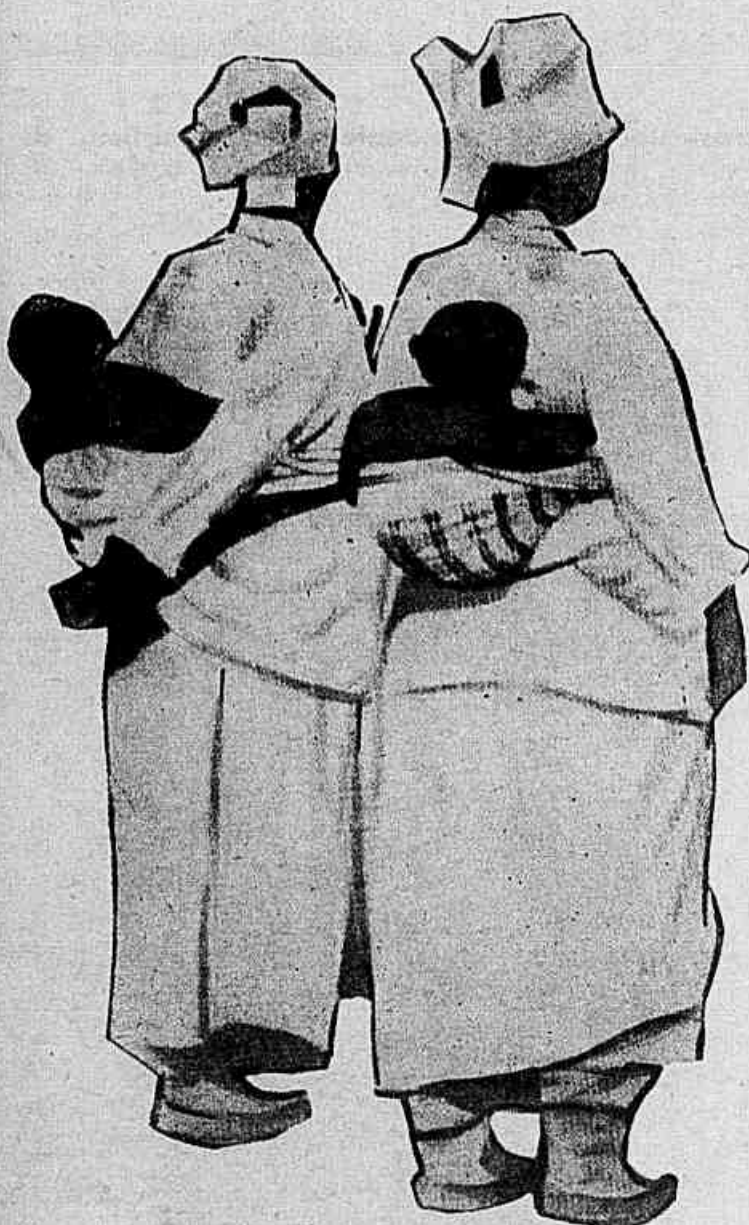
Transportando pesado pote no "tige".

assistir a seus bailados jamais dela se esquecerá, trazendo-a á lembrança todas as vezes que pensar ou sonhar com a nação cujo povo não pode dispensar as vestimentas brancas.

Lima Figueiredo



O balanço é a principal diversão das mulheres. A fita vermelha nos cabellos indica as donzelas.



Coreanas carregando seus bebês sobre os quadris.

Homem Incompreendido

Irradiado por uma das magníficas P. R. da metrópole, acabava Patrício Terra de declamar o poemeto ELEGIA:

Quando no manto real da noite escura
se me envolver o olhar que amor te implora;
quando meu peito, cuja voz murmura
silente e aflita, emudecer agora;

Sem jamais eu te vêr, gracil figura,
nem a cantiga se me ouvir sonora;
se te deixar saudades, porventura,
e, acaso, merecer teu pranto — chora.

Ave! Partindo para o imenso Nada,
venham carinhos da última jornada
com a lágrima que sempre te extasia.

Da augusta paz da solidão eterna
vôa a teus pés minha alma e se prosterna,
pelos mimos que em vida eu não teria.

Terminada a declamação radiofônica do simples soneto, de modesto autor, alguém o chamava:

— Doutor Patrício Terra!
— A's suas ordens.
— Um telefonema para o senhor.
— Voz de homem ou de mulher?
— ... Senhora!
— Ainda bem. Muito obrigado.
Chegou o fone ao ouvido.
— Pronto!
E uma voz hesitante e a modo possuída de sensação:
— E' o poeta Patrício Terra?
— Sim. Quem fala?
— Mas... é ele mesmo?
— Sim. Patrício Terra. Com quem tenho a honra de falar?
— Ah! Muito obrigada. Desejava falar com o senhor. Sou grande admiradora do seu talento e teria imenso prazer em o conhecer pessoalmente. Leio todas as poesias que o senhor publica; conheço-lhe todos os livros. Aprecio-o muitíssimo, meu brilhante poeta.
— Se não é um trote a que a senhora me quer sujeitar...
— Por amor de Deus! Estou até nervosa. Não pense nisso, por favor.
— Pois bem. Agradeço-lhe o interesse tomado pela minha humilde pessoa e peço-lhe a gentileza de me dar o seu nome.
— Dou-lhe a indicação da minha residência e espero que o senhor não se negue a fazer o favor de me procurar, afim de nos conhecermos mutuamente.
— Sim, senhora. Prazer, vontade, curiosidade tenho eu de a conhecer; mas, creia-me, não tenho tempo disponível para a execução dessa coisa difícil.
— Muito obrigada. Nunca pensei... Eu o procuro, quero dar-lhe o meu endereço e o senhor acha ser um empreendimento difícilíssimo vir conhecer-me!
— Quer que vá hoje mesmo?
— Neste momento, se lhe aprouver.
— Onde mora?
— No hotel...
— Bem. Fica perto daqui; mas, creia-me, não tenho tempo de ir até lá.
— Que falta de atenção para com a sua admiradora!
— Não! E' unicamente falta de tempo. Quer que jure?
— Ouça, Patrício Terra, você é um homem tão simples que me dá vontade de conversar horas a fio pelo telefone. Vou fazer-lhe uma proposta: admitir que lhe dê o tratamento de você. Peço-lhe tratar-me do mesmo modo.
— Horas a fio tem vontade de conversar comigo pelo fio; mas, pessoalmente, talvez arrepiasse a carreira! Pode dar-me o tratamento de você. Retribui-lo-ei com prazer imenso.
— Muito obrigada. Estou muito contente. Mas, então, como é?... Você não quer mesmo vir conhecer-me?
— Não posso. Por que não vem você até aqui? Venha já. Vou esperá-la, agora mesmo, lá em baixo.
— Impossível...
— Por que? Se você é uma pequena solteira?...
— Não sou solteira — interrompeu ela.
— Ah!... A cousa está se complicando.
Ela soltou uma gargalhada; ele cachinou.
— Si você, meu querido poeta, viesse até aqui, eu o apresentaria á minha família como amiguinho e nada haveria de maior nisso; porém, se alguém de minha família me encontrar na rua a estas horas com você, a cousa mudaria de figura.
— Está muito bem. Agora nos vamos despedir, que são horas. Todos desta P. R. já estão indo embora.
Realmente, o locutor já havia dado o ATÉ AMANHÃ ao público ouvinte das rádio-escutas, deixando em seguida o microfone, ao mesmo tempo em que a assistência ia saindo do estúdio.
— Uma palavrinha. Quando podemos falar outra vez?
— Amanhã, depois das onze horas. O número do meu telefone é...
E deu o número. O mesmo fez a desconhecida.
— Muito obrigada. Você é muito bondoso, muito paciente. Até amanhã. Vamos vêr quem *disca* primeiramente.
— *Disca?*
— Sim: quem faz a ligação em primeiro lugar.
— *Disca*... movimentar o disco do telefone automático para ser feita a ligação...
— Eu disse bobagem?
— Não. Eu é que estava discretoando acêrca do neológico verbo *disca*. Adeusinho!
— Adeusinho, Patrício Terra! Sonhe comigo.
— Pois sim.

—oOo—

Foi o poeta tomar o ônibus, afim de chegar á casa mais cedo com o saquinho de caramelos, comprado para a boa esposa.

E, verdade seja dita, não mais pensou na misteriosa voz feminina ouvida ao telefone. Não: porque não fôra a primeira a procurá-lo, nem seria a última a confessar-lhe a admiração pelo talento, pelas qualidades morais do bardo. Já o não sensibilizavam os elogios tão comuns nos dias aureos dêle, cheios de glória adquirida com as suas belas obras literárias. E tanto assim era que, no dia seguinte, deixara passar as horas sem se lembrar de mover o disco para telefonar á excêntrica admiradora.

Conto de HORMINO LIRA

Esta, por sua vez, esperara a chamada telefônica. Sentia-se humilhada por tê-la êle esquecido tão cedo; mas, ainda assim, estabeleceu no disco a ligação desejada. O poeta, naquele instante, achava ser grande massada haver *Graham Bell descoberto a maravilha das maravilhas*; mas foi atender ao aparelho.

— Pronto!
— Quem fala?
— Patrício Terra.
— Bonito! Tão cedo, já se esqueceu de mim...
— Bôas tardes! Como passa? Não foi propriamente esquecimento. Foi o muito trabalho que me atrapalhou.
— Já sei: é uma das tais mentirinhas convencionais...
— Nossa Senhora!... Veiu tão zangada que nem me cumprimenta nem quer corresponder á minha saudação.
Riu gostosamente a desconhecida. Você é um homem extraordinário! Desarma as pessoas com essa bôa disposição de espírito que lhe é peculiar, segundo venho observando.
— E' o que lhe parece.
Ficaram calados durante alguns segundos. Rompeu ela o silêncio.
— Olá!
— Pronto!
— Mas, meu poeta, você ficou amuado...
— Brincadeira apenas.
— Está experimentando-me.
— Não. Brincadeira. Acho-me com o direito de brincar com você.
— Todo o direito. Por empréstimo, espiritualmente, sou sua.
— Muito obrigado. Pago-lhe com usura: sou todo seu.
— Muito obrigada. Conversa vai, conversa vem e não mostra você o mínimo desejo, nem ao menos por curiosidade, de me conhecer pessoalmente.
— Venha cá.

Deu-lhe a indicação do escritório.
— Não posso, Patrício Terra. Veja como são as cousas: um colega seu, a quem desejei conhecer, no mesmo instante em que lhe falei, veio ao hotel em que moro temporariamente. Quis eu falar-lhe á parte e comuniquei êste meu desejo á minha irmã casada, com quem estou passando uns tempos, enquanto o meu marido foi á Europa. Pois bem: sabe o que aconteceu? O seu colega não me pareceu homem educado; deu-me a impressão de um selvagem! Foi tão violento... Quis tanta coisa... Deixou-me assombrada com o sucesso inopinado! Francamente, nunca mais procurei falar-lhe. Fiquei aborrecida de facto. Assim, também, não!

— Oh, arquipirata! Que bárbaros costumes! Que pouco civil foi o meu confrade! — exclamou Patrício Terra, sorrindo de si para si, maliciosamente, e prosseguiu: — assim, êle desmoraliza a classe!

— E' para você vêr: ou selvagem daquela espécie ou um Patrício Terra tão discreto! Devia você ter nascido no século dos santos e dos mártires e ermitões... E o poeta interrompeu-a no auge da sua exaltação idólatra e cheio de leve ironia:

— Perto de você, o tempo seria pouco para a contemplar, para a adorar, pois antevejo que você é uma pequena interessantíssima; o diabo é o tempo...
— Tem você tanto trabalho assim?

— Sim. Sou pobre. Preciso amassar o pãozinho de cada dia para sustentar a mulher e os filhos.

— E' casado?

— Pois não acabo de lho informar?

— Podia sustentar mulher e filhos sem ser legitimamente casado.

— Sou casado. Meus filhos são legítimos.

— Céos!

— Ficou zangada? Não me zanguei quando me disse ser casada.

— Sim. Não há motivo... Diga-me uma cousa: que idéia faz você do meu tipo?

— Antevejo-a com os olhos do espírito por êste modo: bela estatura, bem clara, olhos castanhos escuros e brilhantes, cabelos do mesmo tom, nariz grego com as narículas ao de leve arrebitadazinhas, boca pequena com o lábio inferior algum tanto polpudo e o superior com as extremidades voltadas para cima.

— Senhor!...

— Não sei se acertei com alguma cousa.

— Perfeitissimamente. Até me parece que você já me viu. Nunca presenciei facto igual. Tudo certo. Muito certo.

— Estou de parabéns, então. Agora diga você como pensa que eu seja.

— Conheço-lhe as fotografias publicadas em revistas cariocas.

— Ao menos diga como deve ser a minha estatura.

— Você não deve ser nem muito alto nem muito baixo. Estatura média.

— Estou satisfeito.

— Pelos retratos é extremamente simpático.

— Feio, portanto...

— Um belo tipo de homem; nunca, porém, um homem formoso, que é ridículo.

— Concorde. E, concordando, faço a minha auto-defesa! Outra cousa: não gosta você do maridinho?

— Assim, assim...

— Não o ama?

— Não. No dia em que eu amar um homem de verdade... tenho até pena dêle.

Patrício Terra pôs o fone no gancho.

Em seguida, tilintou o telefone, levou o tilintar por muito tempo; êle, porém, já o não atendera. A chamados dela jamais atenderia.

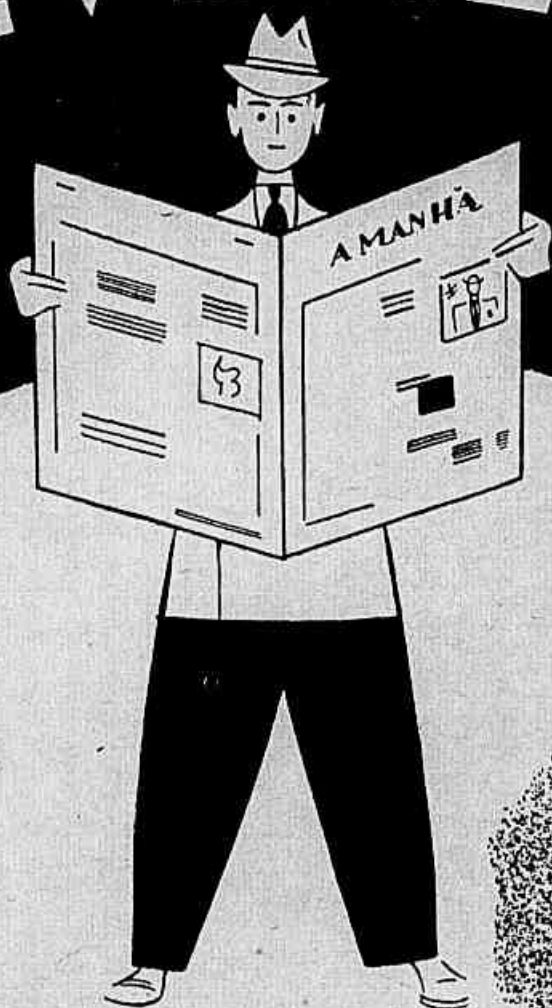
Por que êsse rompimento ex-abrupto? perguntareis, caro leitor.

Receava que, nalgum dia, pudesse a pequena ter pena dêle!

Positivamente, no século da conquista do ar, um Patrício Terra é homem incompreendido.



BREVEMENTE!



AMANHÃ

UM MATUTINO DOUTRINÁRIO,
INFORMATIVO E NOTICIOSO

Valerão os homens de letras alguma coisa?

Continuamos neste número um inquérito ao qual procuraremos dar a extensão que merece. Si todas as respostas fossem sinceras, acreditamos que dêle adviriam algumas conclusões interessantes sobre o papel que o homem de letras desempenha no mundo contemporâneo e muito especialmente no Brasil de hoje. Porque — na época dinâmica em que vivemos — ou o literato desce à arena da vida e perde seus preconceitos emotivos e suas idéias contra a ciência exata, contrária aos vãos dispersivos da imaginação e às palavras escritas sem um objetivo sério e útil, ou o literato é um antiquado e um decadente.

Estão com a palavra os nossos escritores.



Sebastião Fernandes

Valerão os homens de letras alguma coisa?

Este inquérito não será feito unicamente com os intelectuais porque talvez eles não possam fazer um auto-julgamento. Ele se estenderá aos leitores e aos editores, às normalistas e às alunas das universidades brasileiras, às caixeirinhas das lojas cariocas, que já ultrapassaram o estágio Delly-Ardel e aos comerciantes que se esforçam à noite para adquirir cultura em cursos e escolas. Todos eles poderão dizer-nos que leitura lhes é realmente útil e aprazível.

São estas as perguntas:

- 1.^a — A mania do elogio ou do ataque mútuo valoriza ou inferioriza o homem de letras?
- 2.^a — Por que existem grupinhos de literatos?
- 3.^a — E' ou não melhor uma cooperação sincera e ativa entre todos os homens de letras? Como se pode fazê-la?
- 4.^a — O estudo e a cultura são cousas artificiais ou naturais no homem?
- 5.^a — O homem de letras é um decadente em relação ao homem de ação ou ao das ciências exatas?
- 6.^a — O literato é ou não um homem que perde o seu tempo e faz perder o dos outros?
- 7.^a — Pode o homem de letras contribuir num esforço de renovação nacional? De que forma?

Para os leitores e público em geral as três primeiras perguntas serão diferentes. No próximo número eles já tomarão a palavra.

Publicamos neste número as respostas do escritor Sebastião Fernandes, nosso antigo colaborador e autor de "Galarim".

1) — A mania do elogio ou do ataque valoriza ou inferioriza o homem de letras?

Não valoriza nem inferioriza. Quem é sincero com sua obra de arte, por um espaço muito pequeno de tempo sentirá a influência construtora ou demolidora, depois continuará indiferente e trabalhando.

2) — Por que existem grupinhos de literatos?

Por temperamento ou feito sempre existiu pombal nos quintais, ou onças nas matas virgens.

3) — E' ou não é melhor uma cooperação sincera e ativa entre os homens de letras? Como se pode fazê-la?

Não sou por cooperação alguma. Primeiro porque não entendo disso; depois, porque vivo muito só e até agora ainda não me arrependi. Cooperação cheira a grupinho... Cooperação? Esperem o fim da guerra. Vem por aí muita modificação social. Em 1910 ninguém falava em cooperação. A Europa, agora, só fala em racismo; o que fez Lin Yutang, referindo-se ao homem, dizer: "Hoje, em geral, concebemos-lo como um autômato, que obedece cegamente às leis materiais e econômicas. Já não somos indivíduos, já não somos homens, somos classe."

Ah! Meu Deus! Classe...

4) — O estudo e a cultura são cousas artificiais ou naturais no homem?

Cultura natural deve ser observação pessoal, experiência isolada. Cultura artificial, no sentido pejorativo, deve ser a que se moldou por orientação falsa. Agora, estudo natural ou estudo artificial são cousas mais difíceis... de compreendermos. Estudo pode ser vocação. Já sabemos o resultado das atitudes artificiais...

5) — O homem de letras é um decadente com relação ao homem de ação ou ao das ciências exatas?

Com relação ao homem de ação, deve ser um decadente. Ao homem das ciências exatas, não sei porque não entendo de ciências exatas.

6) — O literato é ou não um homem que perde seu tempo e faz perder o dos outros?

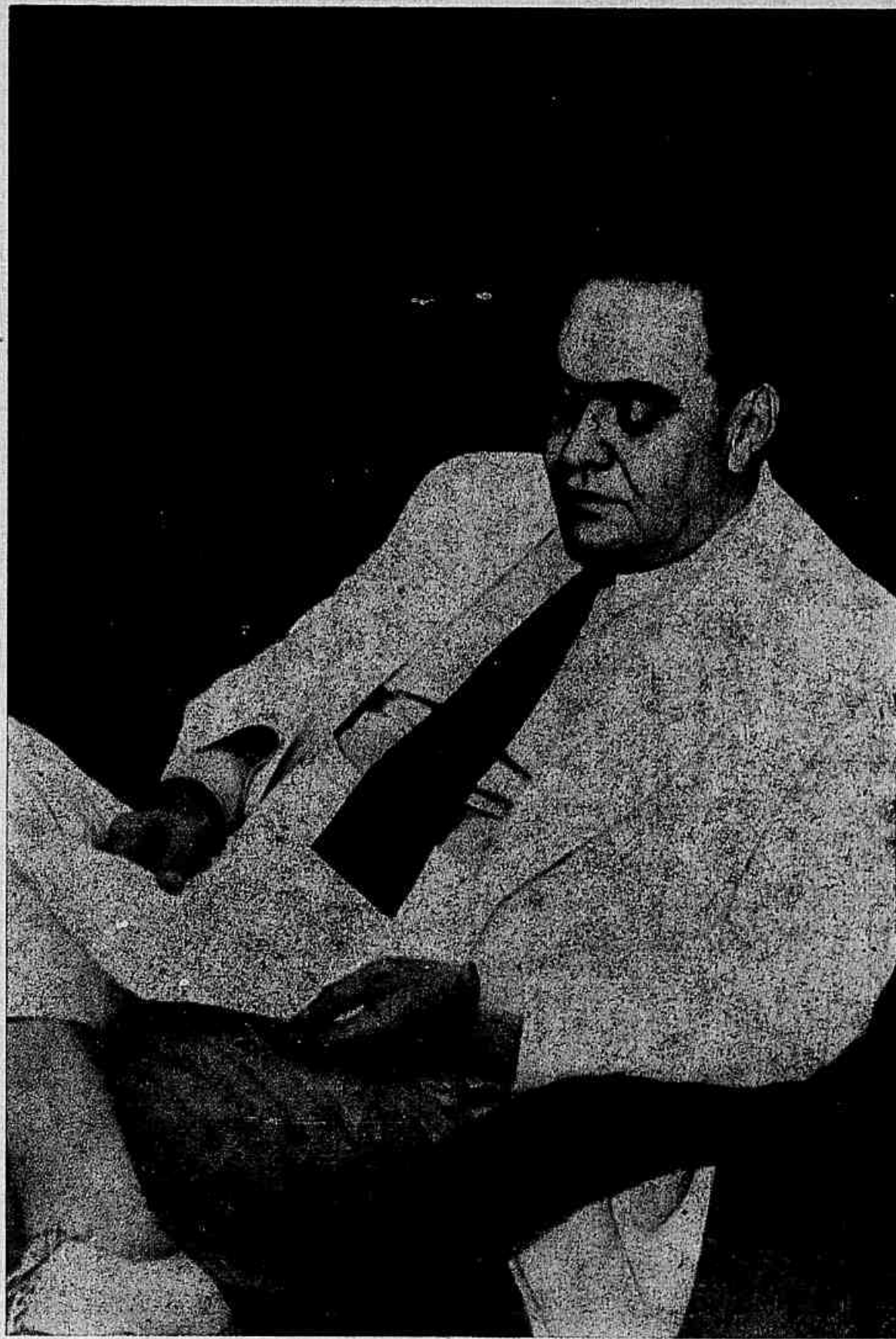
Antigamente escrevia por amor à arte. Hoje, escrevo por necessidade. Nunca pensei em ter perdido o tempo lendo páginas dos outros.

7) — Pode o homem de letras contribuir num esforço de renovação nacional? De que forma?

Quem faz renovação nacional é o governo por seus ministérios e órgãos competentes. Si aparece algum literato no meio, é porque ele estava ganhando o pão na secretaria por onde saiu a tal renovação. Literato jamais pesou na balança de quem governa, e nunca foi ouvido. Lembro-me dum ministro que entrou para a Academia e começou o discurso frizando o seu grande amor às letras. O homem não tinha livro e encadernou, à pressa, uns discursos... E ainda: quando caiu a linha Maginot reprimiram os escritores franceses. André Gide, observou: "Parece-me tão absurdo incriminar a nossa literatura quando da nossa derrota como si também fizessemos em 1918 quando obtivemos a vitória. A literatura é um produto e não pode ser tida como responsável pelo envelhecimento da árvore de que ela é fruto ou flor". Durante vinte e cinco anos a literatura inundou o mundo com o maior número de livros onde a paz foi objeto de carinho ilimitado. Mas qual o resultado? Em pleno verão de 1941, em Belo Horizonte, um precavido mandou construir sua casa com abrigo anti-aéreo. De que vale o médico acompanhar a marcha trágica da doença, si não pode recetar, para aliviar o mal? E aqui, bem baixinho, quando recitamos não somos ouvidos... Si no tempo de paz literato não era ouvido, agora, que o ronco do canhão já está sendo ouvido até pelo rádio, ninguém procure forma para fazer renovação. Estamos na época dos vãos de mergulho. E do céu não caem livros...

SEBASTIÃO FERNANDES

Ascenso Ferreira, o conhecido poeta pernambucano autor de "Catimbó" e, "Cana Caiana" nos quais nos apresenta versos típicos do nordeste, respondeu ao nosso inquérito da seguinte maneira:



Ascenso Ferreira.

1.^a — O homem de letras precisa de legítima movimentação em torno de si pois não há nem pode haver consagração em silêncio, a não ser a que teve o herói da Guerra do Paraguai, da poesia de Manoel Bandeira...

2.^a — Porque existe a mediocridade.

3.^a — Cada macaco no seu galho.

4.^a — O que é bom já nasce feito.

5.^a — "Poetas por poetas sejam lidos Poetas por poetas entendidos."

6.^a — Nada se ganha nem se perde na natureza.

7.^a — Claro que sim; basta pensar-se no caso de Camões!

Primeiro indício!..

Não perca tempo quando sentir os sintomas de uma constipação - o descuido pode custar-lhe caro. Aplique logo Mentholatum no peito, na garganta e nas fossas nasais. Mas exija o legítimo



MENTHOLATUM

UMA LIÇÃO DA BIBLIA

Certo brigadeiro, pertencente às tropas do general Allenby durante a campanha da Palestina, folheava, uma noite, a Bíblia, à luz mortuária duma vela, procurando a palavra « Micmâs ».

Recebera ele a ordem de se apoderar, com as suas forças, da aldeia daquele nome que parecia um ninho de águias, para além da crista duma montanha, quer dizer: na encosta do outro lado, que descia para profundo vale.

Ao cabo de longa e paciente busca, deparou-se-lhe esta passagem do Livro de Samuel, cap. 13:

«E Saul, e Jônatas, seu filho, e o povo que os acompanhava instalaram-se em Jeba, local da tribo de Benjamim, os filisteus, enquanto isso, acampavam em Micmâs».

Prosseguindo na leitura, fica o brigadeiro sabendo como Jônatas e o seu escudeiro, protegidos pela escuridão da noite, desceram sem ruído até ao campo dos filisteus e como para lá chegar, tiveram que atravessar uma garganta estreita «que tinha um agudo penhasco dum lado e outro lado outro agudo penhasco, e o nome dum dos penhascos era Bosés e o do outro Sené». Os dois corajosos israelitas escalaram a perigosa montanha e chegaram a «um campo plano que uma junta de bois poderia lavar». Naquele momento despertaram os filisteus e, julgando-se cercados pelas hostes de Saúl, «derreteram-se como neve ao sol». Saúl atacou com todo o poder dos seus exércitos o inimigo acobardado e «naquele dia o Senhor salvou Israel».

O brigadeiro disse consigo: «Esta garganta, estas rochas salientes e ponteadas certamente não desapareceram». Chamou os seus coroneis e leu-lhes a narrativa bíblica. Patrulhas destacadas para tal fim encontraram o desfiladeiro mal guardado pelos turcos, os penhascos de ambos os lados — sem dúvida Bosés e Sené — e o pequeno planalto em cima, banhado pelo luar.

Em vista disso, foi modificado o plano de ataque. Em vez de se lançar ao assalto a brigada inteira, mandou-se uma só companhia avançar no silêncio da noite pelo desfiladeiro. Os poucos turcos que deram pela manobra foram exterminados rapidamente e sem ruído. A infantaria inglesa escalou a encosta e a primeira claridade da aurora tornou reluzentes as baionetas na planície. Acordaram então os turcos e, imaginando-se cercados por todo o exército de Allenby, desataram na mais desordenada fuga. E dos que ficaram em Micmâs nem um só escapou à morte ou ao cativeiro.

Assim, a estratégia de Saúl e Jônatas foi, a milhares de anos de distância, copiada com bom êxito pelas tropas inglesas.

DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Sem Calomelanos—E Saltará da Cama Disposto Para Tudo

Seu fígado deve derramar, diariamente, no estomago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estomago. Sobrevem a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Nada há como as famosas Pillulas CARTERS para o Fígado, para uma acção certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam dano; são suaves e contidas são maravilhosas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pillulas CARTERS para o Fígado. Não aceite imitações. Preço 3\$000.

A FALACÃO...



-Depois do grude, um sãmba bêm favêla! (Alta rôda)



-Gosto dê perivolências extra granfínos... (Pôvo dâ lira)



-Chiff trogoff tribowish abdila... (Práias elegantes)

Santos e efemérides da semana

AGOSTO

9 São Romão. — Soldado da guarda de Valeriano que, assistindo ao suplicio de S. Lourenço, foi convertido pela constância e firmeza deste. Tendo sido batizado foi logo decapitado, em 258.

— **Santa Sabina.** — Dama romana, pagã. Tendo sido convertida por sua serva, seu zelo religioso tornou-se tal que, algum tempo depois, por ocasião de uma perseguição aos cristãos pelo imperador Adriano, preferiu sofrer o martírio a renegar a fé.

— Nasce no Rio de Janeiro Francisco José de Carvalho — Frei Francisco de Mont'Alverne (1784). — Nasce em São Paulo Diogo Antonio Feijó, figura notável de político (1784).

10 São Lourenço. — Diácono da igreja de Roma, recebeu das mãos do papa Xisto II os tesouros da Igreja, para serem distribuídos com os pobres. O tribuno Partênio fê-lo prender e deitar num leito de ferro, em forma de grelha, sob o qual dispôs brasas vivas. Mas nada abalou a constância do santo, que exprobrava a crueldade dos juizes. Morreu em 259.

— **Santa Filomena.** — Virgem e mártir romana cujo corpo foi encontrado em Roma em 1802. Seus restos foram transportados, em 1805, para a pequena cidade de Mugnolo, perto de Nole, onde — dizem — se realizaram numerosos milagres.

— Nasce em Pernambuco Lourenço José da Silva Santiago, ministro do Supremo Tribunal de Justiça (1807). — Nasce em Caxias (Maranhão) o grande poeta Gonçalves Dias, patrono da cadeira 15 da Academia Brasileira (1823). — Falece no Rio Olegário Hercúlio de Aquino e Castro, ministro do Supremo Tribunal de Justiça (1906).

11 São Taurino. — Nascido em Roma, prégou o Evangelho nas Gálias. Sendo preso em Evreux foi denunciado pelos padres pagãos e condenado ao açoite. Sobreviveu aos vários suplicios que lhe foram infligidos, e sua constância muito contribuiu para converter os carcerados. Puseram-no em liberdade e, quando morreu, toda a região era cristã.

— **Santa Suzana.** — Sobrinha do papa Caio e parenta do imperador Diocleciano, foi morta por não ter querido desposar Maximiano, cujo ódio pelos cristãos lhe era conhecido (século III).

Falece no Recife Caetano da Silva Santiago, ministro do Supremo Tribunal de Justiça (1880). — São creados os cursos jurídicos de São Paulo e Pernambuco (1827).

12 São Porcino. — Abade de Lérins que, salvando o que pôde de seus religiosos, mandando-os para a Itália, foi massacrado pelos Sarracenos com quinhentos companheiros seus, exortando-os a que morressem corajosamente pela fé (731).

— **Santa Clara.** — Nascida em 1193, em Assis, de uma família rica, renunciou à fortuna e, sob a direção de S. Francisco de Assis, fundou a ordem das Clarissas, na qual as religiosas eram submetidas às mais duras regras da disciplina. Nomeada abadessa e superior da Ordem, deu em toda a sua vida exemplos notáveis de humildade cristã. Morreu em 1253.

— Nasce em Coimbra João José da Veiga, ministro do Supremo Tribunal de Justiça (1775). — Falece no Rio

José Edigio Alvares de Almeida, marquês de Santo Amaro, um dos dez elaboradores da Constituição de 1824 do Império (1832). — Falece no Rio o senador Luiz Pedreira do Couto Ferraz, visconde de Bom Retiro (1886). — Falece no Rio Adolfo Augusto Olinto, ministro do Supremo Tribunal Federal (1898).

13 Santo Hipólito. — Soldado de Valeriano. Guarda da prisão onde estava encerrado S. Lourenço, que o converteu e batizou. Comparecendo por isso perante o imperador, sofreu várias torturas e foi, finalmente, amarrado a cavalos indomáveis, que o fizeram em pedaços (258).

— **Santa Radegunda.** — Cativa. Desposou depois Clotário I. Tomou o véio em Noyon, fundou diversos conventos, entre os quais a célebre abadia da Santa-Cruz, em Poitiers, onde viveu austeramente, até à morte (587).

— Nasce Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, redator do «Correio Brasiliense», de Londres, patrono da cadeira 17 da Academia Brasileira (1774). — Nasce no Rio Domingos José Gonçalves de Magalhães, visconde de Araguaia, grande do Império, professor, diplomata, patrono da cadeira 9 da Academia Brasileira (1811).

14 Santo Eusébio. — Padre romano, resistiu corajosamente aos Arianos. Denunciado por estes últimos, foi preso por ordem do imperador Constancio e encerrado num cárcere tão estreito que mal nele se podia mover. Aí morreu ao fim de sete meses de cativeiro.

— **Santa Atanásia.** — Grega de origem, que levou seu esposo a fazer-se monje. Fundou um convento em sua própria casa, na ilha de Egina, no século IX.

— Nasce em Pernambuco Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, Barão de Iguarassu, professor de Medicina (1790). — Nasce na Bahia José Tomás Nabuco de Araújo, estadista e jurista (1813). — Falece no Rio Baltasar

da Silva Lisboa, autor dos *Anais do Rio de Janeiro* (1840). — Falece no Rio Antônio Joaquim de Macedo Soares, ministro do Supremo Tribunal Federal (1905).

15 Assunção de Nossa Senhora. — A Mãe de Christo morreu aos setenta e dois anos e foi enterrada em Gethsemani, perto de Jerusalem. No terceiro dia após a sua morte, São Tomás, o único dos apóstolos que não assistiu aos seus últimos momentos, quis venerar seus despojos mortais e foi ao seu túmulo. Encontrou-o aberto e vazio. Apenas a mortalha estava intacta. Reconheceu-se, por isso, que Deus havia chamado Maria para junto de Si em corpo e alma.

Desde os primeiros séculos da era cristã, essa festa foi regularmente celebrada. O rei Luiz XII, em 1638, aumentou muito o brilho dessa solenidade, que ficou sendo desde então uma das mais importantes do calendário católico.

— Nasce em Caicó (Rio G. do Norte) Amaro Cavalcanti, ministro de Estado, ministro do Supremo Tribunal Federal (1849). — Nasce em Ouro Preto (Minas) Bernardo Guimarães, poeta e romancista, patrono da cadeira 5 da Academia Brasileira (1827).

DERMOFLORA

Sabonete antisséptico, preparado exclusivamente com plantas medicinaes. Indicado nas irritações da pele, comichões, frieiras, eczemas, etc.

Produto da FLORA MEDICINAL — Formula do Dr. MONTEIRO DA SILVA — Licenciado pelo Departamento Nacional da Saúde Pública.

J. MONTEIRO DA SILVA & Cia.
RUA DE S. PEDRO, 38 — Rio de Janeiro

CABELOS SEDOSOS, BRILHANTES, FINAMENTE PERFUMADOS.



Quina Petroleo ORIENTAL

PERFUME RIVIERA

A VENDA EM TODO O BRASIL

BALSAMICAS E DIURETICAS

PARA OS RINS

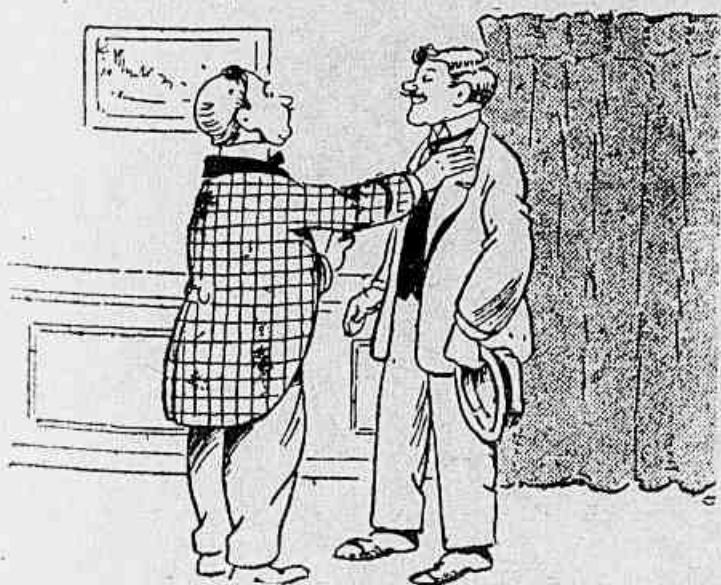


E. A. BEXIGA CO.

PILULAS de FOSTER

REUMATISMO GOTOSO - ACIDO URICO - DORES LOMBARES

ANUNCIO APROVADO PELA D. N. S. SOB O N.º 200 em 2-4-41



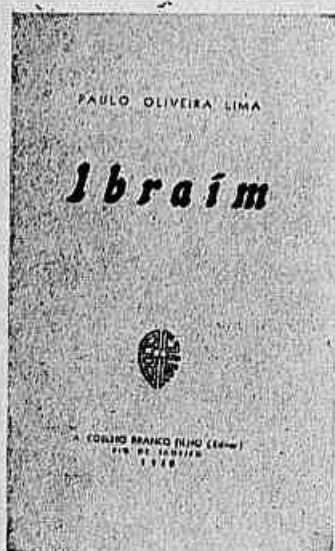
— Então, posso contar com você para testemunha do meu casamento?

— Naturalmente! Eu nunca abandonei os amigos nas horas de infortúnio.

LIVROS NOVOS

IBRAIM, contos de Paulo Oliveira Lima. — A. Coelho Branco filho, editor, Rio de Janeiro, 1941.

Estes contos são variados e sempre curiosos. No primeiro, "que dá" o título ao livro, há um estudo sutil da entidade estranha e íntima que cada homem traz em si. Podia ela ter outro qualquer nome. O autor lhe chama Ibraim. É um outro eu que não manda em nós, nem nos inspira, nem nos orienta, mas acompanha as nossas ações e as nossas palavras, comentando-as a seu modo: com inalterável, implacável sinceridade. Assim implantado e vigilante em nós, sem protesto nos deixa fazer isto ou aquilo e não tenta evitar que vamos para a direita ou para a esquerda, ao mesmo tempo, porém, que nos dá completa liberdade, o hóspede sempre alerta nos acusa de hipocrisia, perfídia, felonía e aos nossos próprios olhos nos desmascara. Ibraim ocupa no volume vinte e tantas páginas de forma ligeira, desenvolvida e nas quais se sente originalidade.



Em **Dois homens bons** trata o contista dum soldado que, contra as instruções dum superior perverso, pratica a segunda das obras de misericórdia, e dum preso que, tendo conseguido liberdade de movimentos, ataca de surpresa os homens da escolta e os mata, menos aquele de quem recebera socorro. Cirino, o preso, faz mais do que poupar a vida ao seu perseguidor, um momento seu amigo. Vendo-o ferido, retarda a fuga para lhe acudir o melhor que sabe e as circunstâncias permitem. Confiante na lealdade do militar e apesar da declaração que este lhe faz de continuar, uma vez restabelecido, a persegui-lo, Cirino lhe deixa uma das armas e munição, para se defender, durante a noite, dos bichos ferózes do mato. E os dois "homens bons" se despedem em termos de recíproca bondade.

— Seja feliz, Cirino.

— Fique com Deus, seu moço.

Outras histórias, como **Noite aziaga** e **Um grito na choça**, assumem forte feição patética; outras se revestem de franco humorismo, e assim o livro do sr. Paulo Oliveira Lima comporta, entre outros atrativos, o da diversidade dos assuntos e das maneiras de exposição.

♦ ♦ ♦

CREPUSCULO, comédia em três atos de ABADIE FARIA ROSA — Edição da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, Rio de Janeiro, 1941.

Há obras de teatro que só realmente interessam quando representadas; e outras cuja leitura nos agrada, só nos causam em cena enfado e decepção. A comédia do sr. Faria Rosa deu-nos, ao ser levada à cena no Rival Teatro, uma impressão de movimento, desenvoltura, vivacidade, como raramente nos é dado colher no nosso teatro. Em geral, as peças que por aí se vêem pecam por falta de equilíbrio ou medida. Ora a ação se precipita, deixando de lado os elementos de observação, de psicologia, de diálogo, de sentimento — sem falar das leis e condições da própria técnica teatral — ora se detém contra o obstáculo de conversações prolixas ou até de todo inúteis. A muitos autores, com efeito, falta o senso da harmonia a que o sistema tem de obedecer...

Justamente a qualidade e a expansão do êxito da comédia do sr. Faria Rosa, representada pela Companhia Jaime Costa, nos faziam agora rezear uma sensação menos agradável. Tal, porém, se não dá. Os seis quadros da peça, através dos quais o público se sentia levado como em simpática, benquista companhia, igualmente nos conduzem de página em página, sem que o trajeto nos pareça longo e sem termos nenhuma vontade de que o passeio termine. O efeito complementar do espetáculo não chega, no livro, propriamente a fazer falta. É o tipo do gosador já então enfadado que encontra enfim a mulher diferente a quem definitivamente se deverá afeiçoar; esse personagem nitidamente traçado e as suas aventuras tão claramente expostas obrigam-nos a um interesse íntimo e, por assim dizer, familiar, que o desfêcho feliz da peça converte em verdadeira alegria.



ANÁLISE LEXICO-SINTÁTICA SIMBOLOGICA, COM GRAMÁTICA COMENTADA E ANTOLOGIA, de José Aguirre — Companhia Editora Americana S. A. Rio de Janeiro, 1941.

Basta o plano deste livro, basta a sua intenção geral para revelar no sr. José Aguirre um estudioso apaixonado, dedicadíssimo, da linguagem que por aí anda, hoje em dia, por tantos escritores ignorada e maltratada. Não se compreende que profissionais das letras desconheçam ou desprezem os elementos essenciais do seu mister... No entanto, nada mais evidente que essa cegueira em relação à matéria prima, esse abandono dos princípios rudimentares que em nenhum outro



ofício se tornariam toleráveis. Podem-se apontar, em romancistas e poetas, críticos, filólogos e até em especialistas da gramática defeitos palmares, cinzas escandalosas que há trinta ou quarenta anos determinariam a reprovação no exame de português. Que estranho fenômeno se teria operado a tal respeito na mentalidade contemporânea? Por que se perdoará a tantos literatos encartados a incuria que ninguém desculparia num simples alfaiate ou no mais modesto carpinteiro? E como há de um examinador fazer justiça aos candidatos em questões acerca das quais, quando escreve, ele próprio se mostra leigo e positivamente refratário? No tempo de Ferreira de Araujo e ainda quando Alcindo Guanabara dirigia a **Tribuna**, havia na imprensa seções em que se apontavam e se castigavam pelo ridículo os autores de atentados contra a boa linguagem. Quem hoje se lembraria de exercer essa missão salutar?

Felizmente, ainda há exceções. Ninguém calculará por quanto tempo ainda existem, mas ainda as há, graças a Deus! O autor desta **Análise Lexico-Sintática Simbólica** é um mestre que continua a estudar e cada vez mais se empenha em atingir e transmitir aos discípulos a noção da obra perfeita. Porque tanto lhe apraz ensinar, considera o aluno ao mesmo tempo um filho e um colaborador. É a ele que, antes de a qualquer outra afeição do seu espírito ou do seu coração, se dirige no prefácio intitulado **Meu depoimento**. Fala-lhe com um carinho não destituído de respeito, com "palavras simples e leais." Mostra implicitamente quanto lhe deu, mas com generosa, nobre franqueza reconhece quanto lhe ficou devendo. Acentua os pontos em que tal reci-

procidade se exerceu, indo até à declaração, verdadeiramente extrema, de que, dos dois interessados, o mais favorecido foi ele, professor. E, como se desse o seu a seu dono, conclui: "Este livro, meu aluno, é teu".

Dirige-se em seguida ao professor, seu colega, e por fim ao crítico, seu julgador. A este sobretudo faz perguntas. Como, porém, as outras duas partes, o crítico lhe responderá com simpatia e louvor.

♦ ♦ ♦

TEU FILHO NÃO VOLTARÁ MAIS! do tenente-coronel Affonso de Carvalho. — Livraria José Olympio, Editora — Rio, 1941.



Impressões de uma viagem à Europa em guerra é o subtítulo de um interessante e precioso diário turístico que o tenente-coronel Affonso de Carvalho acaba de acrescentar à sua já opulenta bibliografia. Trata-se de uma coletânea de artigos que o autor teve oportunidade de escrever por ocasião da excursão que empreendeu, a convite do governo germanico, a países atingidos pela conflagração européia no ano de 1940.

A atualidade das observações do coronel Affonso de Carvalho que, sobre ser um espírito brilhante, é autoridade nos assuntos que aborda, coloca este livro na primeira linha das obras que devem ser consultadas para uma perfeita inteligência do cataclismo que congestiona a nossa idade. Escrevendo em estilo jornalístico, o autor apresenta-nos páginas de vivo pitoresco, ao lado de quadros dramáticos que evidenciam a realidade dessa coisa sempre surpreendente que é a guerra. O valor de **Teu filho não voltará mais!** não reside somente na circunstância de proceder da lavra de um escritor experimentado e dono de uma técnica que o coloca em posição de verdadeiro

artista, mas também está no facto relevante de que o coronel Affonso de Carvalho visitou a Europa em Guerra como convidado especial, tendo à mão, portanto, todos os elementos para colher valiosa messe de documentos. Não é um turista apressado quem nos descreve os campos de concentração de prisioneiros na Alemanha, o **black-out** em Roma ou o mecanismo poliforme e sincrónico da organização do Reich — é um técnico que visitou sistematicamente, e em cumprimento dum programa, todos os pontos vitais das regiões convulsionadas. Tendo-se em vista que esse técnico possui uma bagagem de mais de dez obras literárias de valor comprovado, depreende-se que o livro recém-apresentado está, além de qualquer dúvida, merecendo ser aconselhado como útil elucidário no conhecimento dos difíceis problemas que agitam a nossa época.

C. F.

♦ ♦ ♦

GUIA DE TERESOPOLIS, de OLIVEIRA E SILVA — 1941.

Uma publicação como essa oferece, desde logo, o mérito da oportunidade, pois a bela cidade da Serra dos Órgãos, que tem o Dedo de Deus por símbolo e emblema, ainda não dispunha desse meio tão eficaz para lhe indicar todos os encantos e servir de roteiro seguro para quem lhe demanda a contemplação regalada.

Trata-se, na verdade, de uma obra que se recomenda não só pela sua feição material como pela excelência de seu texto, que teve para o tornar uma leitura agradável e útil a circunstância de ser o autor desse trabalho um intelectual de renome.

Ilustrado com mapas, dados e todos os informes, esse Guia vem prestar a Teresópolis, além de um ótimo serviço de divulgação, uma esplêndida propaganda, que permitirá, por certo, maior expansão de suas possibilidades turísticas, tal a sua situação privilegiada.

S. de N.

♦ ♦ ♦

DIREITO SINDICAL E CORPORATIVO, por M. Cavalcanti de Carvalho. A. Coelho Branco Filho, editor. Quitanda, 9 — Rio — 1941.



Confeccionado nas oficinas da Cia. Editora Americana e lançado pela Editora Coelho Branco, encontra-se à venda um novo livro de autoria do sr. Cavalcanti de Carvalho, ilustre advogado na Capital Federal. É uma brochura com mais de quinhentas páginas dentro das quais o autor enfeixa tudo o que há na doutrina, na teoria e na legislação, do Brasil e do estrangeiro, referente ao direito sindical e corporativo.

Vê-se, inicialmente, que o sr. Cavalcanti de Carvalho foi muito feliz quando distribuiu as matérias componentes de seu grande livro.

A primeira parte cuida da sistematização da doutrina e da teoria do sindicalismo a qual, por sua vez, se divide em quatro capítulos: direito sindical e corporativo, definição, etc.; organização sindical corporativa na legislação estrangeira; evolução de legislação sindical brasileira; sindicalismo, organização profissional e corporativismo; formação, modificação e extensão das associações profissionais; efeitos do reconhecimento jurídico dos sindicatos; capacidade de ordenamento interno dos sindicatos; finanças sindicais; hierarquia sindical; responsabilidade das associações sindicais; enquadramento sindical; controle dos entes sindicais; adaptação dos sindicatos e das associações profissionais ao novo regime legal brasileiro.

A segunda parte ocupa-se da legislação sindical corporativa estrangeira; a terceira parte oferece um formulário completo, como já em tal assunto se conheceu entre nós, contendo todos os modelos para o registro das associações profissionais; modelos do livro de registro dos associados; formulas para pagamento do imposto sindical; guia para o balanço do exercício financeiro e precisão orçamentária.

A síntese que aí fica basta, por si só, para mostrar o valor e a utilidade de **Direito Sindical e Corporativo**, obra destinada a figurar entre os maiores sucessos de livreria no corrente ano.

Aliás, o autor não é um desconhecido, pois, há pouco mais de ano, publicou o seu primeiro livro jurídico — **Direito, Justiça e Processo do Trabalho** — que, vendido rapidamente, recebeu da imprensa e dos especialistas os mais expressivos elogios.

O **Direito Trabalhista**, como todo e qualquer direito, antes de atingir sua plenitude passou por diversas fases: inicialmente, eram idéias e teorias; depois vieram as primeiras leis que, executadas pelos órgãos competentes, geraram outras leis e a consequente jurisprudência. E as obras doutrinares vêm, afinal, conjugando as teorias com a legislação e a jurisprudência.

Nesta derradeira etapa, o sr. Cavalcanti de Carvalho se apresenta como um dos mais cultos e fecundos autores entre os juristas que se têm ocupado do direito trabalhista em nosso país.

Que o sr. Cavalcanti de Carvalho continue a produzir porque o seu labor enriquece a literatura jurídica nacional.

YALE GLEE CLUB

Coral de estudantes da Universidade de Yale, dos Estados Unidos da America do Norte

Já tivemos ocasião de nos manifestar a respeito da educação musical do povo americano, não só nas colunas desta Revista, como em nossa cátedra na Universidade do Brasil, e ainda em várias entrevistas concedidas á imprensa desta capital. Confirmando o nosso ponto de vista, embora combatido por pessoas que ocupam cargos musicais de alta responsabilidade no Brasil, escreveremos sobre o *Yale Glee Club*, coral de estudantes da Universidade de Yale, que em *tournee* pela América do Sul, acaba de visitar-nos, realizando tanto no Rio como em São Paulo, magníficos concertos.

Devemos declarar *ab initio* que os estudantes que compõem o belo conjunto não são profissionais, nem fazem estudos especializados de música naquela Uni-



Baile no Jockey Clube de S. Paulo oferecido ao "Yale".

versidade. Ao contrário, são estudantes de Direito, Medicina e Engenharia. Isso nos autoriza a reafirmar que o ensino de música naquele país, obedece a uma orientação perfeita. Todos aprendem música. Não interessa ao americano cantar de ouvido, como se verifica entre nós.

Quando o Presidente Vargas decretou o ensino de música e canto orfeônico nas escolas primárias e secundárias até á terceira série pouco depois da Revolução de 30, visava o ilustre estadista dar ao Brasil a cultura musical digna do seu povo. Mas o desejo do Presidente Vargas ainda não atingiu, lamentavelmente, os seus fins. Necessário se torna que em todas as escolas oficiais ou oficializadas, o ensino da música seja realmente levado a sério; e que saíamos do campo meramente teórico para o da prática ativa e eficiente.

Não é justo que continuem alguns colégios a manter apenas no papel o ensino de música e canto orfeônico. Também não é razoável que os estabelecimentos possuam os professores de música e a matéria não seja estudada porque os alunos não a julgam interessante. Estamos, pois, diante de um círculo vicioso. De um lado o pouco caso dos estudantes pela matéria, evidentemente porque ignoram os seus benefícios; do outro, o desrespeito á lei vigente, por parte dos responsáveis pela orientação geral e particular do ensino de música. De uma ou de outra maneira quem perde é a nação.

Faz 10 anos que a lei foi promulgada, e ainda não foi cumprida. Como conceber tal coisa? Como admitir que esse fato ocorra, não só nos Estados, mas principalmente na Capital da República?

Parece incrível que o nosso povo, que aliás é extraordinariamente dotado para a Música, nunca aprenda essa matéria! Por que? Será falta de professores especia-

lizados? Não creio. A Escola Nacional de Música e as Escolas particulares diplomam atualmente cerca de 300 a 400 alunos, que bem podiam ser aproveitados nesse mistér. Estamos convencidos de que o que nos falta é organização.

Em música, no Brasil, tudo está por fazer. Estamos na fase inicial, enquanto quasi todos os países do orbe, estão no final. Ouvimos dizer que os estudantes brasileiros, estimulados pela passagem por estas plagas, do *Yale Glee Club*, conjunto digno dos maiores elogios, estão resolvidos a formar um coral, nos moldes daquele. A tarefa não nos parece fácil. Falamos com conhecimento de causa. Quando Toscanini e Stokowski nos visitaram no ano passado, com suas esplendorosas orquestras, nós e um grupo de amigos abnegados resolvemos dar ao Brasil uma não menos bela Orquestra Sinfônica Brasileira, atraindo para isso os mais destacados musicistas do país. Iniciamos essa jornada, em 11 de Julho de 1940, data do aniversário do maior operista brasileiro — Antônio Carlos Gomes. A coisa, que nos parecia fácil a princípio, começou a tornar-se dia a dia mais complicada. Depois de pronta a orquestra não havia lugar para ensaiar, devido ao número elevado dos seus membros; não havia igualmente obras musicais suficientes para uma orquestra grande como a nossa. Não existia lugar para a orquestra estrear e para funcionar continuamente; porque o Teatro Municipal (que é o único conveniente, devido ao número de espectadores que comporta, sem contar — é claro — com os cinemas), estava ocupado com a *estação lírica*.

Isso é uma pequena amostra das numerosas dificuldades que vimos encontrando, apesar do grande sucesso obtido pela orquestra, e da aceitação pública, que logrou. No caso do *Coral de Estudantes Brasileiros*, que se projeta, haverá os mesmos problemas e mais este: Os estudantes da Universidade do Brasil não sabem música. E como não é possível formar um coral semelhante ao *Yale Glee Club*, cantando de ouvido, o coral dos nossos estudantes, infelizmente, morrerá no nascedouro. Os problemas que dependem de boa vontade e mesmo de dinheiro são removíveis, mas o saber música, é questão de tempo. Em dias, apenas, não será solucionada a questão. São precisos anos; daí a dificuldade, que se nos afigura invencível por enquanto.

Ao contrário do que acontece na Universidade do Brasil, a arte de cantar, faz parte integrante das Universidades de Princeton, Columbia, Chicago, Hamilton, Mississippi, California, Georgia, Kengon e muitas outras cidades do grande país amigo. O *Yale Glee Club*, vem desde 1921, realizando, sob a regência de Mr. Marshall Bartholomew, uma série infinita de audições de toda sorte, não só nas capitais americanas como em Londres, Paris, Bruxelas, Viena, Budapest, Berlim, Helsinki, Riger, Varsovia, Moscôu, Leningrado, Oslo e Amsterdam.



O côro do "Yale" no Municipal de S. Paulo.

Tomar parte nesse coro é uma distinção grandemente ambicionada pelos estudantes da tradicional Universidade. Enquanto em Yale a situação assim se apresenta, entre nós os estudantes acham que cantar é humilhante. O brasileiro não sente desejo de cantar o seu próprio hino, embora fique comovido ao ouvi-lo. Se esta é a mentalidade dos nossos estudantes, será fácil organizar um Corpo Coral digno de nota em nosso meio estudantil? Cremos que não.

Em todo caso, não queremos com estas apreciações quebrar os entusiasmos daqueles que pensaram nessa grande empresa, mas apenas deixar bem patente quão árdua embora nobre é a tarefa. O *Yale Glee Club*, pela excelência de suas excursões, pela disciplina, pela maneira correta com que cantou com nossa própria lingua, pela elegância e por tudo mais é digno de todas as homenagens.

O povo americano deve orgulhar-se em possuí-lo. Nós outros, nos sentimos honrados por haveremos tido a fortuna de ouvi-lo.

José Siqueira

M. CAVALCANTI DE CARVALHO

ADVOGADO

EDIFICIO CANDELARIA — Rua São José, 83-85 — 2.º andar

Sala 208 — Fone 42-4859 — RIO



Assistencia no Teatro Municipal de S. Paulo por ocasião do primeiro concerto do "Yale".

FIGURAS & FACTOS



Aspecto colhido pela nossa objetiva por ocasião da festa comemorativa do 33.º aniversário da fundação do Sindicato dos Empregados no Comercio do Rio de Janeiro, vendo-se sentados os diretores e o presidente, sr. Cupertino de Gusmão.

Péssimo profeta

A 6 de Setembro de 1876, efetuou o inventor norte-americano X. J. Lewis uma experiência pública da sua "curiosa máquina voadora".

A prova despertou grande entusiasmo, porque o aparelho em questão, que apresentava o aspecto de simples cabine de madeira, não apenas se ergueu do chão mas atingiu altura relativamente considerável.

O sistema baseava-se em várias velas que captavam o vento e o dirigiam para um lado e outro, ao sabor das manobras.

Tendo subido a cerca de cinquenta metros e percorrido pequena distância, o complicadíssimo aparelho caiu e fez-se em pedaços. O inventor saiu ileso, mas as pessoas mais próximas ouviram-no exclamar no tom solene, inspirado de quem faz uma profecia:

— E' impossível voar! Nenhum homem neste mundo o conseguirá jamais!

Santos Dumont se encarregaria de demonstrar que X. J. Lewis era tão habil inventor quanto clarividente profeta...



No dia 31 de Julho realizou-se nos escritórios da firma Daudt, Oliveira & Cia, o 19.º sorteio do "Concurso da Carta Enigmática" instituído pelo Almanaque da Saúde da Mulher, para 1941, elevando-se a 38.260 o total dos decifreadores em condições de concorrer aos prêmios. Os dois clichês nos mostram a mesa que presidiu aos trabalhos em que se vêem os d. Paulo Godoy, Daudt de Oliveira, e sra. d. Maria America de Gouvêa, fiscal do governo, e noutro o numero correspondente ao 1.º prêmio, de rs. 10:000\$000, que coube ao sr. Cosmo Inforzato, residente em Lavinia, Estado de S. Paulo.

A razão do urbanista

Os parques de forma circular que em numerosos pontos interrompem o traçado das ruas de Washington, e que tantas censuras provocam pelo estorvo que causam á circulação dos automoveis, fazem parte do sistema de defesa da cidade.

O arquiteto francês Pierre Charles L'Enfant, autor do plano de Washington, concebeu a idéia desses parques, por haver presenciado os atos de vandalismo que o populacho de Paris praticara nos dias sangrentos da Revolução Francesa. Colocando-se canhões — e em caso de motim bastariam hoje metralhadoras — nos parques referidos, evitar-se-ia a entrada na cidade por qualquer dos quatro pontos cardeais.



O NOVO GOVERNADOR DO ACRE

posse do capitão Osmar Passos, recentemente do Acre.

Flagrante feito "no gabinete" do sr. Ministro da Justiça por ocasião da nomeado Governador do Território

Seja sua
própria
ENFERMEIRA

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27	28	29	30

No fim de um ano, quanto somarão esses dias de dores, roubados aos afazeres e às alegrias da vida?

A aproximação do período mensal é, para as senhoras que não têm boa saúde, um tormento e um pesadelo. A simples lembrança dos sofrimentos que se avizinham perturba-lhes a tranquilidade e as põe em sobressalto.

Afaste de si os padecimentos periódicos. A SAUDE DA MULHER — regulador, tônico, anti-doloroso — é o remédio que lhe restituira á tranquilidade. Ele tem no nome o resumo de suas virtudes:

A SAUDE DA MULHER

NOSSA TERRA

XIQUE-XIQUE



A silhueta estranha de uma linha de cactos num prado nordestino traz à lembrança os campos devastados, que hoje se espalham pelo mundo como chagas em um corpo corroído por uma erupção. O cacto, no entanto, é uma lição iniludível do esforço construtor. É a encarnação mais audaciosa da ânsia de viver. Quando a inclemência tudo destrói, a vida encontra refúgio nesse ente miraculoso que exige para subsistir apenas a superfície de uma pedra. E subsistindo, o cacto faz viver os habitantes do deserto. Constitui-se centro de vida, armazém natural de subsistência.

No sertão nordestino, o xique-xique é um precioso aliado da vida. Queimado, ele representa alimentação substancial para o gado; e o próprio homem apela para ele nos transe angustiosos das épocas de penúria, encontrando em sua polpa um alimento providencial.

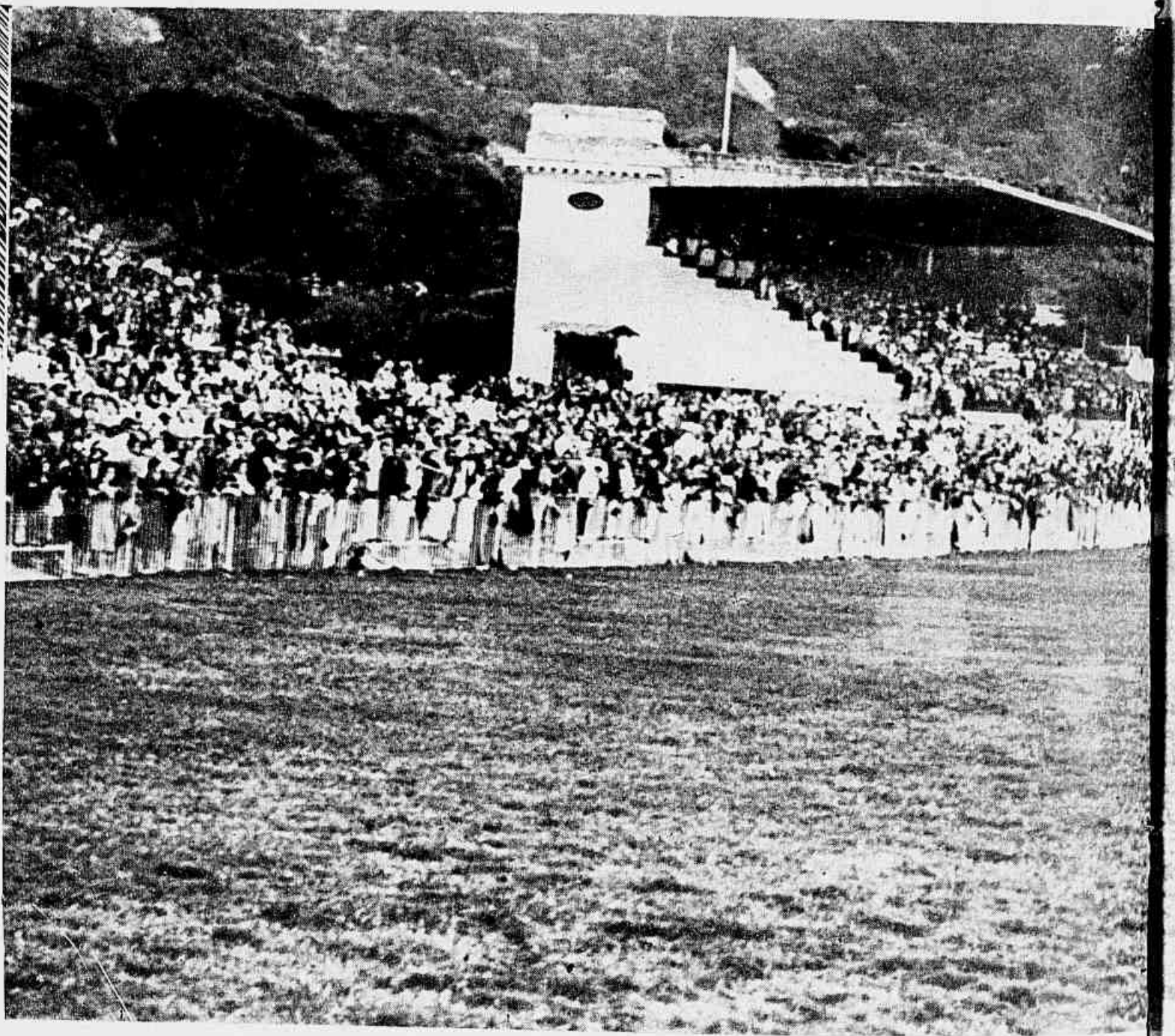
A vida de um cacto é, também, um quadro trágico da inexorabilidade do destino. Da força destruidora que representa o próprio princípio de criação. A razão de ser de sua vida emana da destruição dos outros seres. Jamais ele subsistirá onde antes não haja lavrado a devastação. A angústia e a desolação anunciam sua florescência.

Pode dizer-se, portanto, que o cacto é o único ser vivo que, como o homem, precisa de destruição para viver. Entre um jardim de cacto e um campo de batalha, a única diferença essencial é que os cactos nasceram pela morte e os homens morreram pela vida.

GRANDE PREMIO BRASIL



Flagrante do momento em que o jornalista português Armando Boaventura era saudado logo após saber-se que fora ele o feliz do "Sweepstake".





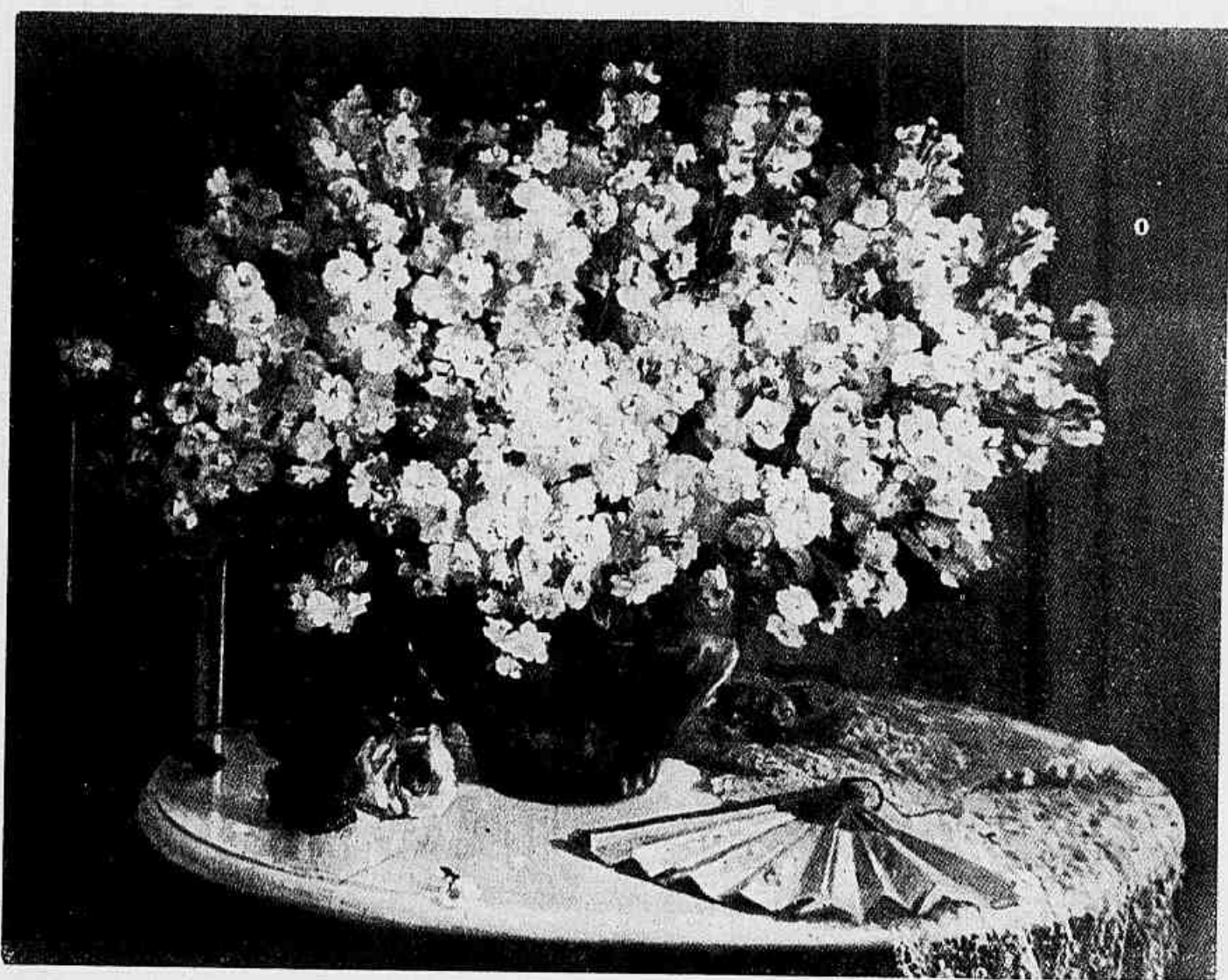
Domingo último ficaram plenamente satisfeitas as esperanças e expectativas dos que ansiavam pelo sucesso esportivo e mundano da maior prova do turf nacional. A disputa pela nona vez do grande Prêmio Brasil levou à Gávea milhares de pessoas que se enolgaram não somente com a eletrizante vitória de Pollux como também com o encanto e elegância emprestadas à bela tarde pelo bom gosto das senhoras e senhoritas presentes. Tudo concorreu para o brilhantismo da grande prova hípica a que concorreram 18 animais entre os quais os mais cotados eram Shangai, Zurrum, Black Toni, Corena, Polux, Paulista e Apolo. No início da prova Shangai, Zurrum, Gran Fifi e Zepelin tomaram a frente. Logo aos 50 metros Paulista avançou e ficou na liderança dos concorrentes, fazendo fogo para Corena, sua companheira de jaqueta. Atrás dela vinham Shangai, Zurrum, Gran Fifi, Apolo, Alfiler, Zepelin e Corena. Cerca dos 1200 metros a luta adquiriu novo impulso por ter Paulista acelerado sua velocidade lançando-se Shangai nas suas pegasas disposto a não deixar a vitória ficar perdida. Nesse interim Corena, Pollux e Zurrum aumentam igualmente o ímpeto de sua carreira, tendo Corena atingido o 3.º posto. Paulista começa a diminuir seu esforço passando Shangai para a frente assediado por Corena, que a pouco e pouco foi vencida dando aos apreciadores impressão que Shangai seria o vencedor. Nesse momento Pollux avança e otimamente dirigido por Molina alcança espetacularmente a vitória por pequena diferença de Shangai. Em terceiro chegou Apolo, em quarto Corena e em quinto Paulista.



Ao alto — O cavallo Pollux montado por A. Molina sendo aclamado por sua vitória.
Em baixo — Aspecto da sensacional chegada.



ARTE



«Canto de Sala» — tela de Lucilia Fraga, exposta na "mostra de quadros" que essa conhecida pintora paulista está realizando no Salão do Pálace-Hotel. E' interessante a contraposição do leque descansando em abandono ao lado do vaso de flôres cuidadosamente arrumado.

LUCILIA FRAGA apresenta em sua exposição unicamente flôres, se bem que pinte também paisagens e figuras. A disposição, em suma o "arranjo" das flôres revela muito bom gosto e imaginação. Algumas das telas encantam sobretudo pela forma como elas se apresentam. E' curioso que essa pintora paulista seja dotada de grande facilidade de colorir, que usa elíás em abundância. Todos os seus quadros são ricos de côr. E isso é curioso porque S. de Santo Adolfo já escreveu diversas vezes em "Planalto" que o meio geográfico de São Paulo não permite o maneio e a compreensão intensa da luz na pintura. Surgiu até pequeno debate com Luiz Martins. Todavia Lucilia Fraga é fortíssima na côr, o que dá lugar a muitas sugestões, inclusive a de que a questão da côr em São Paulo seja mais uma tendência da "escola" que de "meio".

Já por essa classificação, o japonês T. Kaminagai, que passou os ultimos 15 anos em Paris, seria um ótimo artista paulista. Porque a luz e a côr desaparecem em suas telas, aliás interessantes. Nelas as proprias linhas e contornos são mais sugestões que realidade. Indiscutivelmente o impressionismo de Kaminagai é manejado com muita habilidade pelo artista, que foi apresentado com bom elogio de Portinari. E' interessante que ele partiu da Oceania para Paris, realizando caminho inverso a Gauguin. Pintura, até certo ponto, pois o japonês é o homem das paisagens. Mas nas figuras lembra um pouco o traço do grande francês.

Já se pôde dizer que o brasileiro sente a paisagem de modo brasileiro. As figuras de Valenta atraem a atenção logo e sensibilizam o nacional. As paisagens, não. Vê-se nelas algo de muito europeu, algo que não é nosso. Mas são bem desenhadas.



«Mimosas em Louça antiga» — pintura de Lucilia Fraga que se encontra igualmente na sua Exposição. Essa tela de um rico colorido vai ser enviada para a Argentina.



Interessante «Retrato de Izabel», feito por Ludovico Valenta, pintor austriaco que expoz suas obras no Museu de Belas Artes. Nascido em 1893 tornou-se célebre por ter se dedicado a pintar a gente pobre dos suburbios de Viena. Os seus "retratos" são dotados de muita expressão e sensibilidade havendo já Hermann Kastner comparado sua arte á de Degas e Cezanne, opinião reforçada por Artur Roessler, que o chamou de "Cezanne austriaco".



«Aspecto duma rua de Salzburgo» — tela de Valenta. Esse artista formou-se na Universidade de Belas Artes de Viena e teve como professores Guépenkerl e Pechwalsky. Atualmente reside no Brasil, onde já pintou algumas paisagens e retratos.



«Pirineus» — é uma interessante paisagem da França, que o pintor japonês Kaminagai expoz na sua recente exposição na Associação dos Artistas Brasileiros, e que obteve o maior êxito.



Sras. Marisita Kopp e Teresa Velasco Kopp apreciando as peçepias do concurso realizado nos Dragões da Independência.



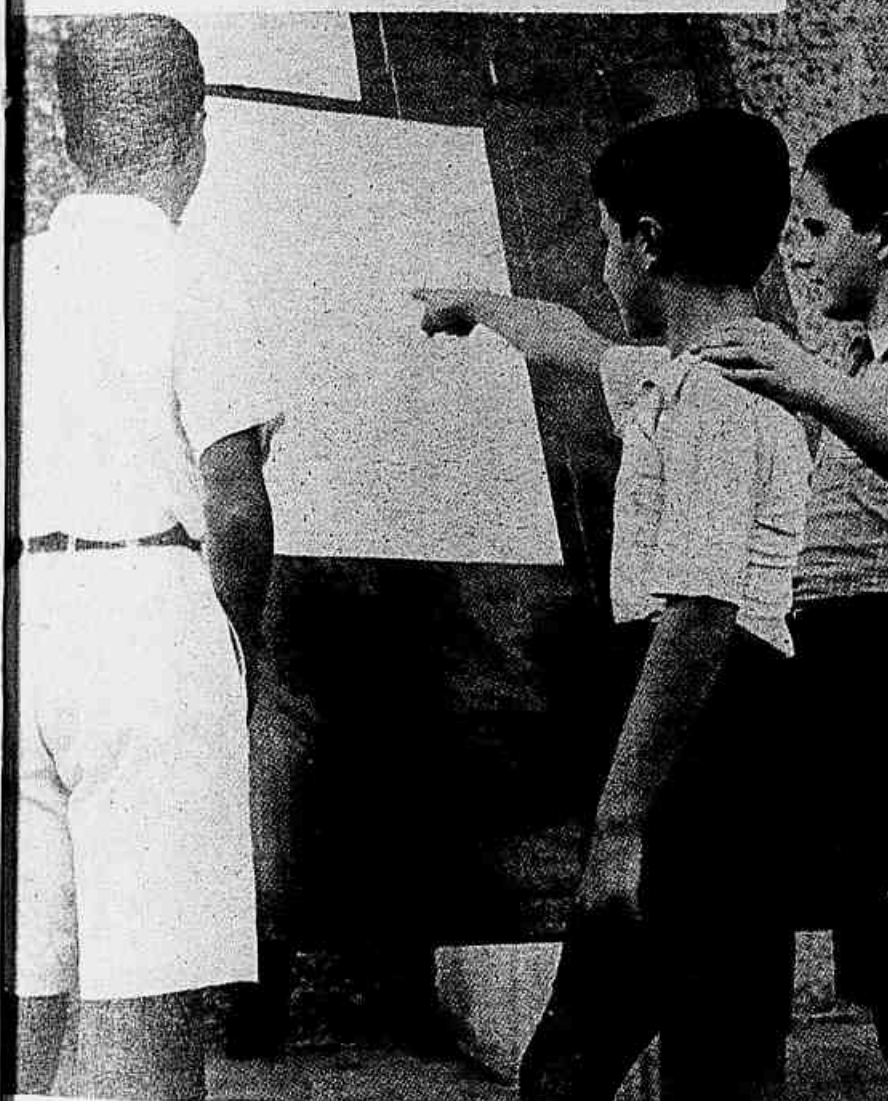
Flagrante da sra. Célia da Silva Ramos assistindo às provas hípicas do último sábado.



As sras. Mario Barbosa Carneiro e as srtas. Stela Gombart e Maria Corrêa lêem o programa do concurso híptico.

CONCURSO

HIPICO



A curiosidade dos meninos que apreciavam o concurso híptico.

Realizou-se, no sábado passado, á tarde, na pista do 1.º Regimento de Cavalaria Divisionária, o concurso híptico para a disputa das provas «Brigadeiro João Manuel Mena Barreto» e «Brigadeiro Andrade Neves».

Enorme assistência encheu as arquibancadas do picadeiro dos Dragões da Independência.

Foram os seguintes os resultados do concurso:

Prova «Brigadeiro João Manuel Mena Barreto», para oficiais, civis e amazonas, no percurso normal de 600 metros, sobre 10 obstáculos de altura máxima: de 1m20 e largura de 3m; 1.º lugar — capitão Renato Paquet Filho, da Escola das Armas, montando o cavalo «Casulo», com 0 falta no tempo de 1'05; 2.º lugar — tenente Valdir Bastos, da Polícia Militar do Distrito Federal, montando o



O sr. Joaquim Catramby em pleno salto, no cavalo «Cae n'agua».



O capitão Rubens Continentino e o tenente Gondim seguem atentamente as provas que se estão desenrolando na pista.

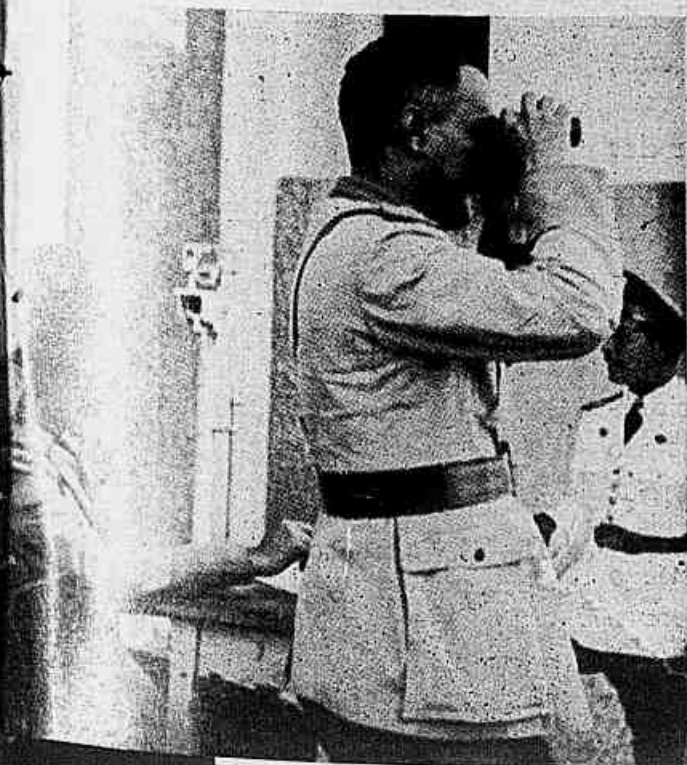


O capitão Corrêa montando «Icarai» em brilhante salto.

cavalo «Alegre», com 0 falta no tempo de 1'05; 3.º lugar — capitão João Franco Pontes, da Escola das Armas, montando o cavalo «Bembo», com 0 falta no tempo de 1'05 3/5. O oficial melhor colocado do 1.º R. C. D., o 1.º tenente Carlos Alberto Rocha, ganhou um bronze oferecido pelo sr. Luico Malta.

— Prova «Brigadeiro Andrade Neves», para oficiais e civis, no percurso de 600 metros, sobre 8 obstáculos (mais um de ensaio), de altura máxima de 1m,05 e largura máxima de 4m. 1.º lugar — capitão Joaquim Caminha, montando o cavalo «Batuta», com 4 faltas; 2.º lugar — capitão Rubens Continentino, montando o cavalo «Artista», com 12 faltas; 3.º lugar — tenente Castro Pinto, montando o cavalo «Xoréu», com 13 faltas.

Da esquerda para a direita: O capitão Nery e o aspirante Pedro Fonseca da mesa de repesagem. — O sr. Fábio Camanho examina um dos prêmios destinados aos concorrentes civis. — Um oficial do exército prepara-se para a prova. — Dois soldados realizam comunicações telefônicas.



De olhos para o céu!



O traje não demonstra. Entretanto, esse cidadão, como todos os seus compatriotas válidos, é soldado do exército suíço.



São essas graves personagens suíças que têm a incumbência de contar as mãos que se levantam, no exercício do voto nos cantões.



Na Suíça, todos os cidadãos participam da vida nacional, votando com as mãos levantadas quando se realizam as Landsgemeinden, reuniões gerais dos habitantes de cada cantão. A gravura mostra os eleitores à espera do resultado do voto.

Foi diante dos altares que os Suíços comemoraram o 650.º aniversário da fundação da nacionalidade. Deve o povo todo ter esquecido o conflito religioso do século último, nascido da *Sonderbund*, para erguer os olhos ao céu, numa suplica pela paz.

A lenda de Guilherme Tell, bebida nas lendas islandesas, ainda é um véo translúcido de poesia a proteger a terra estranha dos montes nevados e dos lagos incomparáveis.

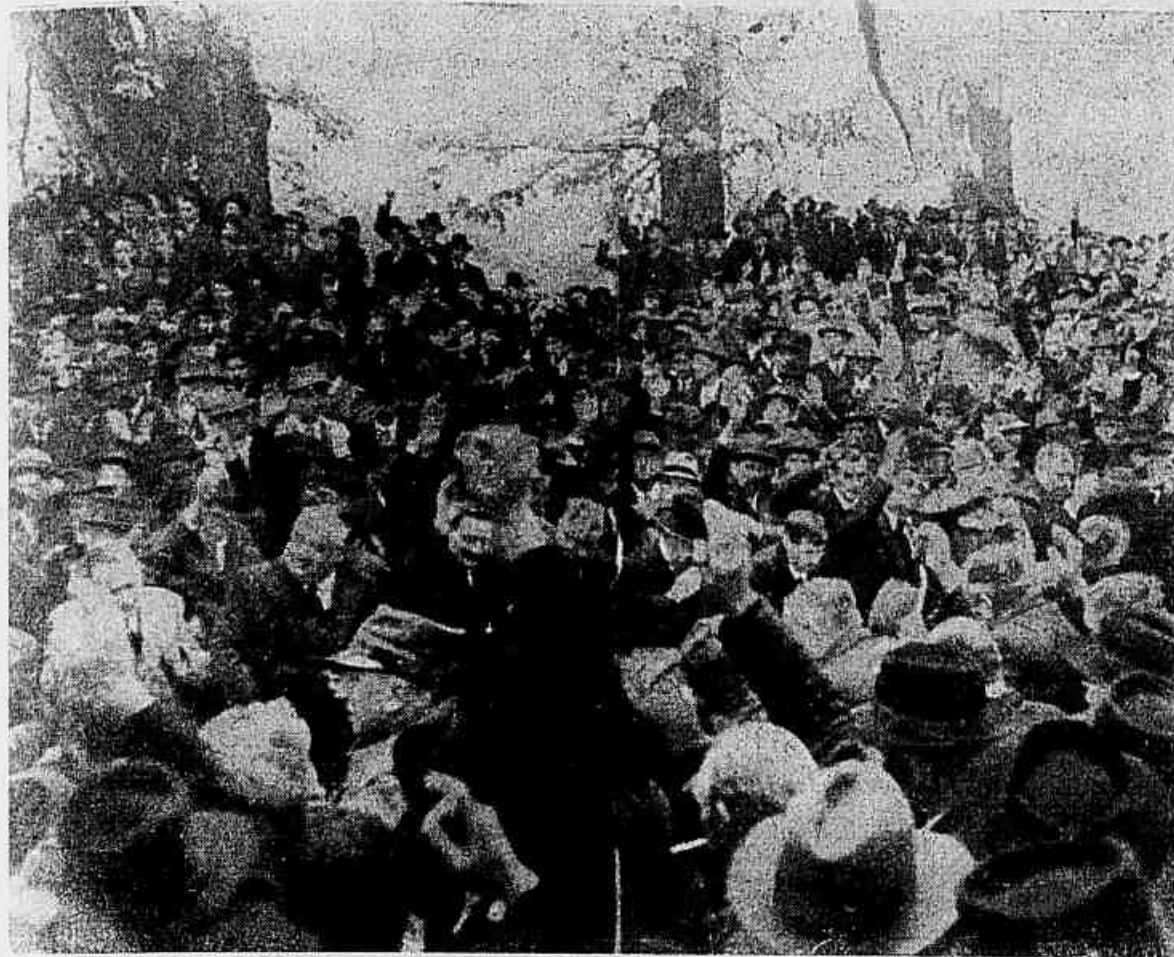
Não é, acaso, um episódio quasi lendário a estabilidade dentro do céu? Não parece uma lenda também a conservação da paz que a Suíça ostenta, rodeada pelas fogueiras malditas da guerra?

A origem nacional perde-se na hipótese dos povos lacustres, barátha-se nos helvécios, romanos e francos, e, por fim, subverte o dogma aritmético da separação das quantidades diferentes para apresentar, á luz dos séculos, um todo homogêneo, amalgamado sobre parcelas heterogêneas.

Data de 1291 o primeiro processo da nacionalidade, a confederação inicial, o protoplasma do organismo perfeito, de suprema robustez moral, que envaidece a nossa época. A beira de um lago, tres cantões se unificaram Schwyz — que deu o nome á nação — Uri e Unterwalden. Pouco depois,



Um eleitor suíço expõe seu ponto de vista numa Landsgemeinde



Aspecto de uma *Landsgemeinde*, assembléia popular cuja finalidade consiste em eleger os altos funcionários do cantão e ratificar, com as mãos levantadas, as leis cantonais.

outros se lhes agregaram, espontando na vanguarda, cronologicamente, Lucerna. Eis por que o lago de Lucerna é, nos nossos dias, o lago dos Quatro-Cantões.

Os seis e meio séculos de confederação tiveram á margem desse lago histórico — região onde se tramou a edificação de um dos mais notáveis monumentos cívicos do orbe — o santuário de sua comemoração.

As convulsões posteriores não lograram abalar o todo que se constituiu sobre a base inquebrantável do idealismo, essa força indefinível que é e será sempre o potencial máximo da coesão. As vicissitudes, ao invés de ditarem a subdivisão, a fragmentação, o prólogo do extermínio, tiveram o condão de aviventar cada vez mais o organismo vigoroso e sadio, na pequena para a qual as tempestades se apoucaram, na racional inversão do prolóquio.

O sólo venerável da Suíça tem a garantia dos tratados, acórdos firmados com solenidade e que deveriam apresentar, precipuamente, a santidade dos Evangelhos e a intangibilidade dos dogmas. As lições do mundo, entretanto, veem demonstrando como são precárias as cláusulas dos textos internacionais, violadas ostensivamente a cada passo. Eis por que a Suíça professa o lema do *si vis pacem*, mantendo vigilante seu exército, que é o esplêndido penhor da dignidade nacional, todo ele integrado pela gloriosa descendência dos guerreiros que defenderam Genebra contra Cesar e que inscreveram na História a página maravilhosa de Marignan. De dentro de várias vicissitudes, arredadas com honra, a Suíça emergiu, ingressando no nosso século como um padrão de nacionalidade civilizada e com o inequívoco culto da paz. Nem mais os seus soldados se integram nas hostes estrangeiras, como outrora: ficam no sólo pátrio, no firme propósito de defendê-lo, se preciso, das surpresas que teem sido, desgraçadamente, inumeráveis nos nossos dias.

A Suíça levou ao mais alto grau prático o lema da temporariedade dos poderes, apregoado pelos publicistas. Dilatou de modo original e perfeito a representação dos cidadãos nas assembléias eleitorais. Entretanto, não ha leis que definam nada disso, no universo, calcadas na experimentação.

Sabe o mundo que houve um despotismo luminoso, na Roma dos Antoninos, que a História consigna como «Século Aureo»; ninguém ignora que na república inglesa de Cromwell foram postos escritos no Parlamento; não ha quem

desconheça que o auge da democracia ensanguentou dolorosamente a França de 93; é do domínio de todos que todas as formas de governos são boas e são más. De Weiss concretizou essa verdade num conceito lapidar: «Todas as formas de governo servem: dependem de quem as exercita e a melhor é aquela que produz melhores resultados».

Aí está porque a fórmula tripartida de Aristóteles — monarquia, aristocracia e democracia — pôde convir a qualquer nação. Ainda é verdadeira e possível.



Na *Landsgemeinde* o voto é sempre dado com a mão erguida.

A finalidade é una e indisfarçável. Tudo depende dos homens, e não dos rótulos. A Suíça encontrou a fórmula ideal. Bendita seja! Encontrá-la-ia, possivelmente, sob qualquer outra forma de governo. Porque os seus estadistas teem demonstrado que governam com o idealismo da perfeição, buscando para o povo lendário do âmbito lacustre e montanhês a paz acima de tudo, tão firme e luminosa que ainda dentro dos cataclismas as criaturas que se congregam em volta do lago histórico dos Quatro-Cantões podem viver tranquilas e erguer as mãos para os céos, pedindo que os outros povos, circundantes possam ser, como os filhos de Cristo, feitos á sua imagem e semelhança.

João de Mamede



Embora em paz, a Suíça não descuidava dos preparativos para a guerra. Os seus soldados, descendentes dos que repeliaram Cesar quando da pretendida tomada de Genebra e dos que enfrentaram Francisco I em Marignano, exercitam-se sempre. Vemos na gravura um deles, com um equipamento a que nem os skis faltam, em perigoso exercício de escalada nas imponentes montanhas pátrias.

Salvador de Mendonça Professor

Aos sonetos primorosos se exige chave de ouro, isto é, perfeição de remate. Celebrações de centenários obterão a preciosa chave? Talvez.

Acabam de encerrar-se as comemorações do centenario natalicio de Salvador de Mendonça injustigado em vida para glorificado em sepultura. Conservando todo apreço ás varias demonstrações postumas á valia de Salvador de Mendonça, seja licito pedir um pouco a chave de ouro para a homenagem prestada a Salvador de Mendonça pelo **Colegio de Pedro Segundo** onde interinamente ocupou cátedra, a de Corografia e Historia do Brasil. Por ser o ultimo dos preitos dados a Salvador o do antigo «Imperial Collegio» nem por isso diminuiu de preço. Os ultimos tornados primeiros procedem de advertencia evangelica.

Creado o **Pedro Segundo**, em 1837, logo nele surgiu cadeira de Historia Universal, a principio limitada á Historia Antiga especialmente Romana. Ocupou a cadeira Justiniano José da Rocha, brasileiro de primeira ordem intelectual, manifestada na imprensa.

Em 1849 era Joaquim Manoel de Macedo provido na cátedra de Historia Antiga e Geografia, ele já de prestigio firmado em amor ás letras, de culto desde tesse inaugural, a de Macedo versando **A Nostalgia** sob aspeto científico que se prestava a ser tratado literariamente.

Em 1858, por subdivisão de cadeira, o **Pedro Segundo** contava um professor de Historia Antiga e Média e outro de Historia Moderna e por fim Contemporanea. Isso o ambos permitia maior desenvolvimento no estudo da ilimitada disciplina posta em luz pelos dias e não escurecida pelo tempo.

Ainda em 1858, por nova subdivisão, era o Collegio Ilustre felicitado com a criação da cadeira de Historia do Brasil á qual se juntava o conhecimento da Corografia pátria. Macedo foi proprietario da cadeira nova, a seu cargo de 1858 a 1880, até morte pois.

Não se contentou Macedo em lecionar ou examinar. Escreveu compendios para uso de seus discipulos. De Macedo autor pedagogico disse Carlos de Laet, com mor z justiça, que esta exaltando o merecedor tambem póde fustigar o desprezível. Observa Laet ter Macedo escrito «tratados de corografia e historia do Brasil, muito criticados, mas geralmente copiados pelos que o censuram». Não tivesse razão o verso de Desjardins: «La critique est aisée, et l'art est difficile» sobretudo se o censor é plagiador ou fargado ou espiador confesso.

Macedo era digno de ensinar Historia do Brasil. Amava-o intensamente, de cor tambem ao torrão natal fluminense — Itaboraí. Dedicou-lhe comovedoras paginas em **O Rio do Quarto** e pediu sepultura onde tivéra berço.

Ser de Itaboraí equivalia para Macedo á melhor carta de recomendação, a es ser qualquer outra. Em Itaboraí nasceu Salvador de Mendonça, a 21 de Julho de 1841, vinte e poucos anos após Macedo.

Celebrado agora centenario natalicio de Salvador de Mendonça é realizada revisão de seus talentos e de seus serviços nas profissões e nas carreiras ás quaes se dedicou não sem desgostos, certos para quantos cumprem deveres á risca desconhecendo relapsos.

Das carreiras de Salvador foram principais a consular e a diplomatica. O maior transcurso na America e num ponto como os Estados Unidos, filhos da Inglaterra e orgulhosos da ascendencia.

Em certa altura de mocidade Salvador de Mendonça achou se prof ventura de o ser no **Colegio de Pedro Segundo** do qual em tempo algum se viu o Imperador escolhido pela regencia Araujo Lima para protetor do padrão do nosso ensino secundario.

Conservando e proclamando crengas republicanás, Salvador de Mendonça mostrou alto respeito a D. Pedro II. No terreno da justiça os homens de opiniões diversas sempre se encontram a gosto. A justiça, sem desconhecimento, se reserva o melhor do trigo em obediencia a proverbial e devota a sua vez D. Pedro II jamais regateou a Salvador de Mendonça prova de apreço e consideração, até atento a palavras e avisos de Salvador, do Brasil, ao qual ambos se consagravam nas respectivas esferas de estudo e de trabalho.

Como se tornou Salvador de Mendonça professor no educandato Regencia com a denominação indeturpavel de **Colégio de Pedro Segundo**.

Macedo, membro do partido liberal, mereceu por duas vezes ser nomeado geral pela provincia nativa, a do Rio de Janeiro. Instado para ministro do convite. Alegou não ter meios pecuniarios bastantes para, á sua custa, a representação do cargo.

Escragnolle Doria

Contentou-se Macedo em representar nação, obrigado por isso a interromper exercicio de magisterio. Numa de taes ausencias Macedo indicou Salvador para seu substituto na cadeira a ele bem confiada.

As sessões legislativas ordinarias no Imperio iam de Maio a Setembro, gratuitas as prorogações assás frequentes. A 6 de Maio de 1865 abrio-se a Assembléa Geral, Senado e Camera, para funcionamento da 12.ª legislatura do regimen monarchico. Entre outros a provincia do Rio de Janeiro elegera Otaviano, Saldanha Marinho, Pedro Luiz, o general Bellegarde e o coronel Carneiro de Campos, dentro em breve prisioneiro e martir das garras de tirania de Solano Lopez.

Representando o 3.º distrito da provincia fluminense, Macedo sentar-se-ia entre dignos colegas. Cumpria dar-lhe substituto no **Pedro Segundo**, muito mais dependente do Imperador do que do Ministerio do Imperio ao qual se subordinava a instrução publica nos seus diversos grãos.

No momento da ausencia de Macedo operava-se transição governamental na politica brasileira; a transição entre o gabinete Furtado de 31 de Agosto de 1864 e o de 12 de Maio de 1865 presidido por Olinda.

No gabinete Furtado, na pasta do Imperio, achava-se um professor, Liberato Barroso, lente da Faculdade de Direito do Recife; justo quando, a 9 de Maio de 1865, Salvador de Mendonça substituiu Macedo que o indicara para reger a cadeira de Historia e Corografia do Brasil.

Precioso é o arquivo do **Pedro Segundo**, tão digno de ser cuidado e ao qual tanto se consagrou o saudoso arquivista Augusto Pedro da Silva Maja, neto paterno de conspicio professor do Colégio, o Dr. Emilio Joaquim da Silva Maja.

No precioso arquivo, para o qual todos os zelos deven ser poucos, do Registro da Correspondencia do Reitor do Externato do Imperial Collegio de Pedro Segundo, á pagina 50 verso, consta o seguinte documento:

«Externato do Imperial Collegio de Pedro Segundo em 9 de Maio de 1865 — Ilmo Exmo. Snr. — Tenho a honra de participar a V. Exa. que entrou hoje em exercicio o cidadão Salvador Furtado de Mendonça e Menezes, nomeado para reger interinamente a cadeira de Historia e Corografia do Brasil no impedimento do Dr. Joaquim Manoel de Macedo — Deus Guarde a V. Exa. — Ilmo Exmo Snr Dr. Joaquim Caetano da Silva, Inspector Geral da Instrução Primaria e Secundaria do Municipio da Côrte — (assignado) Dr. Manoel Pacheco da Silva.

Assim participado o ingresso de Salvador de Mendonça ao grande Joaquim Caetano, ex-reitor do Collegio, entrou o novo professor, já de prática no ensino particular, a dizer Corografia e Historia do Brasil, cadeira tão grata a quem amando patria forçosamente se comprazia em discorrer sobre ella, excepcional em natureza, recomendavel em passado quatri-secular.

No tempo de magisterio de Salvador de Mendonça graduavam-se em letras duas turmas de septanistas, uma turma no Externato, menos numerosa, outra no Internato, por excepção mais numerosa, nela entre discentes distintos Rodrigues Alves, Joaquim Nabuco, Vieira Fazenda. Este recordaria na velhice a quadra da juventude sempre aurea para quantos na humanidade não encetam vida pela desdita.

Para um moço de vinte e cinco anos incompletos, qual Salvador de Mendonça, devia ser honra e gosto sentar-se numa Congregação de professores envelhecidos.

Salvador de Mendonça
(Itaboraí 1841 — Rio de Janeiro 1913)

ou senescentes no ensino, um Tantphoeus, um Fernandes Pinheiro, um Hulbout, um José da Silva Lisboa, filho de Cayrú, e muitos outros.

Estava Salvador de Mendonça em condições juvenis de comprehender adolescentes em geral educados pelo lar no respeito devido a mestres dignos. Gosaria assim Salvador de Mendonça grata convivencia no estabelecimento duplo pelo lado administrativo se novo pelo corpo docente e pela orientação pedagogica que se deve avaliar pelos frutos que produziu opimos.

Deixando o **Pedro Segundo**, Salvador de Mendonça foi a estudos superiores, formado em ciencias sociais e juridicas pela Faculdade de Direito de S. Paulo em 1869.

Não se lhe apagou, porém, no decurso de vida prolongada a lembrança do **Pedro Segundo**, e a recordava pela penna e na conversa intima.

Justo, pois, foi o recente preito prestado a Salvador pelo **Colegio de Pedro Segundo**, casa de ensino com a particularidade de ter tido berço em 1837 para memoria de outro, o do nosso segundo imperador.



Joaquim Manoel de Macedo
(Itaboraí 1820 - 1882)



Salvador de Mendonça Professor

Aos sonetos primorosos se exige chave de ouro, isto é, perfeição de remate. Celebrações de centenários obterão a preciosa chave? Talvez.

Acabam de encerrar-se as comemorações do centenario natalicio de Salvador de Mendonça injustiçado em vida para glorificado em sepultura. Conservando todo apreço ás varias demonstrações postumas á valia de Salvador de Mendonça, seja licito pedir um pouco a chave de ouro para a homenagem prestada a Salvador de Mendonça pelo **Colegio de Pedro Segundo** onde interinamente ocupou cátedra, a de Corografia e Historia do Brasil. Por ser o ultimo dos peitos dados a Salvador o do antigo «Imperial Collegio» nem por isso diminui de preço. Os ultimos tornados primeiros procedem de advertencia evangelica.

Creado o **Pedro Segundo**, em 1837, logo nele surgiu cadeira de Historia Universal, a principio limitada á Historia Antiga especialmente Romana. Ocupou a cadeira Justiniano José da Rocha, brasileiro de primeira ordem intelectual, manifestada na imprensa.

Em 1849 era Joaquim Manoel de Macedo provido na cátedra de Historia Antiga e Geografia, ele já de prestigio firmado em amor ás letras, de culto desde tesse inaugural, a de Macedo versando **A Nostalgia** sob aspeto científico que se prestava a ser tratado literariamente.

Em 1858, por subdivisão de cadeira, o **Pedro Segundo** contava um professor de Historia Antiga e Média e outro de Historia Moderna e por fim Contemporanea. Isso o ambos permitia maior desenvolvimento no estudo da ilimitada disciplina posta em luz pelos dias e não escurecida pelo tempo.

Ainda em 1858, por nova subdivisão, era o Collegio Ilustre felicitado com a criação da cadeira de Historia do Brasil á qual se juntava o conhecimento da Corografia pátria. Macedo foi proprietario da cadeira nova, a seu cargo de 1858 a 1880, até morte pois.

Não se contentou Macedo em lecionar ou examinar. Escreveu compendios para uso de seus discipulos. De Macedo autor pedagogico disse Carlos de Laet, com mordaz justiça, que esta exaltando o merecedor tambem pôde fustigar o desprezível. Observou Laet ter Macedo escrito «tratados de corografia e historia do Brasil, muito criticados, mas geralmente copiados pelos que o censuram». Não tivesse razão o verso de Destouches: «La critique est aisée, et l'art est difficile» sobretudo se o censor é plagiador disfarçado ou espiador confesso.

Macedo era digno de ensinar Historia do Brasil. Amava-o intensamente, de amor tambem ao torrão natal fluminense — Itaboraí. Dedicou-lhe comovedoras paginas em **O Rio do Quarto** e pediu sepultura onde tivéra berço.

Ser de Itaboraí equivalia para Macedo á melhor carta de recomendação, a escusar qualquer outra. Em Itaboraí nasceu Salvador de Mendonça, a 21 de Julho de 1841, vinte e poucos anos após Macedo.

Celebrado agora centenario natalicio de Salvador de Mendonça é realizada a revisão de seus talentos e de seus serviços nas profissões e nas carreiras ás quaes se dedicou não sem desgostos, certos para quantos cumprem deveres á risca descontentando relapsos.

Das carreiras de Salvador foram principais a consular e a diplomatica, ambas de maior transcurso na America e num ponto como os Estados Unidos, filhos crescidos da Inglaterra e orgulhosos da ascendencia.

Em certa altura de mocidade Salvador de Mendonça achou-se professor. Teve a ventura de o ser no **Colegio de Pedro Segundo** do qual em tempo algum se desviaram as vistas do Imperador escolhido pela regencia Araujo Lima para protetor do estabelecimento padrão do nosso ensino secundario.

Conservando e proclamando crenças republicanas, Salvador de Mendonça sempre mostrou alto respeito a D. Pedro II. No terreno da justiça os homens de bem embérra de opiniões diversas sempre se encontram a gosto. A justiça, sem desconhecer o joio infalível, se reserva o melhor do trigo em obediencia a proverbial e devida separação. Por sua vez D. Pedro II jamais regateou a Salvador de Mendonça provas de verdadeiro apreço e consideração, até atento a palavras e avisos de Salvador, a bem do serviço do Brasil, ao qual ambos se consagravam nas respectivas esferas de ação e bom entendimento.

Como se tornou Salvador de Mendonça professor no educandario creado pela Regencia com a denominação indeturpavel de **Colégio de Pedro Segundo**?

Macedo, membro do partido liberal, mereceu por duas vezes ser eleito deputado geral pela provincia nativa, a do Rio de Janeiro. Instado para ministro, Macedo declinou do convite. Alegou não ter meios pecuniarios bastantes para, á sua custa, manter o lustre e a representação do cargo.

Escragnolle Doria

Contentou-se Macedo em representar nação, obrigado por isso a interromper exercicio de magisterio. Numa de taes ausencias Macedo indicou Salvador para seu substituto na cadeira a ele bem confiada.

As sessões legislativas ordinarias no Imperio iam de Maio a Setembro, gratuitas as prorogações assás frequentes. A 6 de Maio de 1865 abriu-se a Assembléa Geral, Senado e Camera, para funcionamento da 12.ª legislatura do regimen monarchico. Entre outros a provincia do Rio de Janeiro elegera Otaviano, Saldanha Marinho, Pedro Luiz, o general Bellegarde e o coronel Carneiro de Campos, dentro em breve prisioneiro e martir das garras de tirania de Solano Lopez.

Representando o 3.º distrito da provincia fluminense, Macedo sentar-se-ia entre dignos colegas. Cumpria dar-lhe substituto no **Pedro Segundo**, muito mais dependente do Imperador do que do Ministerio do Imperio ao qual se subordinava a instrução publica nos seus diversos graus.

No momento da ausencia de Macedo operava-se transição governamental na politica brasileira; a transição entre o gabinete Furtado de 31 de Agosto de 1864 e o de 12 de Maio de 1865 presidido por Olinda.

No gabinete Furtado, na pasta do Imperio, achava-se um professor, Liberato Barroso, lente da Faculdade de Direito do Recife; justo quando, a 9 de Maio de 1865, Salvador de Mendonça substituiu Macedo que o indicara para reger a cadeira de Historia e Corografia do Brasil.

Precioso é o arquivo do **Pedro Segundo**, tão digno de ser cuidado e ao qual tanto se consagrou o saudoso arquivista Augusto Pedro da Silva Maia, neto paterno de conspicio professor do Colégio, o Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia.

No precioso arquivo, para o qual todos os zelos devem ser poucos, do Registro da Correspondencia do Reitor do Externato do Imperial Collegio de Pedro Segundo, á pagina 50 verso, consta o seguinte documento:

«Externato do Imperial Collegio de Pedro Segundo em 9 de Maio de 1865 — Ilmo Exmo. Snr. — Tenho a honra de participar a V. Exa. que entrou hoje em exercicio o cidadão Salvador Furtado de Mendonça e Menezes, nomeado para reger interinamente a cadeira de Historia e Corografia do Brasil no impedimento do Dr. Joaquim Manoel de Macedo — Deus Guarde a V. Exa. — Ilmo Exmo Snr Dr. Joaquim Caetano da Silva, Inspector Geral da Instrução Primaria e Secundaria do Municipio da Côte — (assignado) Dr. Manoel Pacheco da Silva.

Assim participado o ingresso de Salvador de Mendonça ao grande Joaquim Caetano, ex-reitor do Collegio, entrou o novo professor, já de prática no ensino particular, a dizer Corografia e Historia do Brasil, cadeira tão grata a quem amando patria forçosamente se comprazia em discorrer sobre ella, excepcional em natureza, recomendavel em passado quadri-secular.

No tempo de magisterio de Salvador de Mendonça graduavam-se em letras duas turmas de septanistas, uma turma no Externato, menos numerosa, outra no Internato, por excepção mais numerosa, nela entre discentes distintos Rodrigues Alves, Joaquim Nabuco, Vieira Fazenda. Este recordaria na velhice a quadra da juventude sempre aurea para quantos na humanidade não encetam vida pela desdita.

Para um moço de vinte e cinco anos incompletos, qual Salvador de Mendonça, devia ser honra e gosto sentar-se numa Congregação de professores envelhecidos

ou senescentes no ensino, um Tantphoeus, um Fernandes Pinheiro, um Hulbout, um José da Silva Lisboa, filho de Cayrú, e muitos outros.

Estava Salvador de Mendonça em condições juvenis de comprehender adolescentes em geral educados pelo lar no respeito devido a mestres dignos. Gosaria assim Salvador de Mendonça grata convivencia no estabelecimento duplo pelo lado administrativo se novo pelo corpo docente e pela orientação pedagogica que se deve avaliar pelos frutos que produziu opimos.

Deixando o **Pedro Segundo**, Salvador de Mendonça foi a estudos superiores, formado em ciencias sociais e juridicas pela Faculdade de Direito de S. Paulo em 1869.

Não se lhe apagou, porém, no decurso de vida prolongada a lembrança do **Pedro Segundo**, e a recordava pela penna e na conversa intima.

Justo, pois, foi o recente preito prestado a Salvador pelo **Colegio de Pedro Segundo**, casa de ensino com a particularidade de ter tido berço em 1837 para memoria de outro, o do nosso segundo imperador.



Joaquim Manoel de Macedo
(Itaboraí 1820 - 1882)



Salvador de Mendonça
(Itaboraí 1841 — Rio de Janeiro 1913)

A Quem Pertence o Mediterrâneo?

Por De Mattos Pinto

Mar cosmopolita por excelência, o Mediterrâneo confunde-se com a origem das civilizações mais distantes. Os Egípcios exerceram as primeiras habilidades artísticas e navais. Desde os tempos bíblicos, salientou-se o seu caráter mercantil. O povo faraônico, cujos monumentos desafiam a eternidade, não perdeu o contacto com a realidade. O Egito e a Palestina trocavam produtos, fundando sobre bases empíricas as leis do comércio internacional. Os Judeus produziam gomas, figos, oleos, metais, resinas, tamaras, perfumes e vinhos. O asfalto existente na Judéa constava na lista das utilidades conhecidas pelos arquitetos de Karnak. Estabelecidos na zona meridional da Síria e limítrofe da Palestina, os Fenícios legaram uma tradição de prosperidade material, incontestada, pelas suas cidades laboriosas e pelas suas colônias. Os cedros e os pinheiros do Líbano forneceram a madeira dos seus navios, que transportavam os produtos industriais. Astrónomos e marinheiros arriscavam-se às viagens fora do Mediterrâneo, explorando as águas atlânticas. A história dá os Fenícios como os primeiros que introduziram as mercadorias orientais no Mediterrâneo e os primeiros que negociaram com a Grã-Bretanha. Iam buscar ouro na Ilha de Creta, prata na Hispânia, estanho na Inglaterra. Os Gregos espalharam colônias nas terras da Ásia, da Europa e da África. Quando talharam as suas galeras, os legionários desembarcaram na Síria, Numidia, Egito, Sicília e nas Ilhas Baleares, que lhe forneciam frutas, cavalos, trigo, oleos, sedas. Roma e Cartago disputaram com as armas o domínio económico e marítimo, numa epopéia naval e terrestre. Prática e negociadora, Cartago enfrentou por muito tempo o militarismo do Império Romano, armando exércitos mercenários. Os Vandalos desceram da Espanha, transpuseram o Estreito de Gibraltar, atravessaram em correrias o Norte da África e mandaram expedições ao Tibre, incursionando na península italiana. Na Idade Média, a vida mediterrânea declina e o crepúsculo dura até a ascensão mercantil dos Venezianos. A República de Veneza armou e equipou, no ano 1117, uma frota de duzentos navios, para ir em auxílio dos cristãos massacrados pelos Turcos. Os Doges arrogavam-se todo direito sobre o Mar Adriático como se legislassem sobre um lago particular. As flotilhas venezianas navegavam de Maiselha ao Mar Negro, do século XII ao século XV, familiarizando-se nos costumes do Oriente. Conquistam, na península italiana, Treviso, Brescia, Verona, Padua, Sienna, enquanto as suas expedições colonizadoras estendiam-se pela Moréa, Dalmácia, Istria, Albânia. O poder naval de Veneza dispunha em 1421 de três mil trezentos e quarenta cinco barcos mercantes e de guerra, tripulados por trinta e seis mil marinheiros. Os venezianos deixavam no esquecimento a França e a Inglaterra. A conquista de Constantinopla em 1453, pelas cohortes do Islão, marcou o começo da decadência e a substituição dos Doges pelos Sultões. Em 1525, Carlos Quinto entregou a Ilha de Malta aos cavaleiros da Ordem de São João, expulsos pelos islamitas de Rhodes.

Colocados entre três continentes, o europeu, o asiático e o africano, as águas mediterrâneas continuam a interessar os povos modernos, depois da Renascença. A Inglaterra instale-se em 1704, no rochedo de Gibraltar, principiando a sua fase de grande potência marítima. Quatro anos mais tarde, o Tratado de Passarowitz terminou com a supremacia veneziana, em 20 de Julho de 1708. Apesar dos holandeses, britânicos e espanhóis, o Império Otomano reina sobre o Mediterrâneo, chegando a ocupar todos os portos do Mar Negro. Ao deflagrarem as hostilidades entre Napoleão e a Grã-Bretanha, os franceses voltaram imediatamente as suas vistas para os territórios agrícolas e estratégicos do Egito. Os britânicos procuraram demolir os primeiros esboços de um império napoleónico na África, aliando-se ao Sultão de Constantinopla. Entre as exigências, que a Inglaterra impunha a Napoleão, para entrar num convenio de paz, constava o abandono do Egito ao Império Mussulmano, a independência do Arquipélago Jónico, a entrega de Malta aos cavaleiros da Ordem de São João e a evacuação do Mediterrâneo, por todas as forças navais. Napoleão intimou a garantia de terceira potência, sobre a independência de Malta, alegando que os cavaleiros não podiam defendê-la e insinuou o czar Alexandre I como protetor. O domínio napoleónico na Itália assustava os estrategistas ingleses. O Parlamento interpelava os ministros sobre as guerras do Piemonte e de Nápoles. Nelson acusava a Napoleão Bonaparte, então Primeiro Consul, de injusta ambição. Depois de humilhado, que durou dois anos, os ingleses apoderaram-se de Malta. O Tratado de Amiens, assinado em 25 de Março de 1802, estipulou a ocupação da ilha por forças napolitanas, retirando-se os beligerantes. Os contingentes britânicos retardando a saída, a França firmou três meses depois, em Junho de 1802, um tratado de paz e amizade com a Turquia. Esse pacto garantiu o Bósforo, contra todas as aventuras dos russos e dos ingleses. Os embaixadores da França, Grã-Bretanha e Rússia confabulavam a propósito de Malta e da troca das guarnições. O Império Russo aliou-se à Inglaterra, alarmado pelo rumo oriental da diplomacia napoleónica. Alexandre I opunha-se à entrada dos franceses em Constantinopla, o que interromperia as suas relações com o Mediterrâneo e o Oriente, o Danúbio, a Pérsia, a Síria e a Índia. O Tratado de Paris reconheceu em 1814, o domínio britânico sobre a Ilha de Malta. Discutiu-se pela primeira vez o princípio da liberdade dos mares, no Direito Internacional. Mais do que as especulações jurídicas, o progresso intimava as potências a harmonizarem as suas conquistas. A pirataria muçulmana assolava o comércio no Mediterrâneo, não obstante as forças navais da França, Holanda, Inglaterra, Espanha. Durante três séculos, os corsários turcos, abrigados nas enseadas e refúgios da Tunísia, Argélia, Egito e Tripolitânia, assaltaram a navegação mercante. Os franceses ocuparam a Argélia em 1830,

exterminando uma das mais terríveis bases da pirataria. O Canal de Suez, aberto em 1869, internacionalizou as ondas mediterrâneas, deslocando as marinhas da rota do Cabo da Boa Esperança. No ano de 1870, ocorreram dois fenómenos de repercussão mundial, quando os alemães e os italianos realizaram a sua unidade política. A Inglaterra fez em 4 de Junho de 1878, um tratado secreto com a Turquia, pelo qual o governo sultanesco aderiria Chipre, no caso das forças russas tomarem o rumo da Ásia Menor. Na Conferência de 1880, realizada em Madrid, compreceram a Holanda, França, Áustria-Hungria, Espanha, Inglaterra, Itália, Alemanha, a Escandinávia e os Estados Unidos, interdizendo o Sultão de Marrocos a conceder privilegio a qualquer potência estrangeira. Na sua investida para a hegemonia marítima, os franceses ocuparam a Tunísia, em 1881. Os alemães, desejando substituir a França na sua influência europeia, que durou de Henrique IV a Napoleão III, movimentaram-se na rota de Marrocos, assinando em 1890 um tratado de comércio. Em 16 de Fevereiro de 1897, as potências europeias voltaram a sua atenção para a Ilha de Creta, onde os Gregos desembarcaram e tentaram expulsar os turcos. Pouco depois, Guilherme II viajou até à Palestina e proclamou em Damas, no ano de 1898, que os trezentos milhões de muçulmanos da África e da Ásia podiam contar com a amizade da Alemanha. Chamou-se naquela época, a esse gesto do Imperador, a penetração pacífica da Alemanha no Mediterrâneo. Unificada a Itália, os seus estadistas olharam para os austríacos, que ameaçavam o flanco marítimo no Mar Adriático e no Mar Egeu.

As leis da geografia não coincidem com as necessidades das raças, que vivem nas enseadas e baías do Mediterrâneo. As vantagens industriais antagonizam o princípio da liberdade dos mares. Em 1904, a Inglaterra concordava na política francesa em Marrocos, em troca do reconhecimento da influência britânica no Egito. Saint-René Taillandier, embaixador francês em Fez, intimou ao Sultão que permitisse a instrução das milícias marroquinas, por oficiais franceses. Aproveitando-se das vitórias japonesas de Mukden e de Tsushima, sobre os russos, Bulow exigiu uma conferência internacional sobre Marrocos. No dia 31 de Março de 1905, Guilherme II empreendeu uma incursão no Mediterrâneo, saltando em Tanger e declarando-se pela independência marroquina. Diplomatas germanicos, espanhóis, franceses, belgas, italianos, suecos, britânicos, russos, holandeses, norte-americanos reuniram-se em 1906, na Conferência de Algeiras. Depois da assinatura do convenio, Bulow declarou que a Alemanha podia olhar tranqüila para o futuro. Os alemães conseguiram impor à França o princípio da porta aberta em Marrocos, pelo Convenio de 9 de Fevereiro de 1909. Dois anos passaram-se e uma canhoneira alemã fundeu em Agadir, no dia 2 de Julho de 1911, sob o pretexto de amparar os súditos e interesses germânicos. Jules Cambon, embaixador francês em Berlim, interpelou o governo alemão sobre o acontecimento. Guilherme II explicou o ato como uma decisão de Bethmann-Hollweg. Os alemães terminaram propondo a partilha do território marroquino, com os espanhóis ao Norte, a França no centro e o Império Germânico no Sul. Fiel ao seu princípio de equilíbrio continental, a Inglaterra negava-se a consentir em bases alemãs no Mediterrâneo. Lloyd George pronunciou um discurso, dizendo que os interesses vitais da Grã-Bretanha, obrigavam-na a colocar-se ao lado da França. Os alemães queriam bases navais, para imobilizar as forças da Argélia e da Tunísia, interrompendo o recrutamento indígena. Bethmann-Hollweg recuou pelo temor da triplice coligação anglo-franco-espanhola. A Áustria-Hungria não se dispôs a provar o sonho marroquino da Alemanha. E assim adiou-se por três anos a deflagração da primeira guerra mundial. A Itália vendo os franceses preocupados com o incidente de Agadir, decidiu-se a aventurar-se na Tripolitânia, em Rhodes e no Arquipélago do Dodecaneso. Na guerra italo-turca de 1911-1912, a Itália reconheceu a neutralidade de Chipre, nominalmente sob a esfera otomana e praticamente administrada pelos ingleses. Sem ferro e sem petróleo, os italianos desesperaram de ver a sua autonomia metalúrgica. O crescente poderio da esquadra alemã deixava prever a retirada, do Mediterrâneo, de uma parte da esquadra inglesa. Desde 1912, a Itália sonhava em conquistar os portos austríacos do Adriático, ao mesmo tempo que olhava de longe para Tunis e Bizerta. O almirantado alemão planejava a fusão das esquadras austro-italianas, mas Bulow confiava, numa carta a Moltke, que não se podia contar seguramente com a Itália. Encerrada entre duas fortificações, Alexandria e Gibraltar, os peninsulares não sabiam como fazer política, si obedecer ao sentimento racial e unir-se aos povos latinos, ou em seguir os desígnios utilitários, aliando-se aos germanicos. Pelo Tratado de Londres, de Abril de 1915, a Itália entrou na primeira guerra mundial, para conquistar os portos austríacos do Mar Adriático. Derrotados os Imperios Centrais, os italianos tomaram dos alemães o Tirol, como defesa estratégica. Em 1922, anexou Fiume, sacrificando a Jugoslávia e em 1923 tentou conquistar dos gregos a Ilha de Corfu, intervindo as grandes potências. Opôs-se à fusão da Áustria à Alemanha, pelo temor de ver o exercito germanico no Passo de Brenner. Incorporado o território austriaco, a fronteira alemã dista apenas cem quilómetros do porto de Trieste, no Adriático. Isso golpeava de morte o projeto de expulsar as raças germanicas da bacia mediterrânea. Por outro lado, a Turquia, a Grécia e a Jugoslávia detinham qualquer avanço italiano nos Balkans. Potência marítima, sem materias primas, aspirava substituir a França na Síria, na Tunísia, e evoluir na Mesopotâmia, enquanto os alemães seguiriam a estrada oriental da Ucrânia. O mais politico dos mares, o Mediterrâneo, afastou a Itália da cultura latina, jogando-a na aliança nordica.



A coroa do Império Britânico, cujas fronteiras contestam à Itália a hegemonia da bacia mediterrânea.

Churchill em 1914. Era primeiro Lord do Almirantado e teve papel destacado durante a Grande Guerra.



WINSTON CHURCHILL

de 1881 a 1941



Churchill em 1908, Quando se casou com miss Hozier.



Churchill em 1881. Tinha então 7 anos de idade e segundo se conta afirmou nessa época que iria seguir carreira militar.

Churchill em 1885. Está com seu irmão mais novo John e com a mãe de ambos, lady Randolph Churchill, cujo esposo foi líder conservador.



Churchill em 1893. Em uniforme de cadete, pouco antes do seu ingresso no exército.

CHURCHILL é atualmente um dos homens que em todo mundo mais atraem a admiração das multidões, embora seja um dos condutores de povos mais simples que têm existido, vencendo unicamente pelo vigor mental que possui, pela audácia, coragem e precisão de espírito que lhe são característicos. Vive quase sempre com seu modesto sobretudo e seu invariável charuto. Não se importa com os fracassos e os embates da sorte



Churchill em 1939 ao descer de um encouraçado, depois de tê-lo passado em revista. A' direita — Churchill em 1941, apreciando em companhia de outras personalidades os estragos causados por um bombardeio aéreo.



Churchill em 1924. Era Chanceler do Tesouro e aparece no flagrante acima em uma partida de polo.



Churchill em 1900. Fotografia tirada na época em que combateu na guerra contra os "boers".



senão para estudá-los e evitá-los daí por diante. Não desanima e não recua.

Mas o que situará a figura de Winston Churchill em posição sem par na história será a sua clarividência e sua argúcia política. Poucas vezes uma nação encontrou na hora necessária um condutor com o tino e a audácia aliados tão intimamente como em Churchill, talvez a maior figura do mundo contemporâneo.



Aspecto de Riga antiga: a velha igreja de S. João.

Os jornais falam dela todo o dia. Que tomaram. Que retomaram. Eu fico pensando no curioso duma guerra moderna, num cenário várias vezes centenário. Tanks numa rua de 1200. E' que Riga é uma cidade antiga no sentido das construções. Não tem muitos arranha-céus. Antes conserva, em quasi toda a sua extensão, o jeito que tinha pela época da Liga Hanseatica. Quando Revel era um dos mais importantes entrepostos comerciais da poderosa Hansa. Um dos portos mais movimentados do mundo. Encontro dos mais ricos mercadores do Norte da Europa. Animada pela riqueza que corria, avançou tanto, então, que assim mesmo como está tem dado muito bem para a população, continuadora das tradições de trabalho dos seus antigos e famosos habitantes. Riga é uma cidade cheia do Passado. Um livro precioso, bem conservado, que começa mesmo em 1200. As ruas são as páginas. Casas de 1300, igrejas de 1400, muralhas abertas, castelos sombrios, ruas tortuosas, estreitas, sugerindo emboscadas, na calada das noites escuras. Andando por esse porto do Báltico a gente vai folheando a História. E há recordações lindíssimas, lendas comovedoras, cheias de uma poesia doce, que envolvem o visitante "na magia penetrante das suas ruínas".

Rigá foi fundada no século XI. A' margem do Dáugava. Tornou-se depois, pela sua esplendida posição, a base comercial mais importante da Liga Hanseatica. Cidade fortificada. Defendida por grossas muralhas e poderosos canhões.

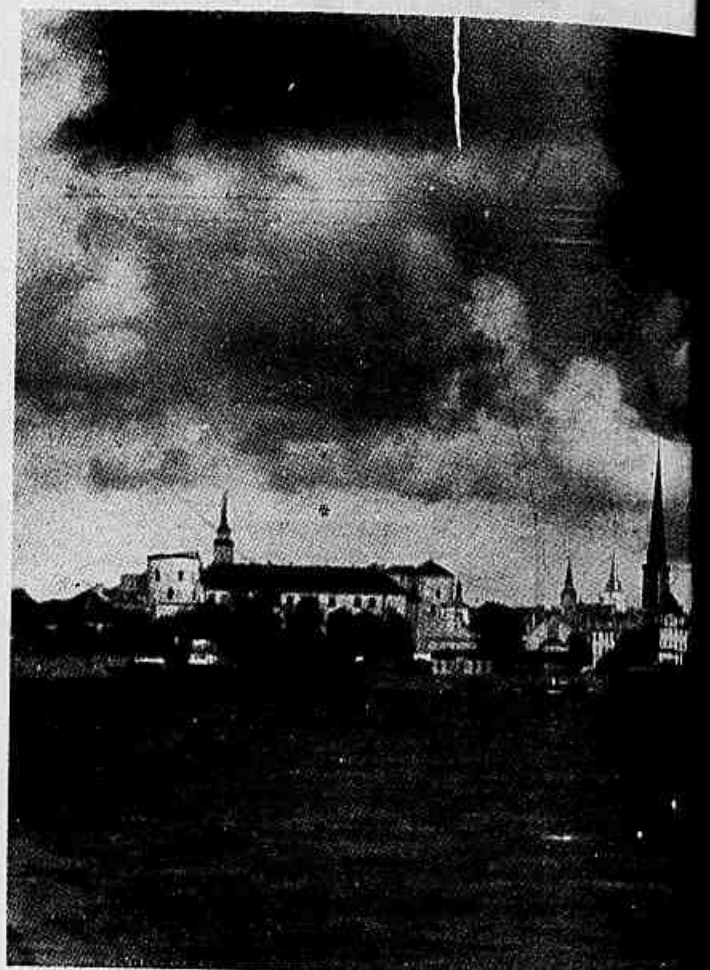
O aparato militar, porem, era só para impressionar, porque a sua gente sempre foi de paz. Amáveis burguezes divididos por ofícios em importantes corporações, que somadas davam vida e progresso à cidade. Bons e sossegados comerciantes mais votados à mercância que ao manejo rude das armas de guerra. Por isso os russos a conquistaram e dominaram longamente. Catarina II tinha loucura por ela. Depois os alemães. A história desses tempos está ainda escrita nas ruas.

A manhã está ligeiramente fria. O Ministro das Relações Exteriores mandou um guia para me mostrar a cidade.

Pessoa de grandes estudos históricos — explicou. A's nove horas chegou o guia. E' uma mu- ganharia prêmio. Fala perfeitamente o francês, o inglês, o alemão, etc. Leva alguns minutos para enumerar todas. Depois fiquei sabendo que nas horas vagas, quando não há jornalistas para guias, ela faz chapéus. Tem uma loja. Ficamos amigos. Estou andando à sombra de dona Nora. Pelas ruas da cidade. E' verão. Quasi tudo está fechado para reforma. D. Nora nem se incomoda. Vai va- rando. Eu à sombra. Vai explicando.

Aqui está a Igreja de São Pedro. A sua torre de madeira é a maior da Europa. Quem vai che- gando a Riga, lá de longe, vê primeiro o topo da torre. Por causa disso os estudantes concordam

RIGA, a c



Vista geral de Ri

sem outras provas que o mundo é redondo. A Igreja quatro vezes. A última em 1750. Aí para adiante, fi- mente, a Igreja inteirinha era capela particular do Pal- nicanos. Em 1523 eles foram expulsos por causa da

No pátio, que era o claustro, estão ainda hoje, peças tem gravada uma inscrição gaiata de artilheiro beijo a Catarina."

Mais alem, está a Prefeitura. Um palácio enorme até 1891 a célebre Biblioteca Municipal, fundada e ciosíssimos. Cartas de Lutero. Manuscritos de Pedro, viveu e ficou.

Conta-se que durante séculos, uma sentinela, no pela madrugada a população de Riga. Quarenta e nov Bocas negras olhando num espanto mudo, a guerra q dorés de morte vão se reabilitar. O conquistador vai Vai fundí-las para fazer obuzes — o bárbaro.



Velho palácio Letão numa das ruas de Riga.

Atraz dessa parede alta como uma muralha está a Sociedade carbonária dos burguezes da Grande e frequent Com a tomada da Cidade pela Ordem Teutônica, os bens. Como essa união, porem, podia ter um sentido agre convençionaram que, só os solteiros, podiam fazer parte garbosa mocidade de Riga, elegeram um Grão Mestre e

ade feliz



da do Dáugava.

onstruída em 1209. Incendiada e edificada de novo
eja de São João, construída no Século XIII. Antiga-
Senhor Arcebispo. Depois foi Mosteiro dos Domi-
Há aí um original de Murillo.

anhões que defenderam a cidade. Cada uma dessas
Lembro-me de uma assim: "querida, leva o nosso

res e ameias. Foi construído em 1750 e abrigou
com o seu famoso milhão e meio de infólios pre-
nde. De Bernadotte. Da gente ilustre do Norte que

torre principal, com um poderoso clarim, acordava
es da defesa da cidade ainda estão aí. Debruçados.
Os jornais contam que essas desprestigiadas faze-
recê-las para cumprirem ainda o seu trágico destino.



Camponesas em trajes regionais às margens do Dáugava.

leiro que prestava compromisso de vida e morte. Escolheram para padroeiro, São Maurício, legio-
nário romano, preto, que sofreu o martírio no ano de 287. Ninguém explica bem a razão que teria
levado os letões a escolher para tutelar da sua maçonaria o santo negro.

Durante anos a Ordem funcionou como sociedade secreta, com grande êxito. Depois de expul-
sos os teutos, virou clube aristocrático com ritual complicado de entrada.

Agora é Museu. Está em reparos. Dona Nora não se incomodou. Vamos entrando. Estamos na
sala grande das sessões.

No silêncio das noites, envoltos em longas e negras capas os patriotas conspiradores se reuniam
nessa sala para a vingança. Daí saiu muito punhal vingador. Louros e descuidados germanos, tiveram
a vida condenada por esse tribunal estranho onde morava o mistério. Como símbolo vivo, a cabeça
do santo foi trabalhada em todos os móveis da confraria. Desde as mesas, cadeiras, arcos e escudos.
Era o V daqueles letões. E o terror passou longamente pela cidade pacífica dos mercadores, gol-
peando traidores e invasores.

Com o tempo, porém, a Casa foi perdendo o seu ar carregado de medo e ódio. O sol da
franqueza foi entrando, espiando, indiscreto, clareando os recantos mais escuros que perderam o
seu estilo conspirador.

Hoje a sala é apenas uma vitrine que guarda a lembrança de todas as celebridades que a visitaram.

Estão lá, a armadura de Gustavo Adolfo. O bonet de Alexandre I. Um colar da Catarina e...
o sapatinho de Ana Iwanova, a estonteante sobrinha de Pedro I da Rússia.

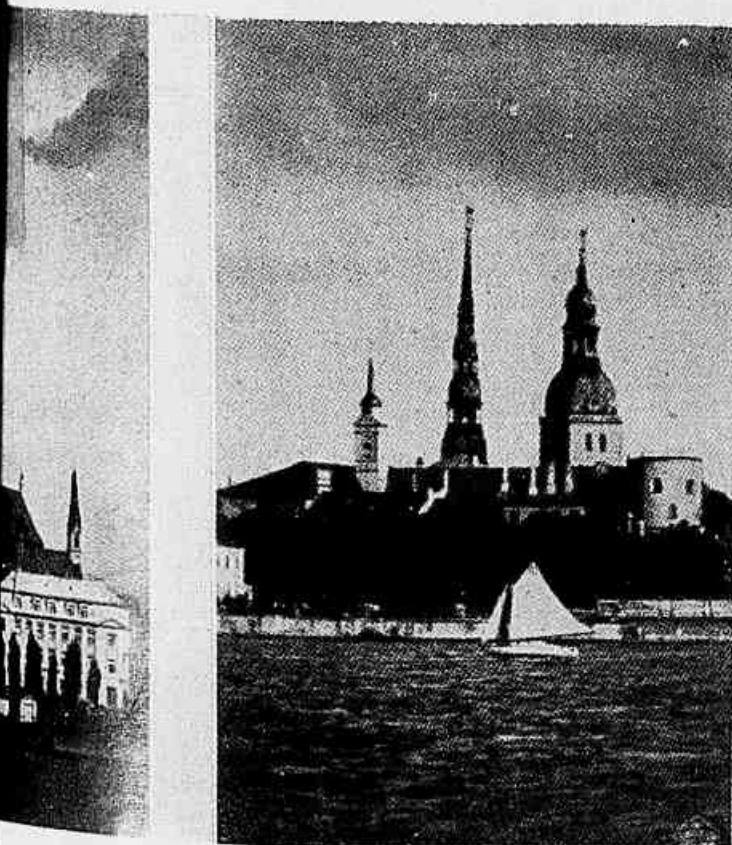
E' de seda azul. Pequenininho. Como de boneca. A princesa usou-o num baile de gala, quando
os Czares e sua corte faustosa visitaram a Casa dos Cabeças Negras que se iluminou para recebê-los.

Conta a lenda, que valsava a princezinha, nessa noite alegre, toda afogada nas rendas de Bru-
xelas, do vestido azul, bem armado, quando em meio da música, num volteio mais rápido, salta-lhe
do pé mimoso o delicado botim... Cem cavalheiros se ajoelham rápidos e suplicam com os olhos em
chamas a graça de recalçá-lo. Aflita, corando, ardendo de pudor, na inexperiência ingênua dos seus
18 anos, foge rápida, a cinderela graciosa, voltando às pressas para o Palácio donde não tornou...

A Casa dos Cabeças Negras, numa galanteria, guardou a delicada lembrança. E está lá, numa
redoma de vidro, num troninho de veludo, o sapatinho da princesa travessa que depois, tantos co-
rações incendiou...

Riga é assim. Cada pedra tem uma história, uma recordação amável, pedaços de um passado es-
plendoroso, quando os Reis a disputavam — como Catarina da Rússia — pelo prazer apenas de
admirá-la... A cidade feliz.

FRANCHINI NETTO



de S. Paulo.

O Castelo.

os Cabeças Negras. Foi construída entre 1330 e 1334.
oração.
dores ricos e pobres se coligaram para a defesa dos seus
belicoso, foi da índole mansa dos velhos mercadores,
Cabeças Negras. Formada a sociedade, composta da mais
nstituíram em Ordem também. Cada família deu um cava-

FOLHA
N.º 2

Na região cempreen-
dida entre Minsk e No-
vograd-Valinsk estão os
alagados do Pripet.

Fábrica de
borracha sin-
tética.

A Quem Pertence o Mediterrâneo?

Por De Mattos Pinto

Mar cosmopolita por excelência, o Mediterrâneo confunde-se com a origem das civilizações mais distantes. Os Egípcios exerceram aí as primeiras habilidades artísticas e navais. Desde os tempos bíblicos, salientou-se o seu caráter mercantil. O povo faraônico, cujos monumentos desafiam a eternidade, não perdeu o contacto com a realidade. O Egito e a Palestina trocavam produtos, fundando sobre bases empíricas as leis do comércio internacional. Os Judeus produziam gomas, figos, oleos, metais, resinas, tamaras, perfumes e vinhos. O asfalto existente na Judéa constava na lista das utilidades conhecidas pelos arquitetos de Karnak. Estabelecidos na zona meridional da Síria e limítrofe da Palestina, os Fenícios legaram uma tradição de prosperidade material, incontestada, pelas suas cidades laboriosas e pelas suas colônias. Os cedros e os pinheiros do Líbano forneceram a madeira dos seus navios, que transportavam os produtos industriais. Astrónomos e marinheiros arriscavam-se ás viagens fora do Mediterrâneo, explorando as águas atlânticas. A história dá os Fenícios como os primeiros que introduziram as mercadorias orientais no Mediterrâneo e os primeiros que negociaram com a Grã-Bretanha. Iam buscar ouro na Ilha de Creta, prata na Hespanha, estanho na Inglaterra. Os Gregos espalharam colônias nas terras da Ásia, da Europa e da África. Quando talharam as suas galeras, os legionários desembarcaram na Síria, Numidia, Egito, Sicília e nas Ilhas Baleares, que lhe forneciam frutas, cavalos, trigo, oleos, sedas. Roma e Cartago disputaram com as armas o domínio económico e marítimo, numa epopéia naval e terrestre. Prática e negociista, Cartago enfrentou por muito tempo o militarismo do Império Romano, armando exercitos mercenários. Os Vandalos desceram da Espanha, transpuzeram o Estreito de Gibraltar, atravessaram em correrias o Norte da África e mandaram expedições ao Tibre, incursionando na península italiana. Na Idade Média, a vida mediterrânea declina e o crepúsculo dura até a ascensão mercantil dos Venezianos. A República de Veneza armou e equipou, no ano 1117, uma frota de duzentos navios, para ir em auxílio dos cristãos massacrados pelos Turcos. Os Doges arrogavam-se todo direito sobre o Mar Adriático como si legislassem sobre um lago particular. As flotilhas venezianas navegavam de Marselha ao Mar Negro, do século XII ao século XV, familiarizando-se nos costumes do Oriente. Conquistam, na península italiana, Treviso, Brescia, Verona, Padua, Sienna, enquanto as suas expedições colonizadoras estendiam-se pela Moréa, Dalmácia, Istria, Albânia. O poder naval de Veneza dispunha em 1421 de três mil trezentos e quarenta e cinco barcos mercantes e de guerra, tripulados por trinta e seis mil marinheiros. Os venezianos deixavam no esquecimento a França e a Inglaterra. A conquista de Constantinopla em 1453, pelas cohortes do Islam, marcou o começo da decadência e a substituição dos Doges pelos Sultões. Em 1525, Carlos Quinto entregou a Ilha de Malta aos cavaleiros da Ordem de São João, expulsos pelos islamitas de Rhodes.

Colocados entre três continentes, o europeu, o asiático e o africano, as águas mediterrâneas continuam a interessar os povos modernos, depois da Renascença. A Inglaterra instalou-se em 1704, no rochedo de Gibraltar, principiando a sua fase de grande potencia marítima. Quatro anos mais tarde, o Tratado de Passarowitz terminou com a supremacia veneziana, em 20 de Julho de 1708. Apesar dos holandeses, britânicos e espanhóis, o Império Otomano reina sobre o Mediterrâneo, chegando a ocupar todos os portos do Mar Negro. Ao deflagrarem as hostilidades entre Napoleão e a Grã-Bretanha, os franceses voltaram imediatamente as suas vistas para os territórios agrícolas e estratégicos do Egito. Os britânicos procuraram demolir os primeiros esboços de um império napoleónico na África, aliando-se ao Sultão de Constantinopla. Entre as exigências, que a Inglaterra impunha a Napoleão, para entrar num convenio de paz, constava o abandono do Egito ao Império Mussulmano, a independência do Arquipélago Jonico, a entrega de Malta aos cavaleiros da Ordem de São João e a evacuação do Mediterrâneo, por todas as forças navais. Napoleão intimou a garantia de terceira potencia, sobre a independência de Malta, alegando que os cavaleiros não podiam defendê-la e insinuou o tzar Alexandre I como protetor. O domínio napoleónico na Itália assustava os estrategistas ingleses. O Parlamento interpelava os ministros sobre as guerras do Piemonte e de Nápoles. Nelson acusava a Napoleão Bonaparte, então Primeiro Consul, de injusta ambição. Depois de um assedio, que durou dois anos, os ingleses apoderaram-se de Malta. O Tratado de Amiens, assinado em 25 de Março de 1802, estipulou a ocupação da ilha por forças napolitanas, retirando-se os beligerantes. Os contingentes britânicos retardando a saída, a França firmou três meses depois, em Junho de 1802, um tratado de paz e amizade com a Turquia. Esse pacto garantiu o Bósforo, contra todas as aventuras dos russos e dos ingleses. Os embaixadores da França, Grã-Bretanha e Rússia confabulavam a propósito de Malta e da troca das guarnições. O Império Russo aliou-se á Inglaterra, alarmado pelo rumo oriental da diplomacia napoleónica. Alexandre I opunha-se á entrada dos franceses em Constantinopla, o que interromperia as suas relações com o Mediterrâneo e o Oriente, o Danubio, a Persia, a Síria e a Índia. O Tratado de Paris reconheceu em 1814, o domínio britânico sobre a Ilha de Malta. Discutiu-se pela primeira vez o principio da liberdade dos mares, no Direito Internacional. Mais do que as especulações jurídicas, o progresso intimava as potências a harmonizarem as suas conquistas. A pirataria mussulmana assolava o comércio no Mediterrâneo, não obstante as forças navais da França, Holanda, Inglaterra, Espanha. Durante três séculos, os corsários turcos, abrigados nas enseadas e refugios da Tunísia, Argélia, Egito e Tripolitania, assaltaram a navegação mercante. Os franceses ocuparam a Argélia em 1830,

exterminando uma das mais terríveis bases da pirataria. O Canal de Suez, aberto em 1869, internacionalizou as ondas mediterrâneas, deslocando as marinhas da rota do Cabo da Boa Esperança. No ano de 1870, ocorreram dois fenomenos de repercussão mundial, quando os alemães e os italianos realizaram a sua unidade politica. A Inglaterra fez em 4 de Junho de 1878, um tratado secreto com a Turquia, pelo qual o governo sultanesco aderiria Chipre, no caso das forças russas tomarem o rumo da Ásia Menor. Na Conferencia de 1880, realizada em Madrid, compareceram a Holanda, França, Austria-Hungria, Espanha, Inglaterra, Itália, Alemanha, a Escandinavia e os Estados Unidos, interdizendo o Sultão de Marrocos a conceder privilegio a qualquer potencia estrangeira. Na sua investida para a hegemonia marítima, os franceses ocuparam a Tunísia, em 1881. Os alemães, desejando substituir a França na sua influencia europeia, que durou de Henrique IV a Napoleão III, movimentaram-se na rota de Marrocos, assinando em 1890 um tratado de comércio. Em 16 de Fevereiro de 1897, as potencias europeias voltaram a sua atenção para a Ilha de Creta, onde os Gregos desembarcaram e tentaram expulsar os turcos. Pouco depois, Guilherme II viajou até á Palestina e proclamou em Damas, no ano de 1898, que os trezentos milhões de mussulmanos da África e da Ásia podiam contar com a amizade da Alemanha. Chamou-se naquela época, a esse gesto do Imperador, a penetração pacífica da Alemanha no Mediterrâneo. Unificada a Itália, os seus estadistas olharam para os austriacos, que ameaçavam o flanco marítimo no Mar Adriático e no Mar Egeu.

As leis da geografia não coincidem com as necessidades das raças, que vivem nas enseadas e baías do Mediterrâneo. As vantagens industriais antagonizam o principio da liberdade dos mares. Em 1904, a Inglaterra concordava na politica francesa em Marrocos, em troca do reconhecimento da influencia britânica no Egito. Saint-René Taillandier, embaixador francês em Fez, intimou ao Sultão que permitisse a instrução das milicias marroquinas, por oficiais franceses. Aproveitando-se das vitórias japonesas de Mukden e de Tsushima, sobre os russos, Bulow exigiu uma conferencia internacional sobre Marrocos. No dia 31 de Março de 1905, Guilherme II empreendeu uma incursão no Mediterrâneo, saltando em Tanger e declarando-se pela independencia marroquina. Diplomatas germanicos, espanhóis, franceses, belgas, italianos, suecos, britânicos, russos, holandeses, norte-americanos reuniram-se em 1906, na Conferencia de Algeiras. Depois da assinatura do convenio, Bulow declarou que a Alemanha podia olhar tranquila para o futuro. Os alemães conseguiram impor á França o principio da porta aberta em Marrocos, pelo Convenio de 9 de Fevereiro de 1909. Dois anos passaram-se e uma canhoneira alemã fundeu em Agadir, no dia 2 de Julho de 1911, sob o pretexto de amparar os suditos e interesses germânicos. Jules Cambon, embaixador francês em Berlim, interpelou o governo alemão sobre o acontecimento. Guilherme II explicou o ato como uma decisão de Bethmann-Hollweg. Os alemães terminaram propondo a partilha do territorio marroquino, com os espanhóis ao Norte, a França no centro e o Império Germânico no Sul. Fiel ao seu principio de equilibrio continental, a Inglaterra negava-se a consentir em bases alemãs no Mediterrâneo. Lloyd George pronunciou um discurso, dizendo que os interesses vitais da Grã-Bretanha, obrigavam-na a colocar-se ao lado da França. Os alemães queriam bases navais, para imobilizar as forças da Argélia e da Tunísia, interrompendo o recrutamento indigena. Bethmann-Hollweg recuou pelo temor da triplice coligação anglo-franco-espanhola. A Austria-Hungria não se dispoz a aprovar o sonho marroquino da Alemanha. E assim adiou-se por três anos a deflagração da primeira guerra mundial. A Itália vendo os franceses preocupados com o incidente de Agadir, decidiu-se a aventurar-se na Tripolitania, em Rhodes e no Arquipélago do Dodecaneso. Na guerra italo-turca de 1911-1912, a Itália reconheceu a neutralidade de Chipre, nominalmente sob a esfera otomana e praticamente administrada pelos ingleses. Sem ferro e sem petroleo, os italianos desesperam de ver a sua autonomia metalurgica. O crescente poderio da esquadra alemã deixava prever a retirada, do Mediterrâneo, de uma parte da esquadra inglesa. Desde 1912, a Itália sonhava em conquistar os portos austriacos do Adriático, ao mesmo tempo que olhava de longe para Tunis e Bizerta. O almirantado alemão planejava a fusão das esquadras austro-italianas, mas Bulow confiava, numa carta a Moltke, que não se podia contar seguramente com a Itália. Encerrada entre duas fortificações, Alexandria e Gibraltar, os peninsulares não sabiam como fazer politica, si obedecer ao sentimento racial e unificar-se aos povos latinos, ou em seguir os designios utilitarios, aliando-se aos germanicos. Pelo Tratado de Londres, de Abril de 1915, a Itália entrou na primeira guerra mundial, para conquistar os portos austriacos do Mar Adriático. Derrotados os Imperios Centrais, os italianos tomaram dos alemães o Tirol, como defesa estratégica. Em 1922, anexou Fiume, sacrificando a Yugoslavia e em 1923 tentou conquistar dos gregos a Ilha de Corfu, intervindo as grandes potencias. Opoz-se á fusão da Austria á Alemanha, pelo temor de ver o exercito germanico no Passo de Brenner. Incorporado o territorio austriaco, a fronteira alemã dista apenas cem quilometros do porto de Trieste, no Adriático. Isso golpeava de morte o projeto de expulsar as raças germanicas da bacia mediterrânea. Por outro lado, a Turquia, a Grecia e a Yugoslavia detinham qualquer avanço italiano nos Balkans. Potencia marítima, sem materias primas, aspirava substituir a França na Síria, na Tunísia, e evoluir na Mesopotâmia, enquanto os alemães seguiriam a estrada oriental da Ucrânia. O mais politico dos mares, o Mediterrâneo, afastou a Itália da cultura latina, jogando-a na aliança nordica.



A coroa do Império Britânico, cujas fronteiras contestam á Itália a hegemonia da bacia mediterrânea.



Moças assistem á partida.

Na noite de sábado passado, num dos clubes de nossa cidade, realizou-se emocionante partida de "basket-ball", em que tomou par-



Um aspecto da assistência, vendo-se uma moça em plena torcida.

Os Cadetes numa partida de "Basket"



Grupo tirado no Tijuca T. C., em que se vê um cadete com várias senhoritas.

grantes sociais e da torcida durante a realização da partida de basket. São eles que figuram nesta página.



Um cadete em palestra com uma senhorita.



Os cadetes do nosso Exército levaram ao "Tijuca" uma forma nova de torcer, aproximada da utilizada pelos universitários norteamericanos. Ei-los na arquibancada que lhes foi destinada.

te um "five" de nossa Escola Militar. Por isso compareceu ao "Tijuca" grande número de cadetes e muitas senhoritas que desejavam apreciar o elegante esporte e tomar parte nas dansas que iam seguir-se. Nossa reportagem fotográfica apanhou interessantes fla-



Outro aspecto em que se vê elegante senhorita torcendo por mais uma "cesta".



Um aluno de nossa Escola Militar, no intervalo da partida, conversa com duas moças.

Noticiario Elegante

CRONICA

Mais uma recepção de alto cunho social em elegante apartamento da Avenida Atlantica. Devêmo-la á poetisa Hyldeth Favilla Venhausser, que com sua costureira fidalguia acolheu nos seus salões figuras da sociedade carioca, artistas, poetas e escritores. O ambiente tornou-se encantador com a música e as poesias que transformaram a recepção em bela reunião literária.

Estavam presentes o dr. Odilon Braga, o prof. Augusto Cesar Veiga, os profs. Antonio Austregésilo e Peregrino Junior, o ministro Paulo Hasslocher, a senhora e o consul Jaime Barros, sra. Mary de Souza Leite, sra. Ester Riera Sale, sra. Laura de Moura, sr. Raul de Azevedo, professor Anyone Costa, senhora e sr. Oswaldo Reis e Silva, e varias outras personalidades.

M. B.

ANIVERSÁRIOS

9 a senhora Bellens de Almeida; os srs. prof. Mauricio Graccho Cardoso, da Faculdade Nacional de Filosofia, e dr. Juvenal Lamartine.

10 as senhoras viuva Bueno de Paiva e Inocência da Rocha; os srs. dr. Hugolino de Albuquerque, Romeu Alves de Moraes e João Francisco de Moura Jr.

11 a senhora Raquel Tapajós Gonçalves; a senhorita Sílvia Coelho Louzada; os dres. Ozéas Motta, Frederico Sussekind e Raul Alves; o menino João Fran-

cisco, filho do escritor Albertus de Carvalho.

12 a senhora Robertina Abel de Almeida; o dr. Octavio do Rego Lopes.

13 as senhoras Oliveira Monteiro e Antonio Moitinho; o escritor dr. Carlos Malheiro Dias, nosso antigo diretor.

14 as senhoras Maria Augusta Roxo e Conceição Dardeau; o dr. Pedro do Couto.

15 a senhora Gregorio da Fonseca; os professores Agenor Guimarães Porto, da Faculdade Nacional de Medicina, e Raul Pederneiras, da Faculdade Nacional de Direito e nosso antigo colaborador.



A "RAINHA DE MAIO", DE MACEIO' — Numa festa da Fênix Alagoana, em homenagem ao Interventor Federal em Alagoas e Senhora Ismar de Góis Monteiro, foi eleita "Rainha de Maio" a Senhorita Neyde Campelo, figura de destaque na elite social de Maceió.



Sras. Tte. Saldanha e Tte. Lamartine Santos assistindo á brilhante competição hípica de sábado.

CONFERENCIAS

Hoje ás 21 horas realizar-se-á, na Academia Brasileira de Letras, uma sessão solene, na qual será recebida a Embaixada Cultural Portuguesa, presidida pelo Sr. Julio Dantas, que será saudado pelo sr. Gustavo Barroso.

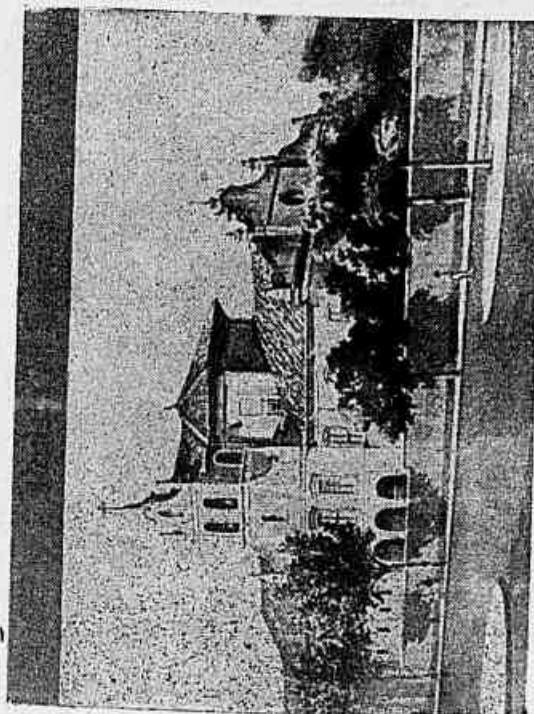
RADIO

○ «Chá Dansante», que o Radio Club

do Brasil irradia todos os domingos, a partir das 18 horas, na palavra de Altamir Ferreira, terá dentro em breve inovações taes que se transformará num programa de grande atração. A PRA-3 mantém em segredo as inovações que pretende introduzir no seu popular programa dos domingos; e consta-nos que essas inovações são absolutamente inéditas.

NOSSA CAPA

De autoria do conhecido pintor F. Ranzini publicamos em nossa capa deste número interessante aquarela que nos mostra a igreja do convento da Luz, de São Paulo. Feita em estilo barroco se nos afigura um templo colonial apesar de erigido em 1844, quasi centenária, portanto. O seu aspecto bem brasileiro e antigo forma agradável contraste com a Avenida larga e clara, moderna, que passa na sua frente. A avenida aliás, pelo seu aspecto domingueiro e calmo, com pouca gente andando pelas calçadas ensolaradas, também é tipicamente brasileira. Enfim, é de grande beleza e valor a aquarela que apresenta nossa revista de hoje.



Flagrante da Sra. capitão Camarinha, na tarde de sábado, quando do Concurso Hípico dos Dragões da Independência.



Lady Abreu e senhora Adlé Portugal lendo o programa do concurso hípico.

Manhã dansante AMERICANA



Um aspecto das dansas domingueiras.



Um grupo de belas danseuses. São as srts. Maria Helena Martins, Celina Souza, Maria Amélia Tavares, Eunice Ribeiro, Samaritana Vieira, Maria de Lourdes e Yvone Vieira.



Dois pares dansando ao som dum fox. O mais de frente é o sr. Adriano Leite Linares com a srta. Licy.

Um movimento desusado animava a Praça Afonso Pena nas proximidades do América F. C. na manhã do último domingo. É que mais uma vez tinha lugar a matinal rubra que o tradicional club vem realizando no intuito de aproximar ainda mais a família americana. Os rapazes e as moças da Tijuca encontraram-se no elegante grêmio da rua Campos Sales afim de dansar um pouco ao som dos últimos foxes e rumbas de sucesso.

Duas americanas que se encontravam na matinal dansante do club da rua Campos Sales.



Um aspecto em que se vê o sr. Marcelo com a srta. Glória.



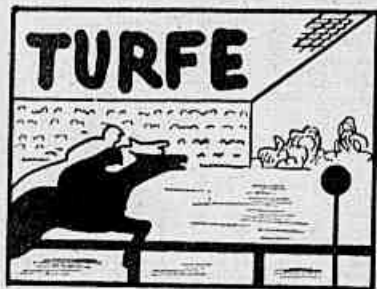
Quatro americanas sorridentes bebem água mineral na bela manhã do primeiro domingo de Agosto. São as srts. Hilda, Iris, Licy e Dalva.

A SEMANA QUE PASSOU

(DE SEGUNDA A DOMINGO)

O DOMINGO NA GÁVEA

A nota elegante e de maior relevo deu-a o turfe, com o "Grande Prêmio Brasil", de 300 contos, e o seu Sweepstake, de 1.000.000\$ desta vez levando ao prado da Gávea, numa tarde de sol antecipador da glória de seu fulgor verânico, uma concorrência formidável, e



serviu de moldura para um espetáculo empolgante com a presença e desfile da beleza e graça da mulher carioca, que teve ali, no domingo, um de seus dias de máximo esplendor e triunfo.

Na pista os cavalos corriam, como alegorias vivas, na volúpia do galope, patas e crinas no ar, num risco de sombras plásticas.

E na assistência, tanto nas arquibancadas como na pelouse, a evanescência, expondo todos os primores e encantos da moda, ora num alegre colorido de vestes desportivas, ora nos tons neutros e suaves dos costumes de inverno, improvisava, pela policromia dos matizes e ritmo de figuras e silhuetas esvoaçantes, uma corrida de sonhos, asas, formas e nuvens...

Si "Pólux", cavalo uruguaio, foi o herói do domingo, conduzido por Andrés Molina, Evas, às centenas, venceram todos os páreos da sedução e do encanto, porque estiveram, nessa tarde inolvidável, divinas de tão lindas e deslumbradoras.

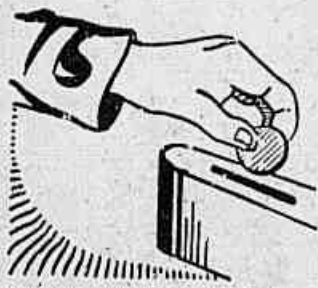
JOE LOUIS SEM O "RING"...

O famoso campeão de box, invencível até agora, porque tem levado ao tapete todos os seus formidáveis adversários, está agora, ao que informa um despacho de Chicago, na iminência de sofrer uma derrota, que o deixará sem o "ring" (aliança) de sua esposa, que requereu uma ação de divórcio, alegando, com certeza e com presumível motivo, ser o possante "colored" um marmanhão de gênio impossível, brutamontes e revelador de crueldade mental, como sói sempre acontecer nos libelos acusatórios para tais pleitos na terra onde mais depressa se casa e se descasa.

O pugilista negro deseja resolver amigavelmente o caso, sem que haja, entretanto, perspectiva de êxito, porque o advogado de Mr. Louis acha que a questão financeira é essencial, e muito módica a importância oferecida pelo marido, o que é, sem alusão uma questão de peso... E o caso irá ter solução judicial, com resultado favorável, fatalmente, para a mulher. Sim, não será admissível outro desfecho: não haverá juiz capaz de lhe ser contrário, porque, si alegar aqueles motivos já sabidos e aqui mencionados, como argumentos prováveis, qual é de praxe, será o divórcio o meio mais humanitário de premiá-la do campeão do murro e que, mesmo por brincadeira, ou por um arrufo tão conjugalmente possível, poderia pô-la *grog* para todo o sempre.

Assim, Joe Louis, invencível no "ring", ficará, como simples marido, sem o outro "ring" e vencido... por decisão do juiz.

VAMOS ENCHENDO O MEALHEIRO...



O nosso ouro foi, anos há, uma coisa para inglês ver e levar, porque o metal precioso, extraído de nossas minas, não ficava em casa e ia para os cofres da City, emigrando para Londres, porque não fazíamos, por imperdoável desídia, por impedi-lo monopolizando a sua aquisição, para servir de lastro de nossa moeda-papel. Só depois de mais de século, é que resolvemos detê-lo e destiná-lo às arcas do Tesouro Nacional, que nada entesourava.

A produção aurífera, no quinquênio de 1935 a 1940, segundo foi agora revelado e comprada pelo nosso Erário, elevou-se a uma soma considerável: nada menos que isto — cinquenta toneladas!

Cinquenta mil quilos de ouro, em cinco anos, valem por um pé de meia de gigante. E, prossequindo tal política previdente, teremos, dentro de poucos anos, uma reserva respeitável, que saneará o nosso meio circulante e fará do nosso mil-réis uma moeda tão valorizada como a libra ou o dólar.

A MARCHA PARA O OESTE

A viagem do Presidente Getúlio Vargas a Mato Grosso, a sua visita a um trecho do território da Bolívia, onde foi recebido com as maiores demonstrações de entusiasmo, e a sua ida, já histórica, ao Paraguai, onde o Brasil, em sua egrégia personalidade, foi alvo de uma consagração excepcional, objetivaram, de um modo incisivo e culminante, a marcha para o Oeste, que é o lema de seu governo e uma definição de nossa política de penetração econômica e expansão fraternal além fronteiras, e que ligará, através de uma linha férrea de Corumbá ao porto de Santos, o Pacífico ao Atlântico.

Mato Grosso recebeu, com a presença do Chefe de Estado, que pela primeira vez pisou aquele solo, investido do seu supremo mandato, uma justa e providencial homenagem, que significará uma fase nova em seus destinos, porque será, depois da epopéia dos bandeirantes e da missão Rondon, uma volta aos rumos de nossa projeção intra-brasileira e também uma ampliação oportuna de nosso abraço continental.

A Bolívia e o Paraguai, os dois únicos países irmãos que não tem saída para o mar, obterão, assim, em breve futuro, uma porta aberta no Atlântico, tornando-se aquele grande porto brasileiro o escoadouro de seus produtos e um acesso livre para as suas relações econômicas com o mundo.

As palavras do Presidente do Brasil, no seu notável discurso de Arroyo-Concepcion, numa concisão lapidar, definem muito bem uma verdade traçada em nosso mapa: "O Brasil e a Bolívia, pela própria determinação geográfica, são regiões que se completam".

Sua visita ao Paraguai coroou esse grande passo de nossa história, levando àquele povo heróico, num gesto ainda inédito até então, a palavra do Brasil na pessoa de seu supremo dirigente, e na qual vibrou o coração de nosso povo, que não sabe odiar nem guardar rancor, fazendo da bondade o horizonte da vida, e da fraternidade uma alegria cristã de sua fé.

A marcha para o Oeste teve, assim, na última semana, um relevo extraordinário para a nossa terra, porque, além de abrir caminho a um sentido mais amplo de nossa brasilidade, positivou, de maneira empolgante, a saudável sinceridade com que nós compreendemos e cumprimos, nesta hora trágica, a política de cooperação inter-americana.



O ITINERÁRIO — Do Rio a Corumbá, o Presidente Getúlio Vargas percorreu, em avião, cerca de 1.700 quilômetros; 80 quilômetros de território boliviano foram, depois, atravessados pelo chefe de Estado brasileiro em companhia dos altos representantes do governo da Bolívia. Em seguida, o presidente do Brasil desceu, num navio de guerra paraguaio, o rio Paraguai, numa extensão de mais de 500 quilômetros, até Assunção.

A BICHA... DE CONSOLAÇÃO

O Rio, à hora do almoço e na em que, cessado o trabalho, todos rumam ao lar, oferece, pela intensidade do tráfego, um aspecto urbano que, anos antes, não era dos hábitos do carioca: a formação de longas "bichas", em que as filas dos pacientes burgueses, que esperam condução, formam caudas extensas, quase de 1/4 de quilômetro.

Na praça Mauá, no Castelo, na Cinelândia e perto do Obelisco, os candidatos a uma poltrona de ônibus, que é por vezes, ao contrário da do Petit Trianon, um prêmio fortuito de mortalidade ou de lucro aos esculpores técnicos de acidentação, esperam, esperam... e desesperam, como eu, depois de uma hora de suplício, para fazer uma loucura de prodigalidade — tomar um taxi!

A demora, já de si, é estafante e geradora de distúrbios neurológicos, que aumentam a clínica dos especialistas, era, enfim, tolerável, por ser irremediável, mas se tornava uma verdadeira guerra de nervos pela astúcia de uma fraude posta em prática com êxito: quan-



do os ônibus chegavam ao posto de estacionamento, vinham já quase super-lotados, porque, na penúltima seção os lugares eram ocupados pelos solertes frequentes que, pagando mais uns tostões, obtinham um meio cómodo de resolver o problema da volta aos penates. Os que, em fila, estavam esperando tinham de continuar, firmes e furiosos, esperando outro carro... si houvesse espaço disponível.

A Polícia acaba de tomar uma medida drástica e louvável: em portaria ordenou que os ônibus, chegando ao ponto terminal, tem de ser esvaziados, sendo o seu acesso feito por ordem da vez, como nos barbeiros.

Isso não resolve a questão do tráfego, nas horas críticas de sua maior intensidade, quando a procura é mil vezes maior que a oferta. Mas, sem dúvida alguma, vale por uma "bicha"... de consolação.

A GUERRA E A MODA

A guerra deslocou a moda de Paris para Londres e se vai agora transferindo para Nova York e Hollywood, pois o cinema é o melhor cartaz do século e não passa, afinal de contas, de um figurino projetado na tela, em que os modelos falam, o que mais contribui para o tornar uma arte feminina pela sua indiscreta natureza...

A guerra pode perturbar, sem que possa eliminar a moda, cuja tática e estratégia não são humanas, porque são do diabo... e da mulher.

Ela tem se aproveitado daquela calamitosa e hedionda loucura assassina para enfeites, numa ofensiva

de lindos *joujoux*, seguida de uma guerra-relâmpago de balangandans, que se tornam amuletos decisivos para excitar alguns dos pecados mortais, quando pendem das orelhas, envolvem o pescoço e condecoram o busto das Evas finas, flexíveis e "aero-dinâmicas" da atualidade.

Não sei si é por influxo marcial que o desenho escossês está em voga em todos os trajes, desde os de banho aos de gala. Creio, porém, que sim, por esta razão plausível: o "tartan" é um distintivo dos clans da antiga Escócia e persiste na indumentária por força de tradição e rivalidade, numa guerra inofensiva do pitoresco.

Aviões, águas heráldicas, espadas, capacetes e outros motivos bélicos servem de belo emblema e adorno para a mulher elegante; e, quando bonita, essa beligerância táfíl, longe de causar horror, provoca encantamento, desejando a gente transformar-se em parquedista, para cair a seus pés, afim de tomar uma Creta de saias... Mas, às vezes, há algumas feias e quarentonas, que se auto-retratam usando por berloque um *tank* esmagador ou um canhão de longo alcance...

O INVERNO FOI-SE!

O frio está sendo sentido tão somente por efeito de saudade e passadismo: com a entrada de agosto o calor voltou e o sol, como no auge do verão, fez a sua entrada de apoteose no seu reino encantado — a Guanabara.

A máxima da temperatura, no dia 1.º, foi "apenas" de 31 graus.

As damas da elegância novaiorquina estão, por causa da guerra e sua repercussão nos domínios da moda, esgotando os *stocks* de meias nos grandes estabelecimentos, na previsão de uma crise no seu fabrico, logo que foi conhecido o fechamento de uma fábrica, que funcionava em Filadélfia, motivado pela escassez de seda crua, bloqueada nos depósitos.

E as elegantes não tiveram meias medidas, apresentando-se em tomar as precauções necessárias.

A moda feminina das pernas nuas é esteticamente adorável e agrada no verão; mas, no rigor do inverno, com a neve e o frio intenso, não pode ser observada. Daí essa procura das meias, antes que lhes seja racionalizada a sua aquisição, como já se faz com a gasolina para os automóveis. E terão de ser, então, usadas até ao tornozelo ou, em alternativa, até ao joelho.

A guerra, na sua nova modalidade, como calamidade totalizante, não poupa coisa alguma: nem as pernas, por mais belas, escapam!

Lamiré.



JORNAL DAS FAMÍLIAS



As meias de côr estão na moda.

CRONICA DA MODA

Os modelos para a manhã, sejam eles para o trabalho como para o passeio, assim como o vestido para o **week-end** ou para a casa revelam a preocupação de apresentar um corte impecável e sempre sublinhado por um encanto especial. Os **corselets** tão apreciados tendem a desaparecer para ser substituídos pelo

corte simulando o jumper, mas sobretudo pela linha blusante, vista em numerosos novos modelos. Os vestidos mais elegantes são além disso guarnecidos com **drapês**, com franzidos artisticamente dispostos, com ruches e graciosos babados. Os vestidos completamente plissados e lembrando pelo corte o vestido princesa são interessantes e merecem ser examinados. As toilettes combinadas em tecidos de tons

opostos continuam a seguir a voga já tão grande nas ultimas estações; uma pala de côr, uma guarnição perfeitamente oposta ao modelo constituem o complemento artístico do manteau largo, tornado muito moderno pelas novas mangas amplas; e a moda não deixará de pôr em proveito essas numerosas possibilidades para variar duma maneira tão interessante como elegante modelos que poderiam às vezes

parecer um pouco antiquados. O **manteau redingote** aberto na frente continua a ter grande voga, sobretudo entre aquelas que não tem a silhueta esbelta e que a moda não esqueceu nas suas criações, assim como entre as futuras mães. Devem ser citados também os numerosos modelos de costumes e os vestidos simulando costumes.

Marinette

Creações Originaes

A — Vestido em crepe de seda bege, estampado em marron e branco. B — Modelo leve em linho branco e azul claro. Bolso pespontado de azul-vivo. C — Interessante vestido em linho branco. Cinto e pespontos em vermelho. D — Elegante casaco em tecido escossês, bolsos largos adornados com botões.



O Supremo padrão da plástica feminina, outrora representado pela *Venus de Milo* é hoje criação da *Cinta Moderna*

Cintas Modeladores Loutiens

OUTRORA VENUS DE MILO	HOJE CINTA MODERNA
160 ALTURA	157
36 PESCOÇO	31
28 BRAÇO	24
88 BUSTO	80
72 CINTURA	60
95 CADEIRA	87
50 COXA	45
34 JOELHO	30
22 TORNOZELO	18%

A CINTA MODERNA

PEÇAM CATALAGO

RIO DE JANEIRO
 Fabrica e escritório: — R. CONS-
 TITUIÇÃO, 36 — Fone 22-2849.
 Loja: — RUA URUGUAI-
 ANA, 47 — Fone 22-4053.

FILIAIS: Rua São Bento, 78 - Fone
 2-7880 - São Paulo. Praça da Re-
 publica, 31 - Fone 4-6674 - São
 Paulo. Avenida Afonso Pena,
 932 - Fone 1097 - Belo Horizonte.

- E — Vestido de seda estampada, muito elegante e próprio para jovens.
 F — Interessante modelo para passeio, de linho branco estampado com flores roseas ou vermelhas.



- G — Original vestido de estilo mexicano, em seda amarelo-claro: as aplicações em vermelho, saia ampla e rodada.
 H — Modelo para tardes frias em fina lã cinza. Prespontos, cinto e botões em azul marinho.

★ *Baton* **FLAME-GLO** ★
 Em 10 tons modernísimos
 Côr da moda **ROYAL WINE**

Carta a meu filho

"Artur Eduardo:

Foste embora tão cedo que não tivemos tempo de te dizer tudo o que ia na nossa alma. Estavas aprendendo a falar — para nos dizer, por tua vez, o que sentias. E estavas aprendendo a andar — para correres mais depressa aos nossos braços...

A Morte imobilizou os teus pés e emudeceu a tua boca. Tu, que eras quente como a Vida, ficaste frio como um bloco de gelo. Ainda no teu caixão tocado da luz da Eternidade, eras mais belo que as brancas flôres que te cercavam.

Toda a gente chorou em torno de ti — até os que jamais te tinham visto. Todos os pais acham seus filhos os mais belos do mundo; mas tu, Artur Eduardo, de facto o eras. Bom, formoso e puro — tinhas as feições do Menino Jesus — e ninguém notou nada no dia em que tua avó materna, por brincadeira, te pôs no oratório em vez do Filho de Maria... Também como Ele, eras filho de Maria e não tinhas pecado nenhum. Não vieste redimir o mundo, mas unir mais e aperfeiçoar os teus pais. E subiste ao Céu numa sexta-feira, como o nosso Deus! E, do Céu, continuas a velar por nós e a ensinar-nos que esta vida é breve como um sôpro e frágil como um sonho...

Só choravas quando sofrias. De certo, evitavas fazer sofrer os outros... Pela manhã, quando acordavas, só se sabia que tinhas despertado pelo doce tom com que chamavas, baixinho, "papá" ou "mamã". Eras um pequeno Hércules — com alma de ave canora.

E morreste sem motivo, sem doença, sem diagnóstico, porque não se achou na Patologia um motivo que justificasse nos teus teres sido roubado tão cedo!

Vários doutores estiveram á tua cabeceira e não entenderam nada da tua doença. Apenas sabíamos que ias morrer pela maneira angustiosa com que nos olhavas. "Laringite estridulosa", "tímico", "corpo estranho", "paralizia do bulbo", "fenômeno alérgico" foram as hipóteses com que os intérpretes da Medicina quiseram disfarçar sua imensa e irremediável inutilidade...

—oOo—

Hoje, sabemos que morreste porque te parecias demasiado aos anjos... A Terra era excessivamente suja e triste para te abrigar. Isto aqui é um covil de feras — e tu eras criatura de Deus.

Quem vive muito? Os ladrões, os criminosos, os perjuros, os infiéis, os assassinos. Quem vive muito? A Pedra, a Tartaruga e o Cedro — três formas diversas da mesma estupidez universal.

Que vive muito? A dôr e sua irmã gêmea, a saudade — ecos da ventura que se foi...

Tinhas apenas 16 meses e enchias

o coração de tanta gente... Todos paravam diante de ti e diziam: "que linda criança!". Se te conheciam de perto, ainda mais te queriam, porque, como o Cristo, sempre tinhas os braços abertos para os que te procuravam...

Um ano e quatro meses — são menos do que um sôpro e mais do que uma Eternidade. Cada dia passado contigo foi como um século de prazer. E tudo submergiu num segundo, porque o Infinito ficou com inveja de nós. "Há uma felicidade completa na Terra!" — foi a notícia que ecoou no Universo. E o raio veio sob a forma espetacular de uma dispnéia...

—oOo—

A razão humana não explica por que morrem as crianças...

Se não deviam viver, para que nasceram? Matar uma criança — ainda a mais pobre e feia do mundo — é ato indigno de uma divindade. E' como esmagar uma flôr... Mas para que se cortam as flôres... Para enfeitar a Terra. Para que se matam as crianças... Para enfeitar o Céu... Por isso só morrem as crianças bonitas, isto é dignas do Céu...

Tu, Artur Eduardo, eras formoso demais! Por ti, perdooi tudo a meus inimigos, fiz todo o bem que pude e compreendi melhor a existência de Deus.

Quando morreste, cheguei a duvidar d'Ele, mas aquele destino das flôres me explicou tudo, tudo...

A Perfeição não é dêste mundo. Os que a procuramos aqui, pagamos caro o nosso êrro.

A Terra é um presídio, onde se cumpre a pena de viver.

Tu vieste para aqui enganado, Artur Eduardo, e a prova disso é que tão cedo te foste!

Saíste numa tarde cheia de sol, em que tudo convidava a viver. Gemeste treze horas — da dôr de nos vêr penar... A tua pureza espiritual não te deixava ser egoísta. Por isso nós não quisemos martirizar-te com os muitos remédios que os doutores te receitaram, apenas para justificar seus títulos doutorais.

Limitámo-nos a chorar diante de Nossa Senhora, mas ela nos disse, no silêncio da sua redoma iluminada:



As relações entre pais e filhos

Os pais precisam compreender que o filho é uma pessoa com pensamentos, emoções e compreensão. Todos os acontecimentos diários que tem lugar no seu ambiente deixam uma impressão definitiva no espírito da criança. Suas sensações de prazer, de medo, de raiva, de ciúme são tão reais como as dos adultos. A criança tem seus problemas também. Seu trem elétrico de brinquedo, uma manha, pode não querer andar, ou o capitão do team de foot-ball pode recusar sua participação numa partida. Tais problemas podem parecer de nenhuma importância aos olhos da mãe que pode cortar a queixa do filhinho com uma frase assim: "Ora, meu filho, não me aborreça com tais bobagens!", mas eles são de uma importância muito grande na mente da criança. Uma resposta assim fará com que a criança sinta que há um grande abismo entre ela e a mamãe. Hesitará em procurá-la outra vez para consultar sobre suas atrapalhadas ou formular confidências. Anos mais tarde, a mesma mãe muito sofrerá ao saber que o filho resolveu deixar a escola secundária sem haver antes discutido o assunto consigo. Ela perdeu a sua grande oportunidade de ser uma verdadeira amiga do filho durante a infância. A orientação materna da criança fracassou dada a sua indiferença aos problemas de todos os dias. Estes

problemas, não interessa quão triviais possam parecer, devem sempre merecer uma atenção simpática. A criança precisa sentir que os pais estão sempre prontos para discutir consigo as dificuldades de um modo sincero e interessado.

Muitos pais perdem de vista o fato que a criança possuindo uma individualidade própria ainda não possui uma larga experiência, a educação e os contactos sociais necessários para um raciocínio maduro. Esperam que os filhos procedam de acordo com as suas idéias e mostram-se impacientes quando notam que os garotos deixam de fazer isso. "Isso é um absurdo", é uma frase que muito frequentemente a criança ouve. Tal atitude por parte dos pais pode apenas tender para aumentar o sentimento de inferioridade da criança e desanimar as suas iniciativas.

As ações e emoções da criança ainda estão sob a influência dos seus instintos mais primitivos. Estes instintos, antes de tudo, cuidam da defesa do próprio indivíduo. As tendências naturais da criança, assim, a impelem para dirigir as ações no sentido das outras pessoas. Seu comportamento natural é grandemente dominado pela sensação de prazer. Por isso, os primitivos impulsos naturais da criança tem uma tendência para torná-la egoísta, agressiva e uma procuradora de prazeres.

Si os pais compreenderem que a tremenda atividade usualmente presente na criança requer, não métodos repressivos, mas meios apropriados para a expressão, muitos dos aborrecimentos no lar serão evitados. Os pais muitas vezes não compreendem que, enquanto podem estar cansados ou aborrecidos, a criança pode estar toda propensa para uma diversão alegre. O que acontece com mais frequência é que a criança é erroneamente repreendida ou severamente punida quando apenas dá expressão ao desejo perfeitamente inocente de brincar.

Outro costume também grandemente prejudicial para o desenvolvimento emocional da criança é o de discutir o comportamento do garoto com outras pessoas, mas na sua presença. Si a criança ouve elogios está apta a tornar-se orgulhosa ou egoísta e procurar dar demonstrações em todas as oportunidades.

Muito cedo na vida o garoto deve saber que nem todas as suas vontades podem ser satisfeitas. Isto evitará muita infelicidade e muita contrariedade mais tarde. Será assim preparado para enfrentar os desapontamentos com coragem e sem qualquer perturbação emocional.

Nação Armada Revista civil militar consagrada á Segurança Nacional.
Número de Agosto à venda.

— Eu também perdi o meu Filho!

E, desde então, compreendemos tudo. E pedimos a Nossa Senhora que fizesse, de ti, seu filho também...

E as nossas lágrimas se transformaram em estrelas, a cuja luz vimos, claramente, a vontade e a sabedoria de Deus.

Deus te abençoe, meu filho!"

Rio 27 de Julho de 1941.

FÉLIX NERES



Diário de Notícias

O jornal dos bairros residenciais

Ninguém pode hoje viver, na cidade como nos campos, sem um mínimo de conhecimentos sobre os fatos de cada dia, sobre os progressos econômicos, científicos, artísticos, sociais. Quer isso dizer que ninguém pode hoje viver sem a permanente companhia de um criterioso e moderno órgão de informação.

Faça do

Diário de Notícias

o seu jornal

O Matutino de Maior Circulação do Rio de Janeiro



- 1 — Vestido de crepe branco com bolas verdes, guarnecido com pespontos verdes.
 2 — Vestido de crepe bordeaux com viezes de crepe ou setim branco. O cinto de camurça branca.



Vício da juventude

Após um dia de intensas ocupações, as horas fatigantes deixaram sinais de cansaço no rosto, que privado de encanto e atração, perdeu o viço da juventude.

Para vivificar a cutis com um efeito imediato e eficaz, o "Creme Contra Rugas" de Elizabeth Arden deve ser aplicado, sobre as marcas do rosto e côlo. O "Creme Contra Rugas" permanecendo por meia hora na cutis, depois de uma limpeza da pele com o "Ardena Creme de Limpeza" unido ao "Ardena Tônico para a Pelle", não somente elimina as rugas e linhas, como proporciona novamente à tez, o brilho que pela manhã ostentava.

Elizabeth Arden

SALÃO NO RIO: AVENIDA RIO BRANCO, 257
 SALÃO EM S. PAULO: CASA ANGLO-BRASILEIRA

REVISTA DA SEMANA

A maior e melhor revista ilustrada semanal

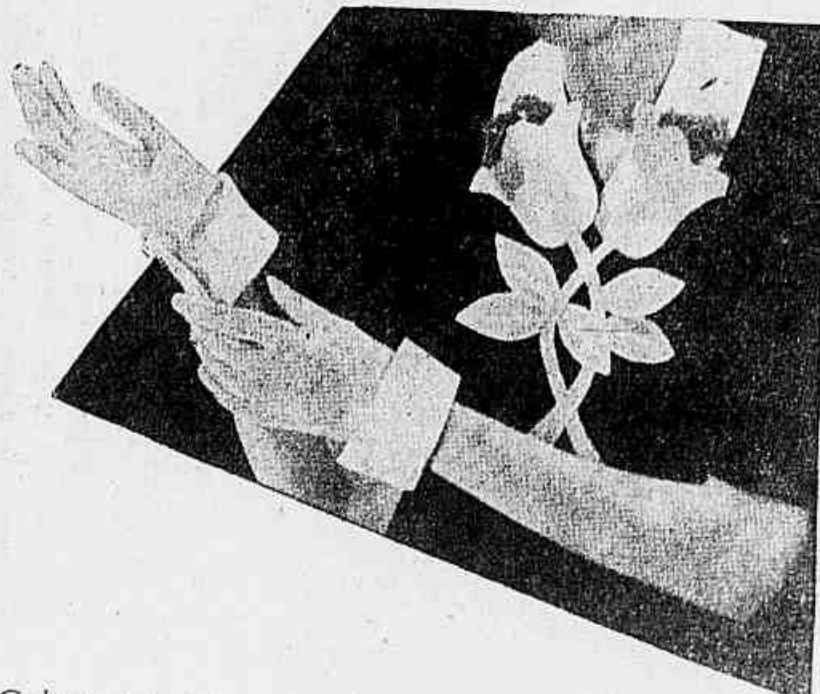
Publica em todos os números: Reportagens fotográficas, contos literários e grande cópia de figurinos.



Penteado formando grandes rolos no alto da cabeça. Acompanhando uma toilette elegante.



Bolsa de tecido de diversos tons para acompanhar o vestido da manhã.



Gola e guarnição recortada no feitiço de tulipas simulando vasos em fustão branco, as luvas com canhões de fustão. Margaridas de diversos tons guarnecem a gola.



Vestido de crepe ou zefir, fundo branco com xadrês verde.

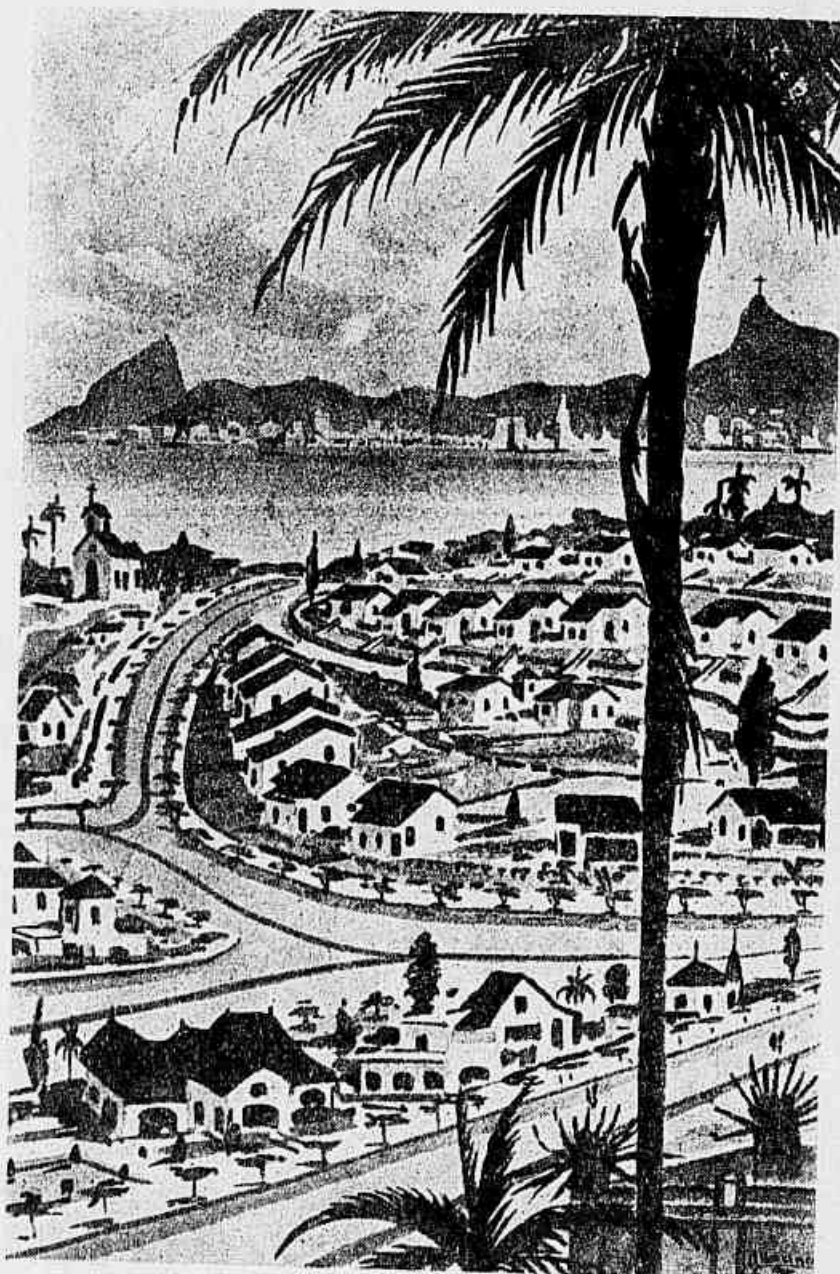


Vestido elegante de veludo ou pesado crepe azul de safira, grande gola de faille branca bordada. Botões de fantasia.

CADA VEZ MAIS BONITO!

JARDIM CARIOCA

(Ilha do Governador)



Neste recanto maravilhoso, a 35 minutos da Avenida Rio Branco, estão á venda os melhores terrenos, a longo praso, sem juro e com direito a sorteios de quitação. Dia 27 do corrente, realizar-se-á outro grande sorteio gratuito! Aproveitem! Comprem por cobre o que vale ouro! Prospectos e informações á Avenida — 108 — 6.º and. Fone 42-3812 (Registrado sob n.º 1, conf. Lei, 58)



Casaco de lã branca, debruado com fita de setim ciré preto.

MASCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
CASA CIRIO — OUVADOR 181

CONSELHOS PRATICOS

Lavagem das lãs brancas

Pôr de molho toda a noite num balde contendo água fria e 500 grs. de sal. Enxaguar em água pura. Expremer sem torcer. Passar ainda úmido pelo avesso com um pano por cima.

Como tirar manchas açucaradas dos tecidos

Uma simples lavagem com água morna é suficiente.

Manchas vegetais

Lavá-las com uma dissolução de permanganato de potassa a 2 %, depois tirar a mancha castanha deixada pelo permanganato, passando um pouco de ácido sulfúrico. Lavar em seguida com água pura, morna.



Vestido e bolero de crepe marocain azul marinho, guarnecidos com bordado do mesmo tom. Na saia panos plissados. Gola de crepe branco com recorte em festões. Chapéu de feltro azul marinho com um pássaro de fantasia.

CORREIO FEMININO

Redatora ilustre:

Ouvi pelo rádio há alguns dias que "um correio feminino" ia ser inaugurado na REVISTA DA SEMANA. Rejubei com o facto. Para mim não existe gênero de literatura mais gozado do que correspondência feminina. "Fulaninho me enganou: devo dar um tiro nos miolos, ou cheirar o gaz da cozinha?" Ou então: "Meu marido é muito guloso, por isso desejo que me mande uma receita bem gostosa de torta de amêndoas"... Existe aqui no Rio uma emissora que mantém há anos um programa essencialmente feminino: receitas de bolo. Quando tenho vagar, não o perco! Que entonações melódicas a tal "speaker" imprime às receitas de empadinhas de camarão! Dá até vontade da gente chorar... Ótimo!

Aqui fico, ilustre redatora, espectador na primeira fila, disposto a bater palmas, quando a sua página trouxer 10 receitas de merengues. Estou com bastante fé nesse "programa de bobagens", que me fará rir à bandeiras despregadas...

Napoleão.

Resposta: Napoleão deve ter sido um homem bastante ocupado, por isso não é justo que se escondia por detrás do seu nome exatamente um cidadão que nada tem a fazer. Ou muito me engano, ou o cavalheiro acima tem tempo de sobra, para ouvir não um, porém todos os programas de receitas de bolos do Universo.

Primeira fila? A minha impressão é de que se trata de alguém habituado a ficar de pé, ou sentado nas escadas.

O único pecado que um americano do norte não perdoa a seus semelhantes é soltar gracejos... sem graça. Ponho aqui em prática uma nova modalidade da Boa Vizinhaça: também não suportos os espirituosos cujas gracinhas são arrancadas à torquês. Quem gosta de rir a bandeiras despregadas (a sem crase...) não precisa de motivos para isso. Ri a respeito de tudo ou de coisa nenhuma, o que vem a dar no mesmo.

A carta desse Napoleão-mirim mereceu as honras desta página só por um motivo: é preciso que se fique sabendo como ainda possuímos desocupados nestas plagas. Enquanto os russos não tem nem tempo para enterrar os seus mortos, alguém por aqui tem vagar bastante para se sentar diante de uma máquina e datilografar cartinhas insulsas, onde pode haver tudo, menos essa coisa sutil a que os ingleses chamam **humour**. Triste reflexo de mentalidade popular!

Esse Napoleão teria todo direito de acreditar na execução de um vasto programa de bobagens. Si foi ele mesmo que se encarregou de inaugurá-lo... Mas aqui fica um aviso: de hoje em diante, só daremos atenção às cartas de pessoas bem educadas.

Redatora:

Contava dezenove anos quando pela primeira vez vislumbrei um fio branco entre meus cabelos escuros. Daí em diante este inimigo foi se multiplicando e, aos poucos, muitos outros vieram juntar-se-lhe. Hoje torna-se difícil escondê-los. Isto entristece-me, sobretudo porque formarei, em breve, um contraste chocante com o meu marido, um rapagão louro de olhos azuis que lhe dão um aspecto de criança. Que deverei fazer para evitar o desgosto de parecer sua mamãe? Leio em jornais tantas anúncios de preparados "que fazem voltar a cor natural". Qual escolher? Qual deles afetará menos a minha saúde? Espero confiante o seu conselho, que será, sem dúvida, o melhor. — **Benita.**

Minha leitora:

Uma mulher inteligente (e este é o seu caso) não parecerá mamãe de seu marido nunca e sim, apenas, a irmã mais velha dos próprios filhos. Considero os fatores psicológicos muito acima das aparências materiais, Benita. A jovialidade influe poderosamente para que conservemos a mocidade. Não quero dizer com isso que devesse descurar o tratamento de seus cabelos, absolutamente! Acho apenas que não deve levar essa preocupação ao ponto de transformá-la em idéia fixa. Existem senhoras idosas cuja mentalidade é tão jovem que a sua convivência é sempre agradável. Ao passo que uma jovem,

CORREIO FEMININO é uma secção destinada a estreitar as relações da Revista com os milhares de leitoras disseminadas por todas as regiões do Brasil e mesmo do estrangeiro.

Você mora no interior, deseja obter informações sobre modas, turismo, cinema, literatura ou produtos de beleza? Dirija-se ao "**CORREIO FEMININO DA REVISTA DA SEMANA**".

Reside na capital do país, tem um caso particular a resolver, ou precisa de orientação sobre assunto de interesse geral? Envie uma carta ao correio da Revista e será atendida com a presteza que as nossas possibilidades permitirem.

E, si vive atualmente longe do Brasil e deseja saber novidades da pátria distante, fique ciente de que no Rio existe uma pessoa muito interessada em manter correspondência com patricias residentes no estrangeiro: a redatora destas linhas.

O nosso interesse é o de bem servir às prezadas leitoras.

Disponham, pois, desse "bureau de informações"... sem cerimônia!

CORREIO FEMININO DA REVISTA DA SEMANA — Rua Maranguape, 15

neurastênica, eternamente mal-humorada, modela no próprio rosto a imagem do aborrecimento e... da velhice. E' melhor ter alguns fios brancos e ser sempre risonha, do que possuir todos os cabelos pretos e viver irritada, escolhendo a hora em que o marido chega estafado, para comentar as últimas façanhas da cozinha ou da arrumadeira...

Gosto muitas vezes de viajar no banco vis-à-vis aos outros, somente pelo prazer que me oferece o estudo de duas ou três dezenas de fisionomias alheias. Com este sistema de espionagem inofensiva, me habituei até a avaliar a profissão dos meus companheiros, no bonde que nos leva a todos para o emprego às 8 horas da manhã. Aquele velhote morde o charuto com fúria, como si o pobre fosse responsável por todos os **contras** que a vida lhe tem dado... Deve ser um funcionário pú-

blico lutando ferozmente pela aposentadoria. E' fácil avaliar-se as raivas que êle deve ter diariamente, com os requerimentos, subindo e descendo repartições como numa **montanha russa**. A mocinha loura a muque deve ser **vendeuse** nalguma casa de chapéus da Avenida. As suas comissões sobre as vendas enfraqueceram bastante, com a moda de se andar sem chapéu, por isso ela está com aquele ar enfarruscado de gatinha mal-humorada. Como si os outros passageiros fossem responsáveis pelos seus insucessos, oferece a todos o espetáculo de seu aborrecimento. A senhora de vinco profundo bem no meio da testa, de ar abatido e bolsa imensa ao colo, com toda certeza é cobradora dalguma instituição de caridade... que não lhe faz caridade nenhuma. Mas, de todas as pessoas desconhecidas que me acompanham diariamen-

te nessa primeira viagem em busca do pão de cada dia, a que me impressiona mais é uma figura de velhinha que por acaso fica muitas vezes bem em frente a mim. Cabelinho todo branco, porém o seu rosto é sempre iluminado por uma luz interior que eu não sei definir e que não deixa em quem a observa nenhuma sensação desagradável de decadência física ou amargura espiritual. Como pode alguém chegar àquela idade (uns sessenta anos) sem ter impressos na fisionomia os estigmas que as decepções vão sulcando dia a dia no rosto de quem é pobre e precisa lutar pela vida? Ela é o tipo da velhinha eficiente que não perde um minuto. Enquanto estou ali cometendo a indiscrição de olhar fixamente algumas vítimas de minha curiosidade, como si fossem cobaias nas quais houvesse inoculado algum **virus** e estivesse aguardando as consequências, ela faz **tricot**. E, parece, observa também.

Hontem, não sei como, pois nem sequer estava me olhando, disse de repente:

— Gosta muito de **tricot**, não é?

Dei graças a Deus. Eu queria mesmo conversar.

— Gosto, sim, senhora. Depois do cinema, é a ocupação que me absorve mais! A gente se esquece da vida, quando está aprendendo um ponto novo, não é?

Uma risada gostosa, de gente moça, e não de velha, fez alguns passageiros voltarem a cabeça. E ela começou a me ensinar como se faz "esteira". Quasi não prestei atenção. Estava pensando noutra coisa: no "porque" da luminosidade de um semblante de certa velhinha...

— A senhora parece não ter muito cuidado com a sua saúde. Desculpe. Nada tenho a ver com isso, mas... é tão cedo ainda e a manhã está tão fria!

Neste momento ela deu, sem me sentir, resposta a todas as interrogações que eu não tivera coragem de externar.

— Ah, é verdade, mas... eu não me entrego, sabe? Meu filho morreu muito moço e me deixou de herança um neto para criar. Resfriado não me bota abaixo. Não tenho tempo para pensar em doença, graças a Deus! Ainda trabalho para ganhar a vida.

Compreendi então o quanto vale a gente bastar-se a si mesma...

Não sei quem dividiu os escritores em duas espécies: os que dominam a penna e os que se deixam dominar por ela. (Em **penna** é impossível respeitar a fonética, para evitar o trocadilho).

Esrevinhadora, dou preferência ao lapis e me deixo dominar completamente por êle! Guia apressado, êste lapizinho leva-me de roldão pelos reconditos do pensamento e, paradoxalmente, dá preferência aos caminhos cheios de zigue-zagues, deixando-me atordoada, sem saber direito como voltar ao ponto de partida...

Benita: perdi-me nas veredas das digressões e a estas horas estará imaginando que estou falando sozinha, e não a você. Perdoe-me. E' à minha leitora mesmo que estou me dirigindo. Quiz atingir o ponto onde estavam as provas que deveria lhe apresentar, sobre a influência que o espírito exerce sobre a aparência física de qualquer um de nós. Quando notar mais um cabelinho branco, repita as palavras da vovó que viaja comigo diariamente no bonde: "Eu não me entrego!" E assim conseguirá atirar para bem longe a preocupação de estar ficando velha.

Com êsse jeitão de menino, seu marido com certeza gosta de doces. Dê-lhe muitos, pois um homem bastante gordo parece sempre mais velho...

Não posso lhe indicar hoje o nome de um preparado para tingir os cabelos, pois a minha responsabilidade seria muito grande.

Como está em jogo a sua saúde, vou primeiro consultar um médico sobre o seu caso e talvez já na próxima semana lhe possa dar a informação pedida.

Até lá.

Ignês Mariz

Os noivos beijam 4 vezes mais que os casados...



... mas são mais beijadas as noivas e as casadas que usam BATON COLGATE...

É natural! São sempre mais **beijáveis** os lábios que o Batom Colgate torna maravilhosamente expressivos, cheios de vida e encantos! O Batom Colgate dá uma magica apparencia de mocidade... é irresistível sedução! Sabe por que? Porque o Batom Colgate é feito de Karanava, o sensacional emoliente embelezador dos lábios!

Torne os seus lábios **beijáveis**... dê-lhes uma cor viva e attrahente, com Batom Colgate. Procure-o hoje... e não deixe de experimentar a nova e sensacional cor que está em moda: **Vermelho Amazonas**, de Batom Colgate.

IMPORTANTE! Assim como um grão de arroz cresce na água, as suas partículas dilatam-se também com a humidade da pelle, provocando a dilatação dos poros. O novo pó para rosto COLGATE finissimo e delicadamente perfumado, não contém uma só particula de arroz.



BATON COLGATE

Grande
\$500
Medio
2\$500

**PESTANAS TENTADORAS
PARA OLHOS ADORÁVEIS**

*O Milagre
em um Minuto*

Eis a maneira fácil de tornar os olhos mais lindos e fascinantes:

- 1) Frize as pestanas com KURLASH — o aparelho americano que revira os cílios em um minuto.
- 2) KURLASH não necessita de aquecimento ou cosméticos e o seu manejo é simples.
- 3) Após o manejo de KURLASH veja no espelho o resultado obtido em um minuto.
- 4) As pestanas tornam-se mais longas e belas e o olhar fascinante.



KURLASH

Distrib. S. V. Mangual & Cia. Ltda.
Rua Paulino Fernandes, 55 — Rio
PREÇO PELO CORREIO 22\$000

PENSAMENTOS

A influencia diaria que os pais exercem sobre os filhos pela vida que levam sob seus olhos é tão grande que o melhor sistema de educação paterna poderia quasi resumir-se nestas simples palavras: "Melhora-te a ti mesmo".

S. Smiles.

**DÓE-ME O OUVIDO
QUE É UM HORROR!**

**CAFIASPIRINA
PROFESSOR!**



• Até as crianças sabem que Cafiaspirina é o calmante por excellencia para as dores de ouvido, de dentes, de cabeça, nevralgia, enxaquecas e outros males semelhantes. Cafiaspirina não somente dá alívio rapido e completo, como reanima, restabelecendo o bem estar normal. Cafiaspirina tem a garantia da Cruz Bayer.

• Seja precavido: tenha sempre á mão Cafiaspirina.



CAFIASPIRINA

O REMEDIO DE CONFIANÇA
contra DORES E RESFRIADOS

**Vestuarios
para a manhã**



Costume de lã preta com listas brancas. A saia com prega dupla na frente e o casaco ajustado na cintura.



Devemos estar vigilantes com os nossos pensamentos para sermos senhores das nossas ações.

La Rochefoucauld-Doueauville.

Não é o amor que se devia pintar como cego, é o amor próprio.

Voltaire.

1 — Interessante costume de lã ou seda listada, o casaco tem a pala abotoada nas costas e a frente também abotoada. As listas empregadas em diversos sentidos na saia e no casaco. 2 — Manteau três-quartos, de lã branca, com bolsos aplicados e pespontos. 3 — Vestidos de crepe vieux-rose, os bolsos com nervuras pespontadas.

A criança torna-se para seus pais, segundo a educação que recebe, uma recompensa ou um castigo.

P. Senn.

Quando se estude a formação dum homem de valor, procure primeiro a mãe. Sua influencia foi preponderante.

Paul Doumer.

Quando meus amigos são vesgos olho-os de perfil.

Jobert.



Costume elegante de setim bege.

OS INCONVENIENTES DO FUMO

A nocividade do fumo já deu e ainda dará motivo para muitas discussões e contestações: uns acusando o fumo dos piores malefícios, outros não admitindo tais acusações.

Vejam agora o resultado de algumas experiências.

Os animais que foram intoxicados pela fumaça ou pela maceração do fumo apresentaram lesões das células nervosas e do fígado, depois de uma intoxicação aguda; na intoxicação crônica, nenhum órgão escapou à ação do veneno; no estômago aumentou a secreção gástrica e diminuiu sua acidez normal; no intestino, a diarreia; o fígado apresentou degenerescência sebácea; os rins, tocados; o aparelho respiratório não apresentou lesões nítidas. Mas no aparelho circulatório os resultados obtidos foram muito desconcertantes: aorta endurecida, os vasos esclerosados, a tensão arterial aumentada, de maneira que se tem o quadro completo da arteriosclerose. Estes dados experimentais servem para a clínica humana.

A intoxicação aguda que, pôde até levar à morte (são citados alguns exemplos), age sobretudo sobre os centros nervosos.

A intoxicação crônica ataca todo o organismo. Os órgãos da mulher sofrem violentamente: daí a explicação de tantas esperanças ficadas em caminho naquelas que fumam, e de tantas creanças que vivem apenas dias, quando já não nascem mortas. O aparelho digestivo é atacado: primeiro do lado das mucosas bucal, lingual e faríngea (stomatites, faringites, leucoplasia, predisposições para o cancer); depois do lado das vias digestivas (perturbações da digestão, falta de apetite, digestão difícil. As vias respiratórias são naturalmente atingidas; mas além da bronquite crônica há ainda o perigo de uma lesão primitiva como a tuberculose, que o fumo agrava seriamente.

Mas é sobretudo do lado do coração e dos vasos que esta intoxicação se manifesta com mais intensidade e gravidade.

Sem ir, como alguns quiseram fazer, até a atribuir ao fumo o primeiro lugar na causa da arteriosclerose, deve reconhecer-se que influe desastrosamente no aparelho circulatório. A hipertensão é de regra. As desordens que o fumo causa nos centros nervosos são: a falta de memória, dores, tremura matinal, vertigens.

Pôde dizer-se com segurança que um fumante que vai além de uma dose moderada se intoxica forçosamente. Segundo a tolerância dos diferentes órgãos submetidos a esta intoxicação, ou é o aparelho digestivo ou o aparelho cardio-vascular, ou então são os centros nervosos que apresentam perturbações mais ou menos acentuadas.

O fumo põe o organismo em estado de menor resistência no que diz respeito às infecções.

As diferentes maneiras de fumar têm influência sobre o grau de intoxicação. No fumador de cigarros, a ação da fumaça do fumo junta-se à dos produtos da combustão do papel.

Os charutos são muito ricos em nicotina e determinam rapidamente efeitos tóxicos. Quanto ao cachimbo, é ele um verdadeiro reservatório de nicotina.

Existem duas categorias de fumantes: os que engolem a fumaça e os que a põem fora. Os primeiros intoxicam-se mais facilmente e estão mais expostos às perturbações.

É fácil tornar-se fumador, mas é mais difícil cessar de fumar, porque não é comum a força de vontade para libertar-se deste vício.



- 1 — Vestido de crepe bege claro, guarnecidas a blusa e a saia com nervuras; faixa de tafetá com listas bege claro, escuro e marron. 2 — Vestido para a tarde, de setim preto, o plastron de crepe branco com bordado de contas brancas e pretas. 3 — Vestido de crepe verde jade, guarnecido com bordado de contas verdes e pretas. Faixa de fita de veludo preto. 4 — Vestido de crepe vieux-rose enfeitado com tiras de tule do mesmo tom. 5 — Vestido de crepe bordeaux, guarnecido com nervuras dispostas em raios. Frente de setim pálido. Cinto do crepe bordeaux com lacinho de setim rosa.

Um meio de impedir em parte a passagem dos produtos voláteis da combustão do fumo, e especialmente a nicotina, consiste em introduzir na piteira uma bolinha de

algodão hidrófilo, que retém esses produtos na passagem; embebida numa solução de ácido tânico ou tanino (1 por 30) será mais eficiente.

CHAPÉUS MODERNOS



Chapéu de tafetá branco com xadrez preto, vermelho e verde, debruado e guarnecido com fita de veludo preto. A bolsa do mesmo tafetá.



Grande chapéu de palha verde, enfeitado com fita preta e grande véo preto.



Chapéu moderno no gênero antigo, em feltro preto guarnecido com rosas brancas e fita preta. Véo fino rendado.



Chapéu de palha bege, guarnecido com fita bege e véo marron.

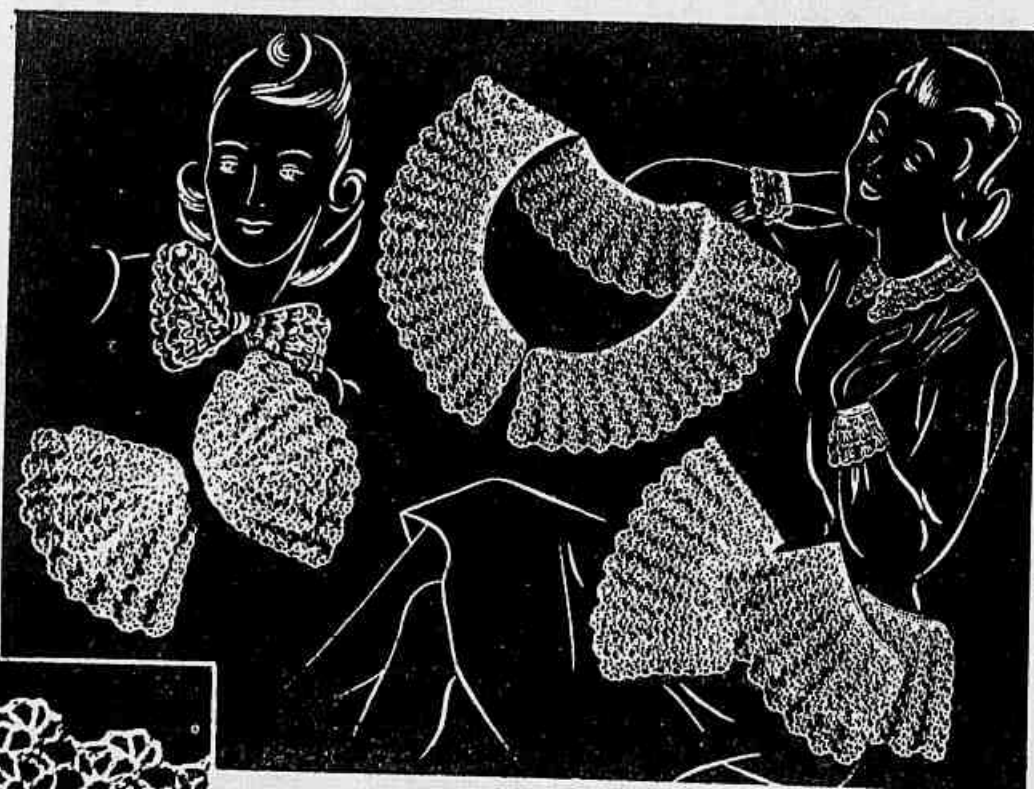
CABELLOS BRANCOS

CASPA

Quêda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

GOLA, PUNHOS E LAÇO DE CROCHET DE LINHA



Deve-se empregar a linha especial para crochet n.º 120, em branco ou em tom muito suave, e uma agulha de crochet n.º 10.

Gola — Fazer uma trancinha de comprimento correspondente á volta do pescoço e fazer sôbre ela duas carreiras de pontos baixos. Em seguida fazer 13 carreiras no ponto de renda (de que damos o desenho junto). Para formar o arredondado da gola

fazer da 4.ª á 7.ª carreiras sempre 1 malha de trancinha entre os pontos simples e os grupos de pontos altos da carreira inferior interrompidos por malhas de trancinha. Da 8.ª á 10.ª carreiras, fazer nestes mesmos pontos 2 malhas de trancinha, e nas últimas carreiras 3 ou 4 malhas de trancinha. Para terminar, uma carreira de pontos simples formando uma espécie de festonados ao redor.

Punhos — Para cada punho fazer uma trancinha com o comprimento necessário e fazer depois 3 carreiras de pontos simples em seguida 17 carreiras no ponto de renda, mas alargando a renda desde a 4.ª carreira da mesma maneira que na gola; terminar por uma carreira de pontos simples.

O laço — Compõe-se de dois pedaços; para a parte exterior, fazer malhas de trancinha medindo 6 centímetros de comprimento, e trabalhar para uma metade, primei-

ro uma carreira de pontos simples, depois 15 carreiras (pouco mais ou menos seis centímetros e meio) no ponto de renda, alargando também como nos punhos. Trabalhar em seguida no outro lado da trancinha. Executar a parte de baixo da mesma maneira, mas medindo a trancinha 7 centímetros de comprimento, e fazer primeiro duas carreiras no ponto simples e depois 20 carreiras no ponto de renda. Contornar as duas peças com uma carreira de pontos simples.

Depois de tudo pronto, molhar levemente com água de gelatina depois de ter pregado a renda com alfinetes inoxidáveis. Franzir depois as duas partes do laço, no centro, encobrir o franzido por um clip.

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
CASA CIRIO — OUVADOR 181

tempo guardados; evita-se isto embrulhando-se-os em papel azul. Deve-se, por esta mesma razão, forrarem-se as gavetas de roupas brancas com papel azul.

Para lavar as rendas — Juntar um pouco de açúcar na água de enxaguar quando lavar as rendas e tecidos finos, obtem-se um brilhante que o amido não pôde dar.

Graxa barata — 50 grs. de cera amarela, 50 grs. de preto de marfim, 150 grs. de essência de terebintina, e uma colherinha (das de chá) de vaselina.

Maneira de preparar — Por meio de um ferro quente fazer cair a cera dentro da terebintina, juntar depois o preto e misturar bem o todo com a vaselina.



Toilette elegante. Saia de crepe Georgette cinza claro, plissada, a blusa de chamalote do mesmo tom, bordada com lentejoulas no tom prata acinzentado.



Costume de lã bege escuro, gola gravata de pele de lontra.

BIGODE
DE / ENHOVA / E VERRUGA /
EXIMINACÃO GARANTIDA
TRATAMENTO / DA CUTIS /
PELA / CIENCIA MODERNA
SÃO PAULO
AV. BRIG. LUIZ ANTONIO 1471

CONSELHOS PRATICOS

Para tirar as manchas feitas por cigarros — Num cinzeiro de cobre ou de porcelana, tiram-se facilmente as manchas esfregando o objeto com uma escova embebida no álcool.

Para conservar a brancura da roupa. — Toalhas e lençóis que não são sempre usados amarelecem quando ficam muito

HEMORROIDAS E VARIZES Tratamento sem Operação

Após longos estudos foi descoberto um remédio de componentes vegetais, que permite fazer um tratamento, absolutamente seguro, das hemorroidas e varizes. HEMO-VIRTUS é o nome desse remédio, que para hemorroidas internas e VARIZES deve ser tomado na dose de 3 colheres de chá por dia. Para as hemorroidas externas, usa-se o HEMO-VIRTUS, pomada. Comece hoje mesmo e leia com atenção o tratamento na bula. Não o encontrando em sua farmácia, peça-o ao depositário. CAIXA POSTAL 1.874 (UM-OITO-SETE-QUATRO) — SÃO PAULO

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, INFLAMAÇÕES,
ESPINHAS, CRAVOS, SARDAS, ETC.
MELHOR QUE QUALQUER CRÊME DE TOUCADÔR

Modelos para Crianças

Para os meninos



- 1 — Sobretudo de gabardine impermeabilizada, nas costas pala e préga dupla.
2 — Sobretudo de lã branca com grandes bolsos aplicados e pespontos. Com prega e cinto atrás. 3 — Roupas compostas de casaco e calção largo, de casemira ou linho de fantasia. Camisa de jersey de côr. 4 — Roupas de lã, de xadrez marron sobre fundo beige claro. O casaco com pregas e cinto do próprio tecido.

Preceitos de higiene

AS ADENOIDITES

Esta é uma questão de importância capital na saúde das crianças. Manifesta-se do modo seguinte:

Uma criança entre quatro e doze anos apresenta francamente todos os sintomas das vegetações adenoides. A presença dessas vegetações tem por primeira consequência prejudicar o mecanismo da respiração criando um obstáculo no percurso do ar aspirado. A criança respira então pela boca, o que é deplorável para a sua saúde; sua inteligência, seu gosto pelo trabalho diminuem porque o seu sangue é pobremente oxigenado; além disso, sobreveem deformações físicas na forma do esqueleto da cabeça e espe-

cialmente dos maxilares e dos dentes.

Naturalmente os que têm vegetações evidentes são hoje operados. Mas infelizmente o mesmo não se dá com aqueles cujas vegetações são menos nitidas. A família não acha que valha a pena uma intervenção, e deixa crescer a criança sem incomodar-se com a sua cavidade nasal, tanto mais que nada revela o perigo. E no entanto ele existe. Eis aqui o que se passa nestes casos que pareciam benignos:

Enquanto as vegetações se conservam pequenas, a criança respira normalmente e tudo vai regularmente, mas se de repente essas vegetações inflamam-se e infectam-se, é adenoidite. A criança não passa bem; tomando-se a sua temperatura percebe-se que todas as noites sobe a 37, 5, 37, 6; come pouco, brinca menos e estuda mal;



- 1 — Vestidinho de flanela escocesa, gola, punhos e bolsos de flanela branca. 2 — Vestidinho de flanela ou crepe verde. Na gola, punhos e bolsos, babadinhos de crepe branco. 3 — Vestido de crepe azul, com gola e punhos de fustão branco. 4 — Vestidos de flanela ou toile de seda rosa com listas brancas, gola, punhos e cinto de fustão branco. 5 — Vestidinho de lã vermelha, com gola e punhos de crepe escocês.

seu tubo digestivo funciona mal. Procuram a causa, tonificam a criança, aconselham-se o ar livre e o repouso, fala-se em tuberculose ou simplesmente de infecção intestinal, são instituídos regimens e tratamentos... mas nada adianta. Porque todo o mal está na adenoidite na qual não se pensa porque os sinais exteriores das vegetações não estão visíveis.

Deve-se, pois, pensar na adenoidite todas as vezes que o estado de saúde da criança deixa a desejar sem uma causa evidente.

Para se desenvolver normalmente e sem acidentes é preciso que a criança tenha sua cavidade nasal livre de todas as vegetações, por menores que sejam. Um exame de bom especialista tirará todas as dúvidas. Não hesitem em mandar fazê-lo.

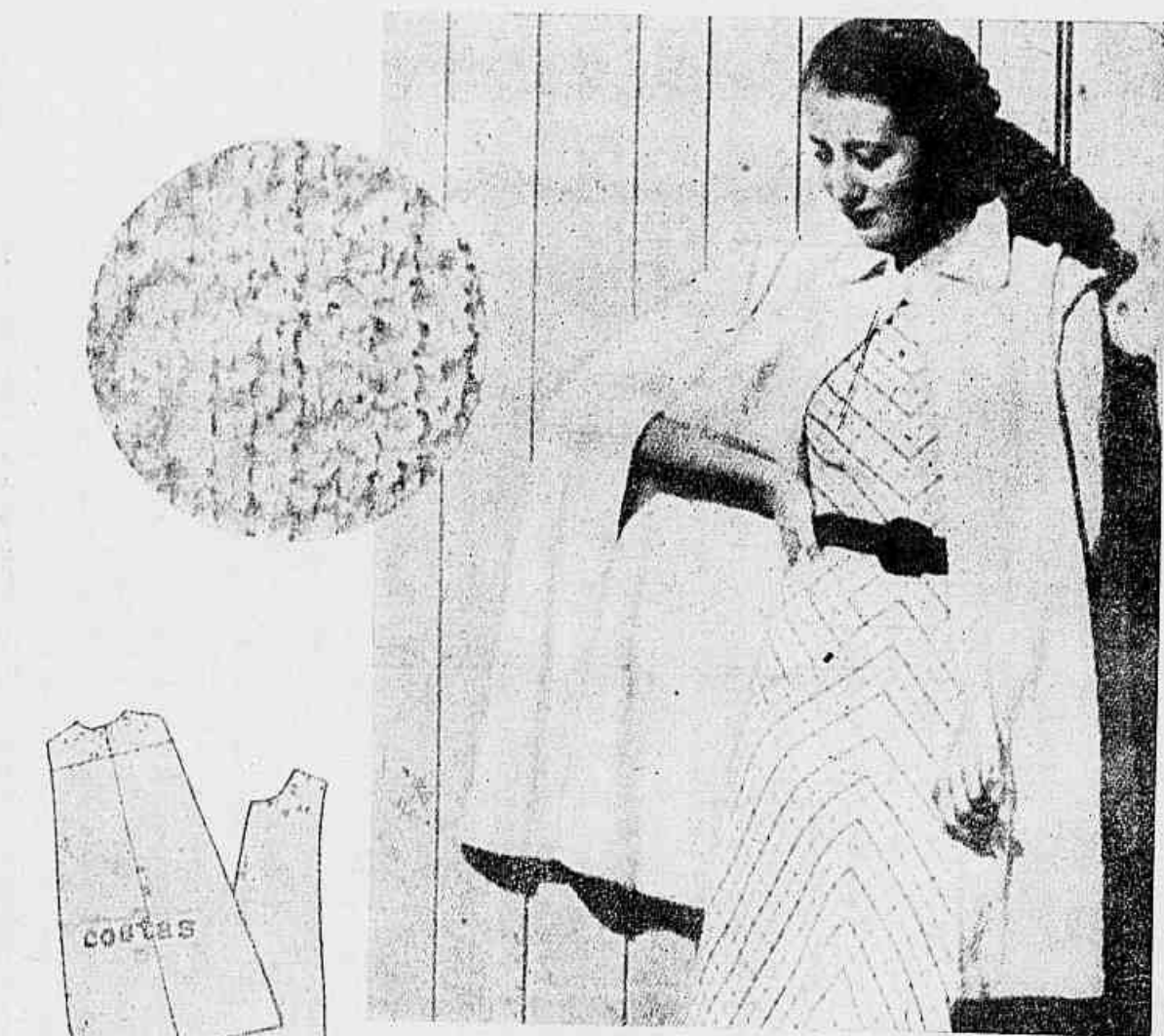


- 1 — Vestidinho de crepe florido, fundo branco com rosinhas vermelhas, guarnecido com fita vermelha ou verde. Gola de crepe branco. 2 — Blusa de flanela branca com gola azul marinho em faille ou no tecido de lã das calcinhas; souches de seda ou de algodão



- 1 — Vestidinho simulando um costume, em lã ou linho vermelho, gola e punhos de fustão branco. 2 — Vestidinho de flanela branca com gola vermelha, deste mesmo tom o bordado. 3 — Vestidinho de lã ou crepe verde, guarnecido com o mesmo tecido branco com xadrez verde.

CAPA DE LÃ BRANCA



Para esta capa de lã crespada são necessárias 720 grs. e duas agulhas longas de 3mm. de diâmetro.

As medidas dadas para manequim 42. Para cada manequim diferente juntar ou diminuir pouco mais ou menos 12 malhas (3 malhas nos panos da frente em cada um, 2 malhas de cada lado dos panos dos lados e 2 malhas nas costas).

Todo o trabalho é executado no ponto de jersey: uma carreira pelo direito, uma carreira pelo avesso.

Execução — A capa compõe-se de 5 partes: dois pedaços iguais para a frente, dois pedaços iguais para os lados e um só para as costas. Para uma das partes da frente pôr na agulha de tricot 65 malhas.

Tricotar no ponto de jersey primeiro 10 centímetros em linha direita. Continuar em seguida a beirada da frente em linha reta e simultaneamente do lado da costura fazer sempre uma diminuição todos os dois centímetros até que restem apenas 35 malhas; quando medir 70 centímetros de altura, fechar do lado da frente para o decote uma vez 11 malhas, e com uma carreira de intervalo três vezes 2 malhas e uma vez 1 malha. Quando o trabalho medir 86 centímetros fechar em duas vezes as 17 malhas restantes para o ombro. Fazer o outro lado da mesma maneira. Para uma das partes dos lados que se começa pela parte de baixo como a frente, pôr na agulha de tricot 95 malhas. Tricotar 8 centímetros em linha reta. Fazer em seguida de cada lado sempre uma diminuição todos os 3 centímetros. Quando o trabalho tiver 65 centímetros de altura, fechar de cada lado com uma carreira de intervalo 10 vezes 1 malha, oito vezes 2 malhas e de uma só vez as malhas restantes. Fazer a outra parte da mesma maneira.

Costas — Começa-se pela parte de baixo. Pôr na agulha de tricot 100 malhas. Tricotar 8 centímetros em linha reta. Fazer em seguida de cada lado sempre uma diminuição todos os 3 centímetros, até que restem apenas 60 malhas. Quando o trabalho medir 86 centímetros de altura, fechar as 16 malhas do meio. Terminar cada lado separadamente fechando para formar a gola com uma carreira de intervalo 2 vezes 2 malhas e 1 vez 1 malha. Fechar em duas vezes as 17 malhas restantes para formar o ombro.

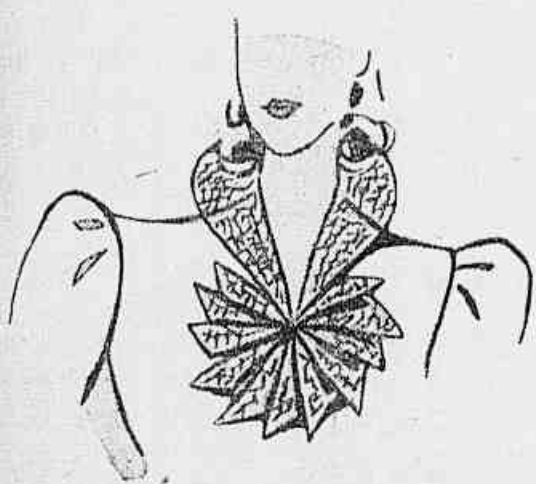
Gola — Começar pela beirada interior pondo na agulha de tricot 75 malhas. Tricotar 4 centímetros em linha reta. Fechar então as 10 malhas do meio. Trabalhar um lado em linha reta para a beirada da frente e simultaneamente em seguida às malhas já fechadas sempre 3 malhas com uma carreira de intervalo até que restem 16 malhas, que são fechadas 4 por 4. Terminar o outro lado da mesma maneira.

Ombreiras — Começar por uma das extremidades e terminar pela outra. Pôr na agulha de tricot 3 malhas. Tricotar uma das beiradas em linha reta (lado que se prende no ombro). Simultaneamente do lado oposto, fazer sempre um aumento com uma carreira de intervalo até obter-se 18 malhas. Tricotar 10 centímetros em linha reta. Fazer em seguida diminuições equivalentes aos aumentos do começo até ficarem apenas 3 malhas, que são fechadas de uma só vez. Fazer uma outra ombreira igual.

Depois passar a ferro cada parte cuidadosamente com um pano humido por cima. Debruar com um cadarço de seda as ombreiras.

Fazer uma bainha de dois centímetros em volta da capa depois de feitas as costuras. A capa pôde também ser toda debruada com um cadarço de seda bastante largo.

Golas com jabots



Gola e jabot organdi bordado



Gola, jabot e punhos de crepe ou setim, guarnecidos com botões.

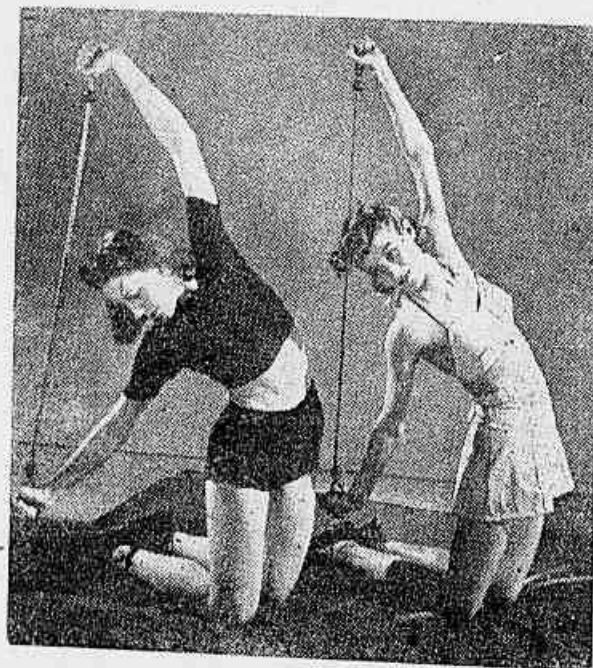
Saúde e beleza pelo exercício

Lithe-Line (linha flexível) aparelho para ginástica de Helena Rubinstein

Este aparelho, que recebeu o nome de Lithe-Line, é elástico, uma edição mais delicada do hard-rubber straps que faz desenvolver os músculos dos atletas. Agem estes exercícios da mesma maneira que os que fazem instintivamente os gatos, obtem as criaturas civilizadas os mesmos efeitos que os felinos, quer dizer toda a flexibilidade do corpo.



Com os braços para cima esticar o aparelho o mais possível, as pernas separadas, inclinar o busto para a direita e para a esquerda, um pouco para a frente e um pouco para atrás, como mostram as fotografias.



De joelhos esticar o aparelho com um braço para cima e o outro para baixo inclinando só o busto, indireitar o busto continuando a esticar o aparelho e depois inclinar-se para o outro lado. Fazer 10 vezes para cada lado.



De joelhos esticar uma perna para atrás, os braços erguidos esticando o aparelho. Encolher a perna esticada e esticar a outra com os braços sempre na mesma posição, e não mexendo com o busto.

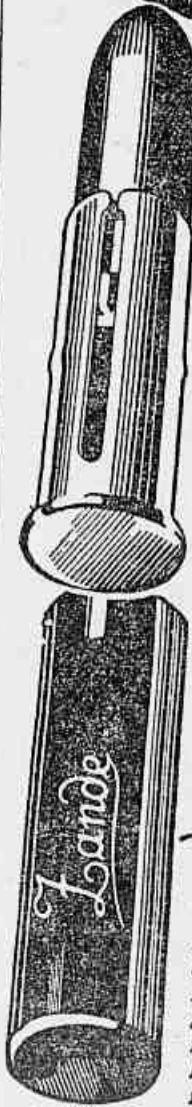
Como possuir lábios que os homens adoram!



Baton Zande

Imprima aos seus lábios, com o Baton ZANDE, esse poder de sedução que subjugou os homens... a suave tonalidade vermelha da própria Natureza. Este baton novo, de grande efeito, é caricioso e dura mais quando aplicado. Não seca os lábios. Seis cores modernas ZANDE.

(Só se vende ZANDE nas melhores casas — quatro tamanhos, mas todos a um preço que o põe ao alcance de todos os lábios.)



... e o Rouge ZANDE!

Rivaliza com a Natureza em suavidade e encanto de tons. É mais fácil de aplicar. ZANDE adere maravilhosamente à cutis durante muitas horas. Seis cores — para harmonizar com o famoso Baton ZANDE.

Sapatos praticos nor te-americanos



Sapato de pelica envernizada para acompanhar os costumes elegantes.



Sapato de pelica com guarnição perfurada, para acompanhar os vestidos para a rua.



Sapato de couro macio, guarnecido com pespontos e laço de fita.



Sapato sem costura, de pelica flexivel, muito confortavel.

Novo... CREME Desodorante que Detém A Transpiração das Axilas sem perigo



1. Não danifica os tecidos, não irrita a pele.
2. Não é preciso esperar que seque.
3. Detém instantaneamente a transpiração de 1 a 3 dias. Remove o odor da transpiração.
4. Um creme evanescente, branco, puro, sem gordura.

ARRID traz os Selos de Aprovação dos Institutos Internacionais de Tinturaria, como indicativo aos tecidos.

Mulheres usam mais Arrid do que qualquer outro desodorante. Experimente um pote hoje mesmo!

ARRID

99500

Tamanho pequeno 45808

TOILETTES PARA CASAMENTO



- 1 — Vestido para noiva, de setim branco, guarnecidas a pala e as mangas com entremeio de renda. Toque de renda, com fita, mantém o véu.
- 2 — Vestido elegante de crepe marocain marron dourado, bordado com seda do mesmo tom.
- 3 — Vestido para noiva, de setim branco, tiras franzidas na frente e amarradas com laços formam uma especie de golla atraz.
- 4 — Vestido para noiva, de pesado crepe branco, a barra da saia e o corpo com incrustações de rico entremeio de renda. O véu mantido por um bouquet de flôres de laranja.
- 5 — Costume de renda preta, o casaco guarnecido com pequenos laços de fita de velludo preto.



Sapato de couro bege, cómodo para a marcha.



Sapato de pelica preta, com guarnição perfurada. Para acompanhar os costumes.

BONANÇA

A voz que fazia um barulho de oceano calou-se enfim! Acreditava estar junto dum abismo onde a vaga se atira.

Mas, agora, não é mais que um lento suspiro da onda expirante, que vem, languida e terna, morrer sobre a praia.

E' doce este suspiro do Vento apaziguado! Acaricia a alma como dá á areia um leve beijo a indolente vaga.

Os nervos e o espirito estão esgotados: o mal?... adormecido. Tudo está cansado: o Vento, o coração, o corpo — gozemos a bonança.

L. M. Chaloché.

ORNAMENTAÇÃO DO LAR



Os vasos com plantas estão na moda como guarnição das casas

A' direita :

Interessante guarnição para o exterior da casa: vasos com folhagens ou flôres sobre peanhas, que tanto podem ser feitas com mármore, azulejo, quanto com cimento.



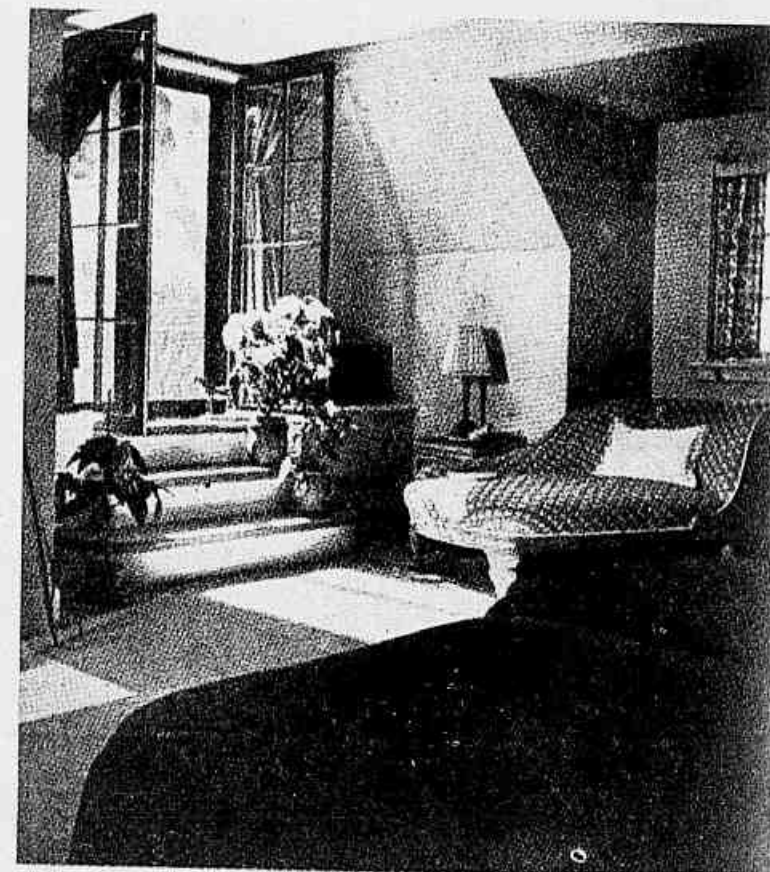
A' esquerda :

Guarnição original de ferro laqueado para vasos. Gerânios de diversos coloridos, ciclâmens brancos e rosas guarnecem estes vasos, para enfeitar terraços e varandas.

PENSAMENTO

Não toquemos nas ilusões da mocidade como não devemos tocar nas pétalas de uma rosa, porque basta arrancar uma para fazer cair todas as outras.

Ch. Rozan.



Vasos com flôres e folhagens guarnecem a escada de um hall.

**CORTINAS • MOVEIS
PASSADEIRAS • STORS**
A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL

ASA MARCA **UNES** REGISTRADA

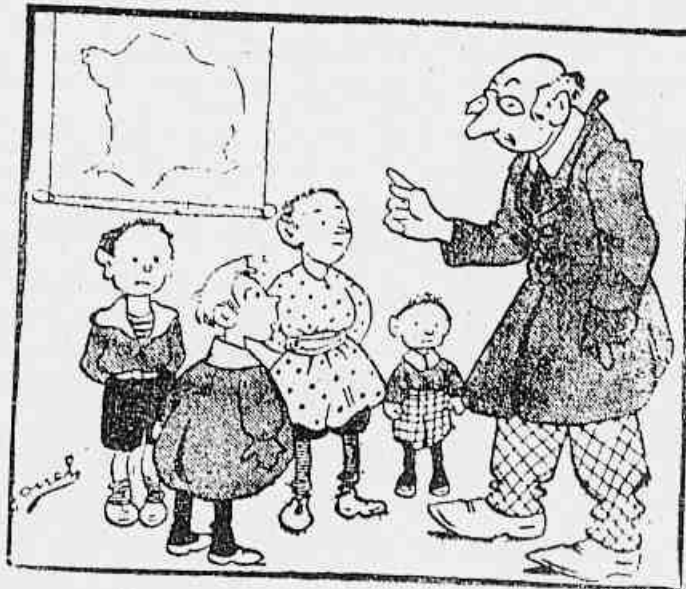
MATRIZ E ESCRITÓRIOS **65 • RUA DA CARIOCA • 67**
E TAMBÉM NO ANEXO A RUA 7 DE SETEMBRO, 82 JUNTO A AVENIDA

Caricaturas estrangeiras



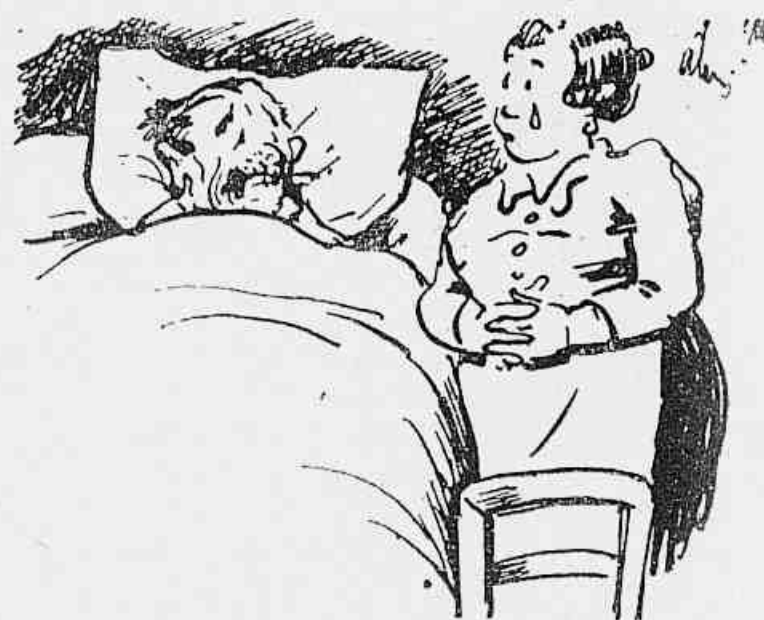
— Você diz que me ama, minha querida noiva, mas ama também as borboletas, as aves, as andorinhas...

— O' sim! E verdade! Gosto de todos os animais...



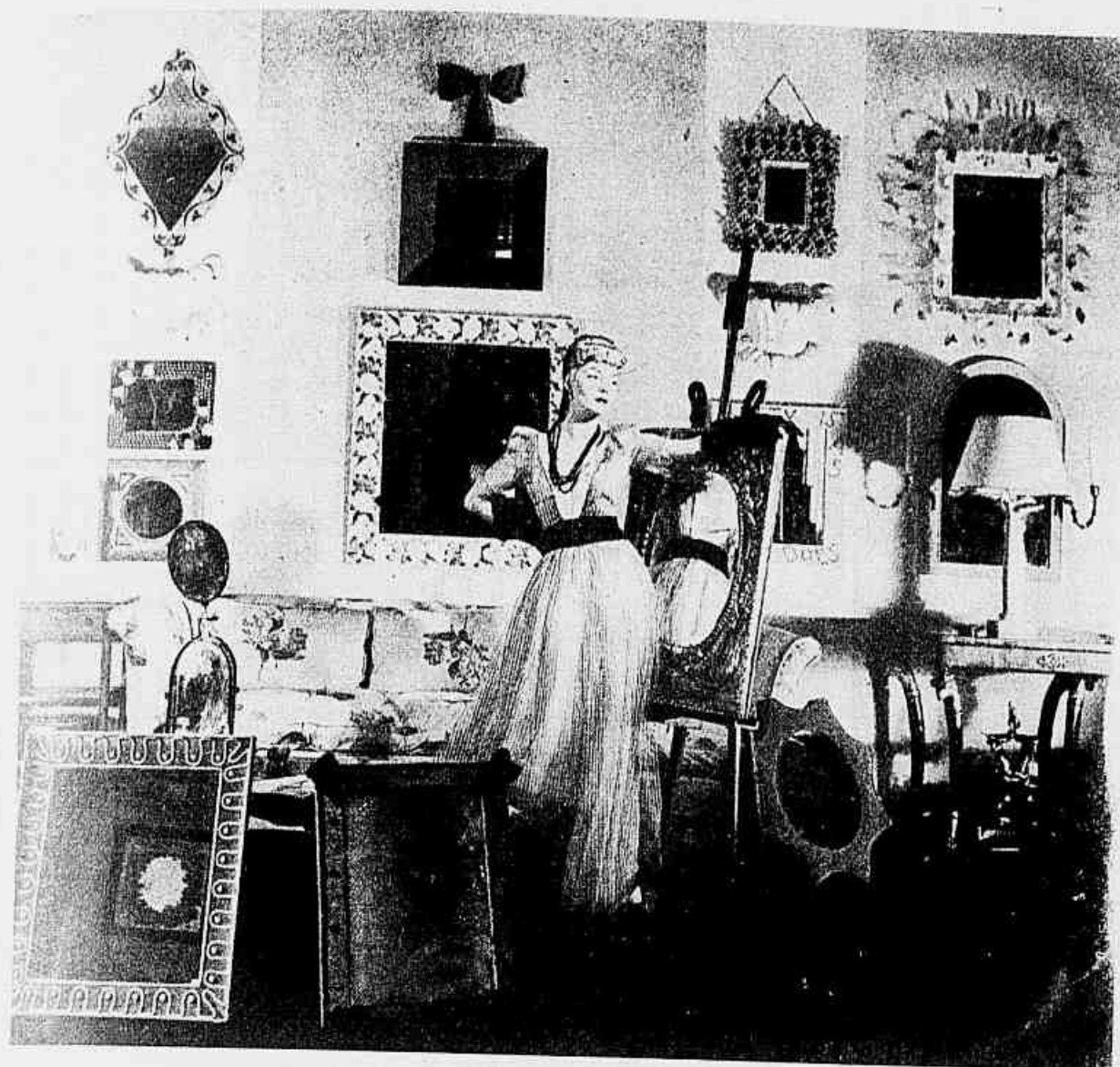
— Depois de haver creado o céu, a terra, o sol, a lua, as estrelas, que é que Deus fez num dia em que estava encolerizado contra as crianças da terra?

— Creou... o professor.

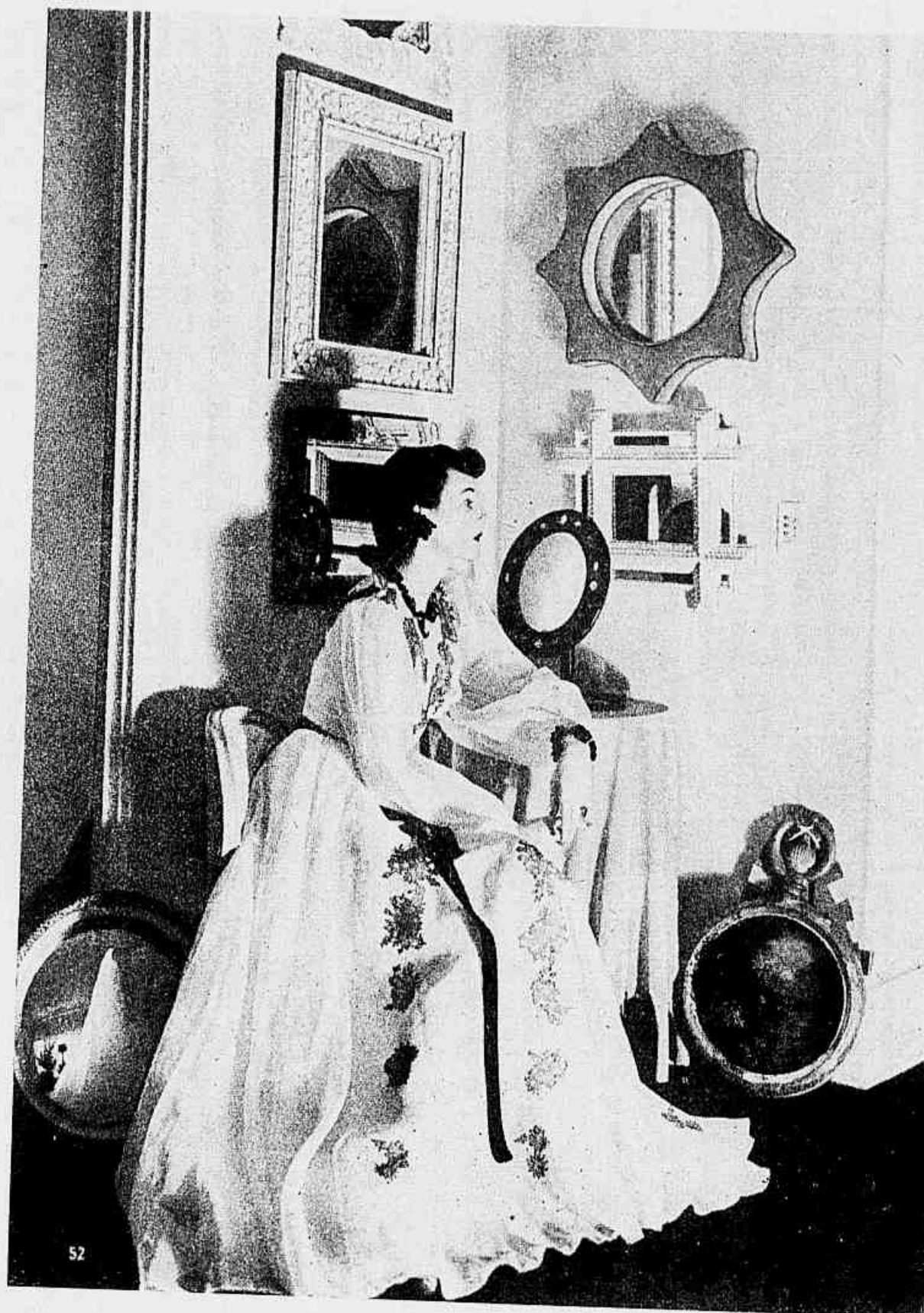


— Como não me sinto nada bem desejaria reconciliar-me com o meu mais mortal inimigo...
— O que posso fazer para isso?
— Dar-me um copo d'agua!

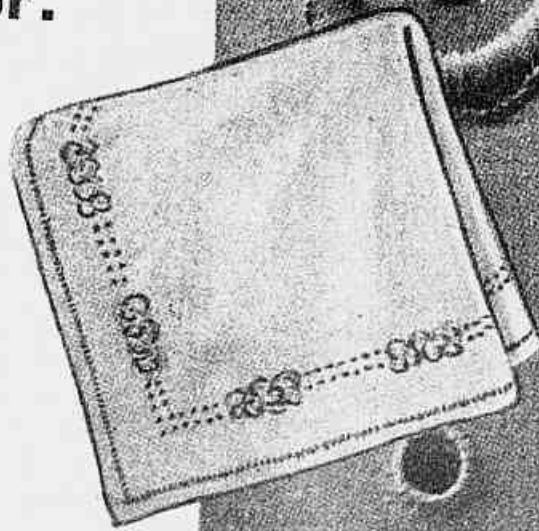
Uma exposição de espelhos nos Estados Unidos



Espelhos modernos, espelhos antigos, os Venezianos e Victorianos ao lado dos humorísticos. As molduras ricas guarnecidas com perolas, trabalhadas na prata, junto com as de folheta; outras guarnecidas com tachas, com babados de organza, com flôres esmaltadas, forradas com sedas, guarnecidas com bordados. Molduras de todos os feitios, uma tendo mesmo o feitio de uma caixa de relógio. Junto a esses espelhos dois vestidos modernos. Um de tulle listado de branco e preto, com faixa de setim preto e colar de vidrilhos pretos e cristal branco, o outro de marquissete branca com aplicações de renda preta.



Lençol e fronha
bordados e guar-
necidos com bai-
nha aberta.
Em linho branco
ou de côr.



VARIEDADES

O que simbolizava a folha de louro para os antigos?

A folha de louro simbolizava, para os Gregos e Latinos, o dom da profecia e do entusiasmo poético, o merecimento e a virtude, a vitória e a alegria. Uma corôa de folhas de louro era entregue (e é a origem da palavra laureado) áqueles que venciam nos Jogos Pythianos, era dada também aos poetas, aos grandes oradores, aos generais vitoriosos.

Os emblemas dos magistrados de Roma, dos ditadores, consules, censores, etc. eram coroados com louros quando estes se tinham tornado dignos pelas suas façanhas ou serviços prestados.

Nas cerimônias dos triunfos, os generais não usavam somente o louro em volta da cabeça, mas também na mão. Os mensageiros, encarregados de levar as notícias da vitória ou do sucesso, amarravam algumas folhas na ponta do seu dardo, guarneciam também as táboas dizendo respeito a essas notícias, a popa dos navios vitoriosos ou partindo para alguma expedição gloriosa.

Quando sucedia algum acontecimento feliz, punham folhas de louro na entrada das casas, em sinal de alegria.

PARA QUE ?

Diz-se que é preciso procurar o útil: não o contraditório. Diz-se que se deve fugir do fútil e tem-se razão neste ponto. Diz-se... oh! diz-se tantas coisas

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

contra os objetos supérfluos! Diz-se mesmo que não deve haver mais.

Para que servem as rosas? Para que serve a faceirice? Para que serve a canção? O perfume da violeta? O alegre chilrar do passarinho? Para que servem o mármore e a tela? Um olhar alegre ou comovido? A doce claridade duma estrela?

Benditos sejam sobre a terra os tesouros que não servem para nada; do belo o divino mistério ajuda-nos a prosseguir no bem. Amemos o que alimenta a chama e a faz subir para o azul. Amemos o que torna o coração puro; amemos o que faz vibrar a alma!

Th. Monod.

N O S S A A L I M E N T A Ç Ã O

MENU DE JANTAR

SOPA DE LEGUMES
PASTELÃO DE PEIXE — SALADA DE ALFACE
LINGUA COM MOLHO DE VINHO — NHOQUES COM QUEIJO

PATO RECHEIADO — BOLO DE LEGUMES
ARROZ DOCE COM PERAS E MAÇÃS

—oOo—

SOPA DE LEGUMES

Cortar em fatias 4 alhos poireaux e pôr para refogar na manteiga bem quente, fogo brando para não escurecer. Depois de bem refogado juntar 1 litro e meio de caldo ou de água quente e 500 grs. de batatas bem farinhentas, descascadas e picadas; depois juntar uma colher de puré de tomates, temperar com sal e deixar cozinhar com a panela tampada umas duas horas.

Neste momento, tudo deve estar reduzido a um puré espesso; passar numa peneira e juntar um pouco de creme de leite ou de manteiga.

PASTELÃO DE PEIXE

Fazer uma massa com 750 grs. de farinha de trigo, 250 grs. de manteiga, 4 gemas de ovos, uma pitada de sal, 4 ou 5 decilitros de água. Desmanchar a manteiga na água e depois ir incorporando pouco a pouco a farinha, de maneira a obter uma massa firme depois de juntadas as gemas; abrir a massa três vezes, empurrando-a com as palmas das duas mãos juntas, depois formar uma bola e deixar a massa descansar uma meia hora.

Preparar 700 grs. de peixe, picar a carne e tirar as peles e espinhas. Ralar uma cebola (pequena) dentro de uma panela com manteiga, juntar o peixe picado, deixar refogar alguns minutos em fogo forte, mexendo para não pegar no fundo, temperar e juntar meio copo de vinho Madeira, deixar dar umas fervuras com a panela tampada, depois retirar do fogo e deixar o picado de peixe esfriar dentro da panela.

Forrar uma fôrma ou prato que vá ao forno com os três quartos da massa aberta com o rolo. Pôr dentro o ensopado de peixe, ao qual se juntou 400 grs. de palmitos cozidos em água e sal, e temperados em seguida com manteiga. Encher para formar monte acima do nível do prato. Cobrir com o resto da massa aberta mais fina que a parte de baixo. Depois de aparar as massas em toda a volta apertar com os dedos para formar uma espécie de tuyaute. Com as aparas da massa formar rodela para enfeitar o pastelão; abrir um furo bem no centro (assar a parte uma rodela para cobrir depois o furo); pintar o pastelão com gema de ovo desfeita com uma colherinha de manteiga. Deixar assar no forno uma hora ou mais sendo preciso.

Depois de pronto o pastelão, se fôr assado na fôrma, passar para o prato, com um funil metido no furo já feito na massa, despejar dentro um molho feito com as aparas do peixe, bem temperado com manteiga, cebola, tomates, etc.

LINGUA COM MOLHO DE VINHO

Depois de ter feito cozinhar a lingua durante duas horas, tirar a pele. Pôr numa panela pedacinhos de toucinho e fritar com um pouco de manteiga, refogar nesta gordura cenoura picada, uma cebola com um cravo da Índia espetado, depois juntar a lingua, deixar tomar cor virando a lingua diversas vezes, em fogo brando. Molhar em seguida com o caldo, no qual foi cozida a lingua e um copo de vinho branco, deixar ainda cozinhar bastante tempo.

Retirar a lingua, coar o molho, engrossar com um pouco de maizena. Colocar a lingua na travessa e enfeitar em volta com azeitonas e bagos de uva branca, despejar por cima da lingua um pouco de molho, o resto vai na molheira.

—oOo—

NHOQUES COM QUEIJO

Pôr numa panela 100 grs. de sêmola, 4 gemas de ovos e duas claras, mexer bem e juntar um litro de leite, 50 grs. de manteiga; temperar com sal, colocar a panela sobre fogo brando e ir mexendo até ligar e engrossar; juntar fôra do fogo um punhado de queijo parmesão ralado. Despejar a massa sobre taboleiro humedecido, para formar uma camada de um centímetro de espessura; deixar esfriar. Cortar depois em rodela ou triângulos, colocar numa travessa que vá ao forno bem untada com manteiga, peneirar por cima queijo parmesão ralado, regar com manteiga derretida e pôr para tostar no forno uns dez minutos.

PATO RECHEIADO

Depois de limpo o pato, recheiar com a seguinte mistura. Passar na máquina um pedaço de carne de porco assada, umas fatias de presunto, o fígado do pato, já cozido; juntar a esta massa salsa muito bem picada e um pouco de cebola ralada. Ligar a massa com um pouco de manteiga. Refogar o pato na manteiga numa panela; juntar depois um pouco de caldo de carne, acabar de assar no forno.

—oOo—

BOLO DE LEGUMES DE TRES CORES

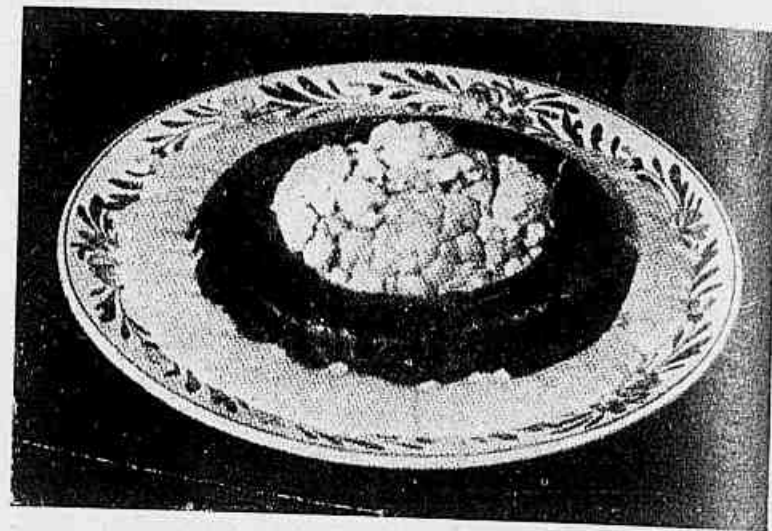
Este prato muito decorativo é também muito gostoso. Compõe-se de uma coroa de espinafres, tendo no centro couve-flôr e em volta um puré feito com batatas e cenouras cozidas.

Para um bom prato, pôr para cozinhar na água fervendo 2 quilos e meio de espinafres. Espremer bem para retirar toda a água, bater, juntar a terça parte de um molho com meio litro de leite, 30 grs. de manteiga e 70 grs. de farinha de trigo. Despejar esta mistura numa fôrma larga e baixa com grande abertura no centro. A

fôrma bem untada com manteiga, deixar de parte. Pôr para cozinhar uma couve-flôr no leite misturado com água, tomar cuidado para ficar perfeita a couve-flôr, escorrer a água e conservar com a panela tampada para não esfriar.

Fazer um puré bem passado na peneira com duas partes de batatas para uma de cenouras bem coloridas. Temperar o puré depois de passadas na peneira batatas e cenouras com um pouco de leite e manteiga.

Virar a fôrma dos espinafres num prato redondo, depois de ter aquecido bem, pondo a fôrma em banho-Maria uns dez minutos. Rodear com o puré e arrumar



no centro a couve-flôr, despejando por cima da couve um pouco do molho branco bem quente.

Pode-se colorir o puré com um pedacinho de beterraba, assim como se pode cobrir a couve-flôr com molho amarelo.

ARROZ DOCE COM PERAS E MAÇÃS

Pôr para cozinhar o arroz com leite; depois quando já estiver bem cozido, juntar um pouco de manteiga e duas ou três gemas de ovos.

Forrar com uma boa camada o fundo e os lados de uma fôrma untada com manteiga; apertar bem a camada de arroz, para não se desagregar.

Prepara-se uma marmelada de peras e maçãs (meio kilo), mais maçãs que peras; pôr para cozinhar depois de descascadas e tiradas as partes duras e as sementes com uma xícara de água, dois calices de vinho moscatel, 100 grs. de açúcar se as frutas não forem ácidas, juntar um pouco mais, sendo preciso. Esmagar as frutas, mas deixando alguns pedaços inteiros.

Encher com esta marmelada o vazio da fôrma, cobrir com uma camada de arroz. Pôr a fôrma em banho-Maria uns 25 minutos para servir quente esta sobremesa.

Fazer uma calda, fervendo as cascas e aparas das frutas com água e vinho moscatel, coar, pôr o açúcar necessário, juntar algumas passas ao molho, despejar bem quente sobre o bolo de arroz doce, depois de tirado da fôrma.

A DANÇA DE SÃO GUIDO

Esta doença, que ataca as crianças no período que vem da sua segunda dentição á puberdade, é muitas vezes confundida com os tiques nervosos nas crianças que não podem ficar quietas. Na realidade são coisas bem diferentes. A dança de São-Guido ou antes a coréa (seu nome científico) manifesta-se por uma série de convulsões musculares, involuntárias e incessantes, menos durante o sono. A criança faz caretas, suas mãos estão sempre agitadas por movimentos desordenados, fala dificilmente e apresenta ás vezes perturbações mentais.

É preciso saber distinguir o tique do movimento coréutico.

O tique é regular, repete-se, é um gesto previsto; pelo contrario, na dança de São-Guido o doente faz movimentos inesperados, irregulares. Gesticula. O que faz tiques é um obcecado, enquanto que o coréutico não apresenta nenhum sinal de obsessão mental e difficilmente tem mais de quinze anos. Por esta razão, não afirmem logo que a criança está com a

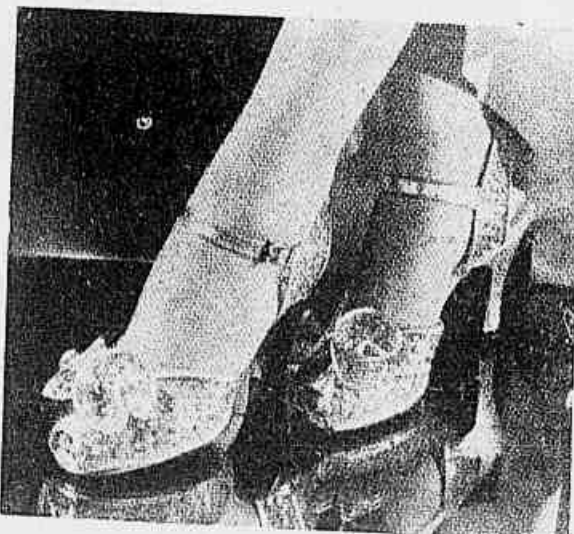
SAPATOS ELEGANTES



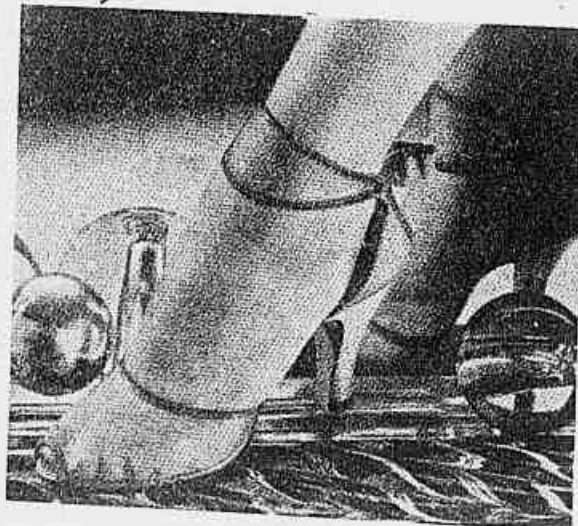
Sapatos para a noite, de damassé vermelho, ve de e ouro.



Sapatos para acompanhar as toilettes de jantar de camurça preta.



Sapatos para a noite, de organza bordada.



Sapatos para a noite de organza branca, debruados com um vizez vermelho.

dença de São-Guido, quando tem movimentos nervosos.

De onde vem esta doença? Evidentemente a hereditariedade tem um grande papel e é raro não se encontrar na ascendência do doente nevropatas caracterizados. A frequência do reumatismo articular nas famílias de coréuticos faz com que se pense se a origem reumatismal na dança de São-Guido não é certa. Muito se tem discutido sobre isto sem que haja acordo. Para uns, a coréa é uma doença de fundo reumático antes de tudo; para outros, ha nisso apenas uma coincidência que se tomou por causa. Charcot era desta última opinião. Para elle, encontrava-se muitas vezes nessas crianças a existencia de duas diateses tantas vezes unidas: nervosa e artrítica. Mas o artritismo não podia ser o acusado. Alguns medicos decidiram ser só uma manifestação histerica e, naturalmente, falou-se mesmo dum microbio especial.

Mas dizer-se que esta doença é curável não quer dizer não seja preciso cuidar-se dela, porque deixada sem tratamento expõe o doente a complicações graves. Muitos são os tratamentos para esta doença, e sempre que são preconizados muitos, é porque não ha nenhum muito bom. É o caso, aqui. Toda a serie de sedativos passou, associando-os á hidroterapia e á electricidade. Não se conseguiu no entanto nenhum resultado, apenas se obteve uma calma relativa á criança.

Atualmente tende-se a abandonar o meio medicamentoso, para só empregar estes três processos: o repouso, o isolamento e a disciplina psico-motriz, quer dizer que se esforçam em vigiar a criança para corrigir os movimentos inconscientes e nervosos.



Senhoras!

CAPSULAS

MENAGOL

PARA FALTA DE MENSTRUACÃO

APR. PELA GENS. SANIT. N. 10-1-1

O "MICROFONE DOS ASTROS" RECEBE MAIS UMA ESTRELA!

VIRGINIA LANE estreará na P. R. A. 9, no dia 12, às 21.30 horas, com um programa de sambas e marchas



Virginia Lane — essa encantadora criatura que domina com a beleza da sua voz e a graça dos seus gestos uma legião apreciável de fans do cinema e do rádio — acaba de ingressar no "cast" da Mayrink Veiga.

É uma notícia agradável para os sintonizadores do microfone mairinkiano, porquanto ela é uma excelente intérprete da música popular brasileira e, consequentemente, proporcionará momentos encantadores de prazer espiritual.

Virginia Lane será apresentada ao público ouvinte da P. R. A. 9 no dia 12, terça-feira, às 21.30 horas, com um programa de magníficas primeiras audições.



CIA. SOUZA CRUZ